



VITÓRIA DA JUVENTUDE
Vias do futuro
em construção

ANTÓNIO SOARES | CABINDA



O bispo de Cabinda abre a porta a todos

D. FILOMENO
Fiéis estão unidos
à volta do bispo
e reforçados na fé

D. Filomeno Vieira Dias é um bispo consensual porque defende os princípios da sua Igreja, sem desvios. E considera todos os fiéis iguais e irmãos em Cristo. Para todos os seres humanos, as portas estão sempre abertas. PAG|4|5

MAIOMBE
Exploração
de madeira
está em alta

Considerada uma área de negócio em crescimento, a exploração de madeira na província de Cabinda já teve dias e noites de pesadelos. Quem conhece a história afirma que, até há cinco anos, os empresários que investiam na exploração de madeira eram considerados “suicidas”. PAG|6|7

EDUARDO PEDRO | CABINDA



Nasce no Yabi agricultura biológica

ALDEIA DO YABI
A felicidade
bateu à porta
dos moradores

A aldeia do Yabi, nos arredores da cidade de Cabinda, vive grandes mudanças. Nas suas planícies está a nascer um projecto agrícola que dentro de um ano vai produzir em grande escala banana, abacaxi e citrinos: a fruta é “biológica”, sem químicos. PAG|16|17

REALIDADE CONTRA A FICÇÃO

Percurso de Cabinda desde vila do Congo Português

O território só ficou enclave quando a Bélgica “roubou” uma frente de mar para a sua colónia

ARTUR QUEIROZ

Cabinda sempre fez parte da colónia de Angola e o estatuto de protectorado que hoje justifica acções políticas baseadas em perigosos conceitos regionais e tribais, foi apenas um truque político que os portugueses usaram na sequência da criação do Congo Belga e do Congo Francês, à luz da Conferência de Berlim.

Ainda as fronteiras estavam frescas e já os belgas exigiam que à sua possessão fosse dada uma saída para o mar. A monarquia portuguesa estava tão débil que não teve forças para impedir mais um roubo dos seus territórios. E Cabinda, parte integrante da colónia de Angola, ficou reduzida a um enclave. Os belgas ficaram com as terras da embocadura do rio Zaire até ao mar.

Estes são os factos históricos. O grupo que quer “libertar” o enclave de Cabinda nada diz sobre o território ocupado pela Bélgica para construir o porto de Matadi. Mas vale a pena enquadrar historicamente o momento em que aquela parte do Congo Português foi amputada de tal forma que se formou um enclave.

Portugal já tinha perdido os imensos territórios do Mapa Cor-de-Rosa para a sua velha aliada, a Inglaterra. Rodésia do Norte (Zâmbia) Rodésia do Sul (Zimbabwe) Lesoto, Botswana e Malawi foram pura e simplesmente anexados pelo governo de Londres, através de um humilhante Ultimato, que o poeta Guerra Junqueiro, num poema heróico, considerou o fim da pátria lusa. A monarquia portuguesa estava no seu estertor final, mercê da propagação triunfante do ideal republicano.

Os ingleses ocuparam igualmente todos os territórios da colónia de Moçambique a sul da baía de Maputo e as ilhas da Inhaca e dos Elefantes. Portugal propôs aos ocupantes a arbitragem de uma potência neutra, a França. Londres aceitou, ciente de que ia ganhar. Andrade Corvo, o então ministro das Colónias de Portugal, apresentou um documento com as suas razões ao Presidente da República de França, marechal MacMahon. E ouvidas as partes, o mais prestigiado político europeu da época,

deu razão a Portugal. Os ingleses devolveram os territórios ocupados em Moçambique.

Em Angola, Cabinda já tinha sido reduzida a um enclave e assim ficou. Mas sob perigo permanente, porque os belgas nunca desistiram de ocupar todo o território, no que eram acompanhados pelos franceses. Os que hoje reivindicam a “libertação” de Cabinda só querem o enclave. Prescindem de todas as terras anexadas pela Bélgica, para que o Congo Belga tivesse uma parte da costa marítima. Pelos vistos essa parte do território não precisa de ser “libertada”.

Antes da Conferência de Berlim, sem força militar nem política, a coroa portuguesa o melhor que conseguiu foi convencer os notáveis de Cabinda a assinarem o Tratado de Simulambuco que colocou o território sob protectorado de Portugal. Os nobres da região declararam solenemente que queriam continuar a ser portugueses e pediam a sua protecção. Os portugueses exibiram essa declaração e conseguiram aliviar a pressão de belgas e franceses para a anexação do território de Cabinda.

Fim do protectorado

Em 1887, o agora enclave de Cabinda e todos os territórios entre os rios Zaire, Loge e Cuango, passaram a fazer parte do distrito do Congo Português, cuja capital era Maquela do Zombo. Nesta época o Uíge era ainda um povoado com “meia dúzia de palhotas”, como refere José Roque Martins, autor de um opúsculo que foi apresentado na primeira Exposição Colonial Portuguesa.

Em 1920, o governo de Lisboa extingue oficialmente o “protegido” distrito de Cabinda. As pressões tinham acabado e já não fazia sentido. Nessa época a capital do Congo Português ainda é Maquela do Zombo, mas o Uíge começa a ganhar importância. O Bembe, a cuja circunscrição pertencia, era o grande centro económico do distrito. Mas as dificuldades em exportar o cobre pelos portos do Nzeto (Ambrizete) e Ambriz lançaram a circunscrição em declínio. Em 1930, Angola mergulha numa profunda crise económica

devido à baixa severa dos preços da borracha. O Norte de Angola sofre ainda mais, com a entrada em funcionamento do Caminho-de-Ferro de Matadi e a criação, pelos belgas, de vários postos aduaneiros e fiscais ao longo da fronteira. O comércio transfronteiriço sofre um golpe profundo. E essa actividade, na época, era a mais lucrativa.

Cabinda era uma mera circunscrição e o seu território pertencia em regime de monopólio, à Companhia de Cabinda, propriedade do Banco Nacional Ultramarino. Esta parcela do distrito do Congo Português definha a olhos vistos. Lândana, apenas um posto administrativo, prosperava devido ao seu estatuto de porto madeireiro.

Os colonos do Congo Português lançam-se na cultura intensiva do café. Na época havia esta crença: o Uíge será o que for o café e o Congo Português será o que for o Uíge”. O café triunfou. Um saco de mabuba chegou a valer mil angolares. O povoado com meia dúzia de palhotas chega rapidamente a vila e logo a seguir cidade, à custa do dinheiro do café. O governo transfere a capital do Congo Português de Maquela do Zombo para o Uíge.

Elevação a cidade

Nos anos 30 e 40 Cabinda continua a ser uma circunscrição do distrito do Congo Português, com o mesmo estatuto do Golungo Alto, Ambriz ou Ambrizete (Nzeto). A população do enclave precisava de ir ao Uíge resolver problemas, que apenas podiam ser resolvidos na capital do distrito.

Em 1956, o Uíge atinge o máximo do desenvolvimento. O governador do distrito do Congo Português, Jaime Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, no dia 28 de Maio, resolve elevar Cabinda à categoria de cidade. Não por qualquer motivo de vaidade. Mas porque as cidades tinham que ter pelo menos um hospital, repartição da Fazenda, escolas primárias e no mínimo o primeiro ciclo do ensino secundário.

Nesta época começam os movimentos independentistas em África. No Congo Belga Lumumba encabe-

ça um movimento revolucionário que tem repercussões no Congo Português. Quando as autoridades coloniais ficam com a certeza de que a independência do Congo Belga é irreversível, temem que a “onda” chegue a Angola e particularmente ao Norte, que é o Congo Português.

Holden Roberto dá a conhecer a África, na conferência de Accra, que lidera a União dos Povos do Norte de Angola. Lisboa teme ficar sem o Congo Português. Nkrumah convence Holden a retirar a expressão “Norte” da sua organização. Fica apenas União dos Povos de Angola, UPA, hoje FNLA.

Lisboa desmantela o distrito do Congo Português e cria no seu lugar três distritos: Uíge, Zaire e Cabinda, dada a sua situação de enclave, ainda que fosse um território mais pequeno do que muitos concelhos ou municípios. Ainda hoje é assim.

Aliança com os colonialistas

A declaração dos notáveis de Cabinda pedindo a protecção dos portugueses foi mais tarde repetida, em Setembro de 1974, quando a “sociedade civil” do enclave pediu ao governador do distrito, brigadeiro Themudo Barata, que mantivesse o território sob a bandeira portuguesa. Barata, um ultra do regime, visceralmente contra o Movimento dos Capitães que libertou Portugal do fascismo e do colonialismo, foi eleito em Lândana, num comício público, presidente de honra da FLEC. Foi neste momento que surgiu a FLEC sedeadada no então Zaire a desautorizar as decisões de Lândana.

No terreno passou a existir a FLEC de Ranque Fraque e a de Nzita Tiago. Nada que pudesse ser levado a sério. Tiago era instrumentalizado pelos franceses e Franque por Mobutu, legítimo herdeiro das pretensões belgas em ocupar todo o território do agora enclave.

Silvino Silvério Marques, governador-geral enviado para Angola após o triunfo da do Movimento das Forças Armadas, tentou restaurar o regime fascista, aliando-se aos colonos que sonhavam com a independência unilateral, a exemplo do que fez Ian Smith na então Rodésia.

Através do seu antigo colaborador Pinheiro da Silva, um “notável” de Cabinda que tinha apoios na região. Themudo Barata era um deles.

Em Portugal, Spínola preparava um golpe contra a democracia e os “notáveis” de Cabinda, davam o seu contributo, aliando-se aos restos do colonialismo.

Em Lisboa os spinolistas tentam tomar o poder, no dia 28 de Setembro de 1974, a coberto de uma “manifestação silenciosa”. Spínola, então Presidente de Portugal, tinha decidido, com Nixon e Mobutu, que Angola era para a FNLA. Mas os golpistas foram derrotados. Silvino Silvério Marques e Themudo Barata são recambiados para Lisboa. Portugal enviou para Angola o almirante Rosa Coutinho, como alto-comissário e com plenos poderes.

Desmantelamento dos golpistas

A primeira coisa que fez, foi desmantelar as estruturas dos golpistas que queriam uma independência unilateral, igual à da Rodésia de Ian Smith. Isso significava o alastrar do “apartheid” para Angola. Pendeu e mandou para Lisboa todos os colonos que conspiravam em Luanda.

Quando a FLEC ocupou com mercenários franceses o posto de Massabi, o almirante acabou com a aventura, numa operação relâmpago de fuzileiros. Nesse dia a FLEC desapareceu. E só reaparece quando é necessário dar cobertura a acções militares ou de subversão contra Angola. Um exemplo: na célebre batalha das planícies do Ntó, poucos dias antes da Independência Nacional, o exército zairense trazia elementos da FLEC que uma vez vencida a batalha, se apresentavam em Cabinda como “libertadores”.

Sempre que potências ocidentais apoiantes abertamente ou na sombra da FLEC querem pressionar o Executivo, eles exibem um qualquer dirigente de uma qualquer ala da organização. Mas cada vez têm menos actores para o espectáculo.

A paz e a estabilidade na província têm mais força do que os vendedores de ilusões que manipulam os angolanos com argumentos regionais e tribais.

EDITORIAL

Laboratório de quadros

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, combateu em Cabinda para libertar a pátria do colonialismo. Fez parte do comando da II Região Política Militar do MPLA, que dirigiu a luta armada de libertação nacional na província. Nesta frente de combate existiu o grande laboratório de quadros que alimentou a luta armada de libertação até ao Dia da Independência Nacional.

José Eduardo dos Santos, Hoji ya Henda, Iko Carreira, Manuel Lima, Pedalé, Nzagi, Evaristo Kimba, Ndozi, Eurico, Bolingô, Max Merengue, Delfim de Castro, Fuguetão e tantos outros lutaram em Cabinda pela libertação da pátria.

O comandante Jika tombou em Cabinda poucas semanas antes da Independência Nacional. Milhares de angolanos de todo o país defenderam a província, na batalha

do Ntó, quando as divisões zairenses invadiram Angola. Nesse dia, elementos da FLEC acompanhavam os invasores e com eles foram derrotados.

Centenas de combatentes sacrificaram a vida em Cabinda, na luta pela independência e na defesa da pátria independente. Quando foi preciso lutar pela liberdade, a “sociedade civil” que hoje quer ter uma palavra a dizer, apoiava as potências coloniais. Muitos foram além das palavras e passaram aos actos. Os que hoje querem ser ouvidos, ontem aproveitavam bolsas de estudo, militavam nas fileiras do MPLA e tiravam vantagens das suas ligações ao poder.

Quando perceberam que podiam ganhar mais servindo os inimigos de Angola e do Povo Angolano, vestiram a camisola da FLEC ou esconderam-se sob o mando enga-

nador de activistas dos direitos humanos. Mas quem se dedica à extorsão, não respeita direitos nenhuns. Quem rapta inocentes para exigir chorudos resgates, não respeita as leis vigentes no país e coloca-se na condição de criminoso de delito comum. Quem paga para matar civis indefesos nas estradas de Cabinda, é um criminoso que tem no lugar da alma uma conta bancária e como único objectivo na vida, ganhar anualmente o prémio de melhor cliente do banco onde deposita milhões.

Quem anda à procura de armas e explosivos para actos terroristas contra civis não merece a liberdade que tem e muito menos a indulgência das autoridades. Os que andam a convencer jovens para irem fazer treino militar a fim de fazerem operações contra o regime democrático, além de criminoso é inimigo dos democratas e das pessoas de bem.

Quem dispara contra uma caravana de viaturas civis com a intenção de matar desportistas inocentes e jornalistas só para dizer ao

mundo que ainda mexe, é um assassino sem escrúpulos.

Os que nas capelas ilegalmente ocupadas da Paróquia da Imaculada Conceição exigem dinheiro aos fiéis, para fazerem sabotagens e atentados, que podem atingir os que fazem os donativos, são mais do que excomungados: venderam a alma ao diabo e entregaram o coração à morte. Os fiéis espoliados são das capelas Cristo Nhuti, Cristo Mbonde, Jesus Bom Pastor, Macoco, Santiago, Cabasango, São Carlos Luanga, Santo Agostinho, São Lourenço, S. João Baptista e S. João de Brito. Todas situadas nos bairros onde habita gente pobre, que paga aos excomungados que lhes roubam a paz e o pão.

Os que se servem de mentiras para criar em Cabinda um clima de desconfiança e ressentimento, são seres diabólicos que semeiam a dor e o luto, quando pressentem que amanhã vai raiar a esperança e a felicidade. Os que atentam contra a unidade nacional e a sua integridade territorial, são mais do que

seres demoníacos: vendem o seu povo. Os que renegam a pátria porque lhes cheira a petróleo, mais cedo ou mais tarde vão perceber que Roma não paga a traidores. A paz e estabilidade são mais valiosas do que o petróleo. O amor vale mais do que o ódio que eles propagam. A vida que o Executivo promove e defende vale mais do que a morte que eles semeiam nos corpos e nas almas.

Apenas o dinheiro os move. Mas eles próprios são a prova das suas mentiras: muitos fizeram os seus estudos primários, secundários e universitários em Cabinda. A província afinal tem equipamentos sociais importantes, para promover o bem-estar e a felicidade. Apesar de promoverem permanentemente ódio, a discórdia e a subversão, o Executivo tem pelo menos uma obra para mostrar: os cursos superiores destes construtores da desgraça. Este suplemento é a montra do que foi feito e do que vale a paz para uma juventude que acredita no futuro de Angola.



ROGÉRIO TUTI

empilhadores para estiva. O cais do porto de Cabinda permite a atracagem de dois navios em simultâneo que podem somar 130 metros de comprimento e com calado entre quatro a dez metros. Podem transportar até 20 mil toneladas de carga.

Porto de águas profundas

Manuel Neto disse que o novo cais de Cabinda resolve de imediato as dificuldades de importação e exportação de mercadorias. É o ponto de chegada dos equipamentos e materiais para a construção do novo porto de águas profundas.

O estudo técnico do futuro empreendimento está na sua fase de conclusão e no princípio de Agosto é lançada a primeira pedra para a sua construção no Caio litoral, local escolhido pelas suas excelentes condições naturais, semelhantes às dos portos de Luanda e Lobito.

Benefícios para a província

O cais permite à empresa portuária de Cabinda aumentar os movimentos de carga e descarga e a redução dos custos das operações, na medida em que foram eliminadas as actividades de baldeação e de estiva.

As barcaças usadas na carga e descarga no alto mar cumpriram a sua missão durante décadas e agora passaram à reforma. Um dos principais benefícios da província de Cabinda com o arranque das operações no novo cais foi a eliminação da descontinuidade geográfica da região com o resto do país, o que vai acabar com a sensação do isolamento da localidade com outros pontos do território nacional. O mar é o grande elo de ligação.

O objectivo principal do conselho de administração do Porto de Cabinda é embarcar passageiros e mercadorias no Porto de Luanda e chegarem no mesmo dia à capital da província. Outro objectivo é tornar o novo cais numa das principais infra-estruturas económicas do país.

Construção do quebra-mar

O presidente do conselho de administração do Porto de Cabinda anunciou a construção para breve de um quebra-mar que visa conter a corrente do rio Zaire e reduzir os níveis de assoreamento pelo facto do cais estar localizado em mar aberto, sem protecção natural contra os ventos.

O canal de acesso ao cais foi dragado e ficou com uma profundidade de nove metros na maré alta, para receber navios de grande porte.

A bacia de manobras e o canal de acesso ao cais estão constantemente em manutenção.

TRANSPORTES MARÍTIMOS

Novo cais é ensaio para porto moderno

Está para breve o fim da dependência de Ponta Negra nas importações

JOAQUIM SUAMI | Cabinda

A nova ponte-cais de Cabinda custou ao Estado 20 milhões de dólares e quando estiver a operar em pleno, vai contribuir para o desenvolvimento da província. O presidente do conselho de administração do porto, Manuel Nazaré Neto, disse ao *Jornal de Angola*, que a infra-estrutura permite a atracagem de navios de pequeno, médio e grande porte. Fica para trás o recurso a barcaças que iam ao alto mar buscar as mercadorias transportadas pelos grandes navios, o que agravava o preço final dos produtos ao consumidor.

Manuel Neto afirmou que com a operacionalidade da nova ponte-cais acaba a dependência da província de Cabinda do porto de Ponta Negra, desagravando os preços dos produtos básicos destinados à população. A ponte-cais permite atracar navios de 18 a 22 toneladas com sete a nove metros de calado e vai também permitir operar com dois navios em simultâneo. Nesta fase experimental, são feitas apenas operações de pequena e média dimensão, porque os técnicos conti-

nuam a fazer alguns ajustamentos no equipamento. O novo cais é o ponto de chegada de todos os materiais necessários à construção do porto de águas profundas. Manuel Neto disse à nossa reportagem que “essa é a prioridade das prioridades.

A outra é receber mercadorias com destino à República Democrática do Congo, para aprofundar-mos a política de boa vizinhança”.

Movimentação de carga

Manuel Neto informou que nos primeiros 20 dias da fase experimental, a ponte-cais de Cabinda movimentou dois mil contentores com mercadorias e duas mil toneladas de carga. Até ao final do mês de Junho, o porto de Cabinda movimentou 500 mil toneladas de carga geral e 25 mil contentores.

A empresa China Gezhouba Group Company, contratada pelo Executivo para as obras, fez um trabalho perfeito. Foram colocadas no subsolo dez estacas com 12 metros cada, perfazendo um total de 319 metros de comprimento e 32 metros de largura no topo da plataforma das operações. Para se compreender a grandeza desta obra,

basta referir que o antigo cais era de madeira e tinha apenas 125 metros de comprimento e 15 de largura.

A empreiteira chinesa efectuou igualmente os trabalhos de construção da plataforma das operações de ligação, que permitiram ligar a ponte fixa e a ponte móvel (pontão e ponte de aço), fabricadas na China.

A construção da nova ponte-cais foi coordenada pelo Ministério dos Transportes, pelo Instituto Marít-

mo e pela empresa do Porto de Cabinda. O material que foi aplicado na construção da nova ponte cais é metálico e de betão. Trabalharam na obra 100 operários, dia e noite, durante dois anos.

O pontão e a ponte são feitos de aço. Na parte metálica de armação, a ponte está fixada a uma estrutura mista de betão e metal, o que facilita a movimentação de viaturas nas operações de carga e descarga e dos

ROGÉRIO TUTI



Rosa Mari operária especializada

ROGÉRIO TUTI



Administrador Manuel Nazaré Neto

Maquinista Rosa Mari orgulho de ser angolana

Antes do raiar do sol, Bernadete Rosa Mari, de 27 anos, já está a caminho do seu local de trabalho, no porto de Cabinda, onde trabalha há cinco anos como maquinista na descarga, carga e arrumação dos contentores. Mari começou a trabalhar no porto de Cabinda em 2007, após ter feito testes teóricos e práticos de mecânica. Ela conta que quando começou a trabalhar foi difícil manejar a máquina, mas com o tempo passou a dominá-la “de olhos fechados”.

Bernadete Rosa Mari é a única mulher que trabalha como maquinista no Porto de Cabinda: “é um orgulho para mim e para a minha família. No início foi difícil operar com a máquina, mas com o passar do tempo acostumei-me e hoje

sinto-me uma profissional. Não é difícil trabalhar com máquinas, porque o meu sonho sempre foi ser maquinista. Consegui realizar o sonho e gosto do que faço”.

Bernadete Rosa Mari explica que concorreu a um lugar no Porto de Cabinda quando ouviu pela Rádio Nacional de Angola o anúncio de um concurso público para preenchimento de vagas de maquinista. Ela contou que para além de gostar de trabalhar com máquinas, também frequentou um curso prático de mecânica, no Instituto Médio Industrial de Cabinda, o que lhe deu força e vontade para concorrer. “Trabalho de dia e de noite. Carrego e descarrego muitos contentores. Apesar de ser mulher faço tudo o que os homens fa-

zem no meu sector. Sinto à vontade de na minha profissão”, diz Mari. As amigas dizem-lhe que com este trabalho fica impedida de ser mãe. Mas a maquinista Rosa Mari recusa essa ideia: “é um mito que temos de vencer. As mulheres que trabalham de dia e de noite podem ter filhos quando quiserem. E eu vou ter os meus filhos quando sentir que a minha vida permite essa responsabilidade.

Quem tem filhos tem também a responsabilidade de educá-los e garantir-lhes um crescimento harmonioso. Os direitos da criança não podem ficar só no papel”.

A maquinista Mari diz que tem agora um novo sonho: “quero ver mais mulheres a exercer a profissão aqui no Porto de Cabinda”.

ROGÉRIO TUTI

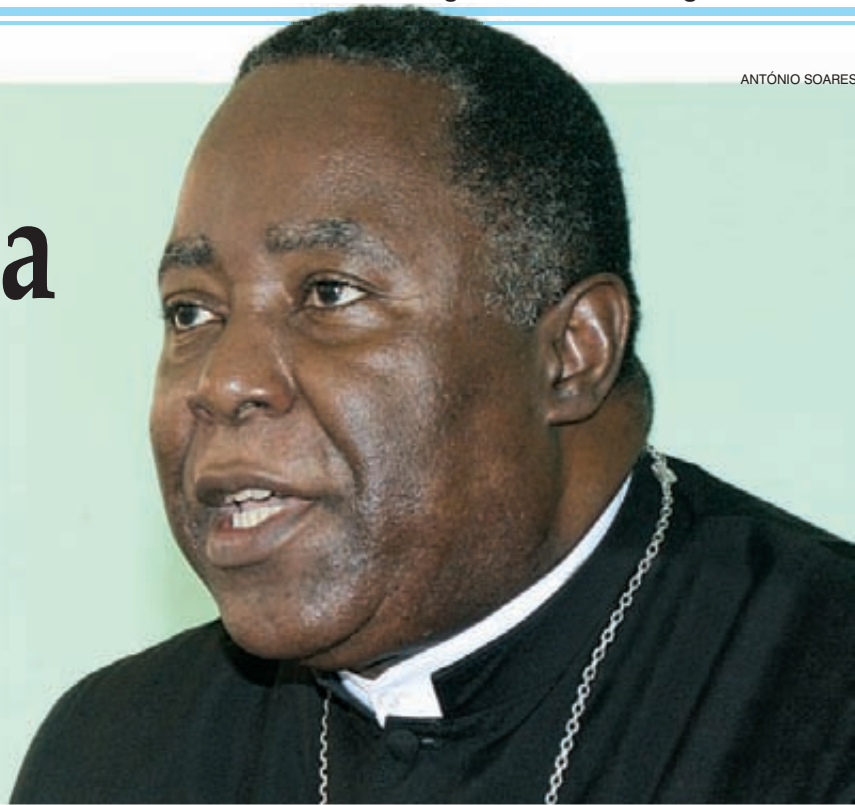


Mulher orgulhosa por manobrar máquinas que até aqui eram operadas por homens

D. FILOMENO VIEIRA DIAS

“A Igreja em Cabinda está muito unida à volta do seu bispo”

Os que se afastaram e seguem outros caminhos têm as portas abertas quando quiserem regressar



ANTÓNIO SOARES

ALBERTO COELHO | Cabinda

D. Filomeno Vieira Dias é um bispo consensual porque defende os princípios da sua Igreja, sem desvios. E considera todos os fiéis iguais e irmãos em Cristo. Quando lhe perguntámos se há divisões em Cabinda entre os fiéis ele responde com um sorriso bondoso: “isso é impossível, porque só existe um bispo. Mas pode haver gente que se afastou. Para esses e todos os seres humanos, as portas estão sempre abertas. O bispo abre portas, não as encerra”.

Jornal de Angola - A diocese de Cabinda realizou o seu primeiro congresso eucarístico. O que isto significa para a Igreja e para a comunidade católica na província?

D. Filomeno - O congresso eucarístico é uma convocação de toda comunidade cristã para uma reflexão e um aprofundamento sobre o ministério da eucaristia (a missa) que é o momento mais alto e de maior profundidade na vivência da fé do cristão católico. Pretendemos com isso voltar a atenção e o coração dos fiéis para o seu maior bem, o bem mais precioso da Igreja: Jesus na Eucaristia.

JA - Como explica aos não crentes o ministério da eucaristia?

D. Filomeno - É uma presença que faz da Igreja sacramento, uma realidade humana capaz de agir e falar em nome de Deus, capaz de transmitir as graças de Deus porque nela tem morada, nela habita e nela está presente de modo invisível mas real, de modo invisível mas concreto. O próprio Jesus Cristo age na missa através dos sacramentos, através das acções litúrgicas, de modo especial a santa missa.

JA - Qual foi o objectivo da realização do congresso?

D. Filomeno - Pretendemos com o congresso eucarístico proclamar publicamente a nossa fé na presença real de Jesus Cristo na eucaristia. Porque a partir do momento da consagração o pão deixa de ser pão e o vinho deixa de ser vinho e tornam-se no corpo e no sangue do Senhor. Temos essa dimensão espiritual, litúrgica, celebrativa da eucaristia que é visível aos olhos de todos no dia-a-dia quando os fiéis deixam as suas casas e se deslocam para as igrejas onde se reúnem para participar na missa.

JA - E depois da missa?

D. Filomeno - Há uma outra dimensão que nem sempre está imediatamente presente na celebração: as consequências e as exigências da missa, o encontro com Cristo na dimensão pastoral ou operativa. O encontro com Cristo provoca no cristão uma realização de empenho, de missão e compromisso.

Cristo na eucaristia oferece-se por cada um de nós e por todo mundo. Os cristãos que participam na eucaristia, na missa, são convidados ao exemplo de Cristo, seguindo as suas pegadas, os seus passos e a serem pessoas que se comprometem em dar a própria vida pelos outros, para que o mundo tenha vida, uma vida verdadeira e em abundância. Cristo disse: “Eu vim para que tenha vida e a tenha em abundância.”

JA - É este o objectivo que dominou o congresso eucarístico?

D. Filomeno - Com este congresso, pretendemos girar à volta deste empenho: programar a nossa fé em Jesus Cristo, presente realmente em cada eucaristia. Na missa nós nos encontramos com Jesus no pão e no vinho e este é o centro da fé católica. Ao mesmo tempo o encontro com Jesus leva-nos a comprometermo-nos com o mundo, com os nossos irmãos. E tam-

está dividido. Nem na eucaristia Cristo se divide.

JA - O bispo da diocese de Cabinda é contestado?

D. Filomeno - Aquele que é a cabeça do corpo, o bispo, não está dividido. Não há Igreja Católica sem bispo. Não há diocese católica ou qualquer outra denominação religiosa sem bispo. O bispo é o princípio da unidade. A unidade faz-se e constrói-se à volta do bispo e quem está fora desta comunhão com o bispo está fora daquilo que é a vida da Igreja.

JA - De que unidade está a falar o bispo de Cabinda?

D. Filomeno - A unidade na Igreja Católica é uma unidade de doutrina, quer dizer, de fé. É uma unidade litúrgica, quer dizer, de sacramentos. É uma unidade pastoral, quer dizer, de acção. E é ainda uma unidade de disciplina. Estes são os princípios da catolicidade. Por is-



ANTÓNIO SOARES

A Igreja Católica é uma unidade de sacramentos e uma unidade de disciplina

bém a darmos a nossa vida a exemplo de Cristo para que os outros e todos tenha vida e vida em abundância.

JA - A Igreja Católica em Cabinda está dividida em alas?

D. Filomeno - Quero dizer antes de mais, que a Igreja não vive dividida em alas. Ninguém, falando rigorosa e teologicamente, pode sustentar essa afirmação. O que é a Igreja? A igreja é aquela comunidade de fiéis que vive reunida à volta do bispo. Este é o conceito que se tem da Igreja Católica em todo o mundo. Não são partes iguais, nem são alas no interior da própria Igreja. Isto não é possível. A Igreja nunca está dividida, porque Cristo não

so, não se pode dizer que a Igreja está dividida. Podemos sim dizer que há cristãos de uma paróquia que vivem ainda afastados dessa comunhão. São um pequeno grupo. Mas não é por isso que vamos dizer que a Igreja está dividida.

JA - Há descontentamento no seio da Igreja de Cabinda?

D. Filomeno - Encontramos cristãos descontentes com uma ou outra situação da Igreja um pouco por todo mundo e ninguém diz que a Igreja está dividida por causa disto. A Igreja Católica subsiste onde está o bispo desde os primeiros séculos. Onde está o bispo está a Igreja, toda a Igreja. Eu sou o bispo de Cabinda e os fiéis estão comigo.

JA - Existe uma comunidade de fiéis que não vive em comunhão com o bispo?

D. Filomeno - Esses outros nossos irmãos que se encontram ainda afastados de uma comunhão plena com o bispo é desejo de todos que possam voltar a uma comunhão plena com a Igreja. Não têm faltado esforços para que esses irmãos, de facto, caminhem naquilo que é a comunhão da Igreja, naquilo que é a vida da Igreja em todo mundo, na normalidade de atitude, de sentimento e de expressões dos cristãos em todo mundo. A Igreja tem um código de conduta que é um código universal para todos. Para bispos, para cardeais, para padres. A Igreja vive na comunhão com o pároco ao nível do território paroquial, com o bispo na diocese e com o Papa como sinal e vínculo da comunhão na Igreja toda.

JA - Que esforços tem feito para que estes cristãos vivam à volta do bispo?

D. Filomeno - É o esforço que a Igreja tem feito em relação a todos os fiéis católicos que vivem um pouco à margem da vida das paróquias. É o mesmo esforço de convidá-los a aderir à verdadeira fé católica, a aderir à comunhão e ao que o Papa propõe para toda Igreja como pastor da Igreja universal. É o esforço que se faz em todas as igrejas do mundo: anunciar e proclamar o evangelho de Jesus Cristo.

JA - O que diz o evangelho?

D. Filomeno - O evangelho convida as pessoas a seguirem o pastor: “Eu sou o Bom Pastor conheço as minhas ovelhas, quem vos ouve a mim ouve, quem vos escuta a mim escuta. Confirma os teus irmãos na fé”. Portanto, fazemos aqui em Cabinda o mesmo esforço da Igreja em todos os lugares, para que todos estejam com o bispo. Mais do que isto, não temos assim tanto para dizer.

JA - Que esforços D. Filomeno tem empreendido para chamar à razão os fiéis desavindos?

D. Filomeno - São os que já disse. Nas nossas pregações não cessamos de falar disto. Convidamos as pessoas. Não cessamos de os acolher se nos baterem à porta, se vierem ao nosso encontro, portanto, ninguém é marginalizado, ninguém é relegado a um segundo plano, ninguém é rejeitado, ninguém é insultado. Há uma relação de convivência muito humana, sobretudo, muito cristã.

JA - Qual é a origem do surgimento desse grupo que actua à margem dos preceitos da Igreja?

D. Filomeno - Este grupo nasceu de uma contestação à nomeação do actual bispo da diocese. Mas como eu disse é uma contestação que sai fora dos cânones daquilo que é a

ROGÉRIO TUTI





ANTÓNIO SOARES

O Congresso Eucarístico da Igreja Católica em Cabinda foi uma impressionante manifestação de unidade e confiança no bispo

praxe, que é a doutrina, que é a tradição da Igreja Católica. O Papa é soberano na eleição e nomeação dos bispos e o fiel que se diz católico e se preze de tal, deve adesão às decisões do Santo Padre, portanto é falso problema partindo deste ponto.

JA - Aproveitou o congresso eucarístico diocesano para resolver esse problema da Igreja em Cabinda?

D. Filomeno - A Igreja nunca fechou as portas a ninguém e elas estão sempre abertas. Todos os dias há pessoas que estavam nesse grupo e voltam às suas comunidades. São aceites, ninguém é rejeitado por isso. Portanto, não devemos fazer disto uma grande questão. A normalidade da vida da Igreja em Cabinda é um facto. O congresso eucarístico deve ser visto como um sinal, uma pujança para o crescimento e a vitalidade da comunidade católica aqui em Cabinda.

JA - A Igreja de Cabinda está a crescer?

D. Filomeno - Nós tínhamos duas paróquias na cidade de Cabinda e hoje temos sete, todas elas com catequese organizada, grupos de escuteiros, grupos juvenis, grupo da Legião de Maria e tantos outros movimentos apostólicos. De três eucaristias dominicais que tínhamos aqui na cidade de Cabinda hoje temos ao domingo mais de 14 eucaristias. Se os números falam, se os números ajudam a compreender alguma coisa, se os números não são nulidade absoluta, isto é sinal de uma Igreja que cresce, uma Igreja que se desenvolve na cidade e no interior da província.

JA - Quais são as grandes linhas de acção?

D. Filomeno - A nossa atenção especial vai para a pastoral social. Temos hoje a pastoral da criança, a pastoral carcerária, temos a pastoral da saúde, estamos a relançar a Cáritas. Tudo são sinais de uma comunidade diocesana viva, dinâmica e comprometida com a sua missão de anunciar esse Cristo que vai ao encontro do homem todo.

JA - O congresso eucarístico diocesano realizou-se numa altura em que se aproxima a realização de eleições gerais. Como os cristãos católicos estão a ser preparados para este momento?

D. Filomeno - Há uma nota da CEAST sobre essa matéria que diz o seguinte: "o voto é um instrumento extraordinário de expressão da vontade popular quanto aos destinos da própria nação e quanto ao figurino da governação". Eu estou cem por cento de acordo. Por isso é um dever cívico, cada um exercer o direito de voto, manifestando e exprimindo justamente aquilo que sente. Nós convidamos os fiéis católicos a votar. Os fiéis católicos são convidados a viver esse momento com responsabilidade.

JA - Tem alguma recomendação a fazer?

D. Filomeno - Que ninguém faça das igrejas, dos púlpitos nem dos movimentos espaço de campanha ou disputa eleitoral. A Igreja deseja que esse momento seja um momento de grande serenidade, de grande civismo, de grande responsabilidade e de grande exercício de cidadania. É o que estamos a fazer e é aquilo que nós esperamos que aconteça.

JA - Como avalia a situação socioeconómica das populações que vivem na diocese de Cabinda?

D. Filomeno - Na província de Cabinda há dificuldades que são próprias de uma sociedade que se está a refazer, que se está a reconstruir depois de um processo turbulento. É um processo de reconstrução do tecido humano e do tecido social. O grande desafio que eu vejo actualmente aqui é o desemprego. Há necessidade de pensar e repensar este problema, com a ajuda de todos. A questão mais grave é o desemprego juvenil. Temos de encontrar saídas e respostas urgentes.

JA - A Igreja tem propostas e soluções?

D. Filomeno - Sabemos que isso não é fácil, a questão do desemprego tem a ver com o desenvolvimento de uma sociedade e com o funcionamento da própria economia. O desemprego está ligado, claro, a situações difíceis para a vida das famílias, porque muitos desempregados são chefes de família e são jovens que deveriam começar já a organizar a vida. Dentro do possível, a Igreja

ajuda a resolver os problemas.

JA - Há outros problemas em Cabinda que o preocupam?

D. Filomeno - Preocupa-me muito a questão ambiental. Não se fala muito disto porque não vemos todos os dias os efeitos dos problemas ambientais. Só ficamos preocupados quando vemos um derrame de crude no mar que polui a nossa costa. Mas nós temos aqui questões ambientais muito sérias e preocupantes que têm a ver com a exploração petrolífera e a protecção do oceano, a protecção das espécies marítimas e a protecção das comunidades piscatórias.

JA - E a questão da floresta?

D. Filomeno - A conservação da floresta preocupa-me muito. Porque é um pulmão para a província e também porque é fonte de sobrevivência das populações. Temos um grande desafio pela frente e nós como Igreja procuramos de alguma forma responder a esses desafios, voltando-nos para a pastoral social. Preocupa-nos a promoção da mulher, a formação profissional da juventude nas escolas de artes e ofícios. Ajudamos os camponeses a encontrarem formas de subsistência mas também a passarem de uma agricultura de subsistência para uma agricultura que permita um desenvolvimento económico e social. Estes são os grandes desafios que se colocam a todos nós.

JA - Quando há novas ordenações na diocese?

D. Filomeno - As ordenações não são resultado de um simples querer, como eu pensar agora pintar um quadro ou escrever um poema e logo começo a criar a obra de

cidade, na maior pobreza, vamos ter outras ordenações. Nós temos boas perspectivas nesse aspecto.

JA - As infra-estruturas da Igreja em Cabinda são adequadas?

D. Filomeno - O arceprelado do Belize neste momento tem quatro realidades paroquiais. Mas é um arceprelado que não pode ser visto pelas dimensões territoriais, porque nesse aspecto é muito mais pequeno do que o território da paróquia de Lumbala Nguimbo ou a paróquia da Muxima. Essas são quase quatro vezes maiores em extensão do que o arceprelado do Belize. Mas é grande pelo número de comunidades de fiéis e pelo número de católicos que lá temos.

JA - O que está a ser feito no Belize?

D. Filomeno - Criámos a estação missionária do Dingé que está a assistir as áreas de Massabi, Nhuca e Beira Nova. Com o tempo vamos criar uma outra estação missionária como resultado do desmembramento do território da missão de Santo António do Belize. São projectos e perspectivas que temos. As comunidades de Necuto, Belize, Bucu Zau e Dingé têm sido assistidas com regularidade.

JA - Que mensagem tem a igreja para a pacificação da província de Cabinda?

D. Filomeno - A mensagem da Igreja é sempre uma mensagem evangélica, nasce do evangelho de Nosso senhor Jesus Cristo. A Igreja não tem outra mensagem que não seja a evangélica e esta tem essencialmente um compromisso com a paz. Cristo ressuscitado aparecendo

ANTÓNIO SOARES



D. Filomeno Vieira Lopes convida os fiéis católicos a participar nas eleições gerais

arte e a escrever os versos. Vocações são resultado de pessoas jovens que estão dispostas a escolher um estilo de vida, seguir a vida de Jesus Cristo, o bom pastor. Cristo que se compromete a anunciar o evangelho do pai na pobreza, na obediência, na castidade e na maior disponibilidade. E estes jovens são preparados ao longo de anos. Nós temos aqui na diocese o nosso seminário propedêutico com mais de 40 jovens. Quando terminam os estudos são encaminhados para três seminários maiores: Luanda, Malange e Benguela, onde continuam os estudos filosóficos e teológicos.

JA - Está preocupado com tão poucas ordenações?

D. Filomeno - Tudo tem o seu tempo. Neste momento, temos um jovem que terminou a sua formação e está connosco a fazer um estágio e se tudo correr bem a qualquer momento é ordenado. Temos outros que estão a terminar os estudos em Luanda e em Benguela. Portanto, no tempo próprio, no ritmo próprio e seguindo os procedimentos próprios nós vamos ter ordenações. Quando eu cheguei a Cabinda, ordenei cinco jovens e acredito que a partir deste ano e se houver boa vontade dos jovens seminaristas em seguir Cristo, em darem a vida por ele na maior simpli-

aos seus disse-lhes: "deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz." Portanto, nós somos construtores e promotores dessa mensagem evangélica.

JA - A Igreja Católica contribuiu para o fim da guerra e para a reconciliação nacional. Na província de Cabinda, a Igreja vai ter esse protagonismo para convencer aqueles que querem a guerra a aceitar a paz?

D. Filomeno - A Igreja não pretende qualquer protagonismo. Cristo não foi um protagonista, Cristo viveu na maior simplicidade e na maior humildade e anunciou a palavra aos homens de boa vontade. Nós fazemos aqui o que a Igreja sempre fez. Se as nossas mensagens são escutadas, as pessoas sabem o significado e a força delas.

JA - Há padres de Cabinda que não podem exercer. O que tem a dizer sobre esse assunto?

D. Filomeno - Essa decisão já tem um ano. É uma decisão do Papa que é a autoridade suprema da Igreja, o legislador supremo. As decisões do Papa são soberanas e merecem da parte de todos os fiéis todo o respeito e cumprimento. Todos aqueles que são fiéis católicos devem-lhe adesão e nada mais se pode comentar sobre isso. O Papa decidiu e como decidiu é sempre uma decisão do Santo Padre.



O bispo de Cabinda está preocupado com o desemprego entre os jovens e chefes de família



PAZ E ESTABILIDADE RESPONDEM PELO CRESCIMENTO

Negócio de exploração de madeira vive dias

Para trás ficaram os dias de sofrimento quando trabalhadores eram assassinados

ADALBERTO CEITA | Cabinda

Considerada uma área de negócio em crescimento, a exploração de madeira na província de Cabinda já teve dias e noites de pesadelos. Quem conhece a história afirma que, até há cinco anos, os empresários que investiam na exploração de madeira eram considerados “suicidas”. A floresta do Maiombe estava infestada de homens armados que praticavam o roubo, a extorsão, raptos e muitas vezes matavam civis inocentes. Na cidade de Cabinda viviam alguns dos “capitães” das quadrilhas que actuavam nas matas.

Hoje ainda existem na capital da província “intelectuais” que se especializaram na chantagem e na extorsão. Que pagaram para matar inocentes. Mas sem as quadrilhas, nada conseguem. Muitos madeireiros que desistiram, hoje estão de regresso. Quem se manteve sempre no negócio não tem dúvida: “a pacificação da província é um bem precioso”.

Há quatro anos que a densa floresta do Maiombe, na província de Cabinda, deixou de meter medo a Agostinho Pola. Natural da comunidade do Necuto, município do Buco Zau, ainda criança aprendeu a cortar a madeira, tarefa que nunca deixou de fazer apesar de em diversas ocasiões quase lhe custar a vida.

Recua no tempo e diz que há dez anos só mesmo os “aventureiros” se atreviam a entrar no Maiombe fosse para o que fosse, quanto mais para explorar madeira. Era a época em que bandidos ditavam as regras do jogo e faziam da floresta uma espécie de propriedade privada.



Alberto Maianga

Muitos filhos da Cabinda pagaram com a vida a ousadia de irem para a floresta ganhar a vida.

“Perdi muitos amigos no Maiombe. Eram raptados e muitas vezes assassinados, nós vivíamos num clima de insegurança”, disse Agostinho Pola.

Com receio da morte, o madeireiro decidiu abandonar a sua única fonte de rendimento e durante vários anos a construção civil serviu-lhe de escapatória. Mas o gosto pela arte de trabalhar a madeira sempre falou mais alto e em tempo de paz regressou. Está ao serviço da empresa madeireira Abílio de Amorim.

Para ele, tudo o que aconteceu faz parte do passado. Hoje as circunstâncias são outras e agora a ex-

EDUARDO PEDRO



José Luenha

ploração da madeira é uma actividade segura. A serra eléctrica é a principal companheira de trabalho de Agostinho Pola. Nas proximidades da aldeia de Tando Conde desempenha com eficácia a tarefa que lhe está atribuída.

O corte de árvores é uma actividade difícil, mas Agostinho Pola garante que é compensadora. Além da área de Tando Conde, Tandomatiba e Bucocango, na comuna do Necuto, são outros pontos autorizados pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal para a empresa Abílio de Amorim desenvolver a sua actividade.

Por causa da guerra, desde a independência que ninguém se atrevia a desenvolver a actividade na

EDUARDO PEDRO



Vitorino de Assis

comuna do Necuto. Há quatro anos chegou a paz e a estabilidade e os madeireiros fazem o seu trabalho sem qualquer dificuldade.

O administrador da empresa Abílio de Amorim diz que devido aos prejuízos provocados pela guerra, apenas conseguiu rentabilizar 50 por cento do investimento. Herculano Amorim elogia o clima de tranquilidade hoje existente e diz que graças à paz e segurança a exploração de madeira prospera.

Com o crescimento do negócio, a empresa dá trabalho a mais pessoas e contribui para a redução da pobreza. Herculano Amorim não tem dúvida que a paz está a transformar a vida em Cabinda, e em particular a vida dos empresários ligados ao

EDUARDO PEDRO



Herculano Amorim

ramo da madeira: “o povo da província sente bem a diferença entre os tempos da guerra e a paz que hoje se vive. Ninguém mais quer regressar ao passado, depois de sentir na sua vida os benefícios da paz e da estabilidade”.

Retorno à profissão

Alberto Maianga está há 13 anos na empresa e recorda que até 2007, contavam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que entravam na floresta do Maiombe: “praticamente era o mesmo que procurar a morte”. Hoje estão garantidas as condições para o desenvolvimento do sector madeireiro. Antes de lhe ser atribuída a tarefa de medir as árvo-

ROGÉRIO TUTI

EDUARDO PEDRO



Coragem e desafios

Quem aguentou até à exaustão as consequências das emboscadas, da extorsão e dos assassinatos foram os madeireiros. Herculano Amorim recorda com mágoa o assassinato de alguns dos seus trabalhadores e os repetidos prejuízos causados pela destruição das suas máquinas.

“A partir de 1990, os madeireiros passaram a ser os principais alvos da FLEC. Fomos atacados cinco vezes e causaram elevados prejuízos à nossa empresa. Tudo isso provocou um atraso no desenvolvimento da província e na nossa actividade”, disse.

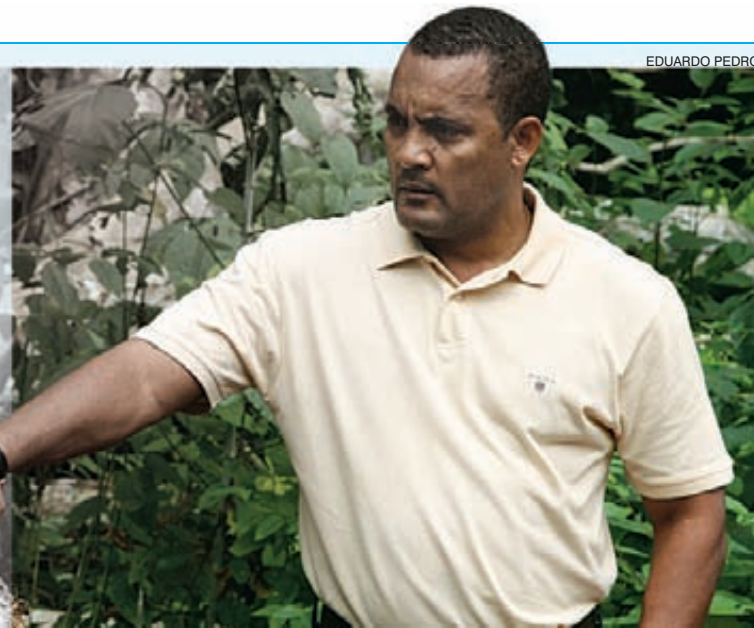
Herculano Amorim perdeu pás carregadoras, camiões, carrinhas e serras eléctricas.

Outras empresas de exploração de madeira também tiveram os mesmos problemas. Mas a sua empresa foi a que mais sofreu as agruras do conflito. À medida que recorda o passado, surgem-lhe lembranças tristes. Verdadeiras

histórias de terror. Uma pior que outra. Mas o pior aconteceu nos finais de 1997, numa altura em que procurava dar um maior impulso ao negócio.

A compra de equipamentos modernos tinha sido possível graças a um investimento avultado. Numa manhã, pouco tempo depois de Herculano Amorim entrar no Maiombe para verificar o andamento dos trabalhos, foi emboscado. Os homens da FLEC mantiveram-no refém mais de 20 horas. Viveu o cativo na companhia de 12 trabalhadores que o acompanhavam. “Apesar de tudo o que me aconteceu, não desisti porque tinha de manter o negócio da família e também porque na altura não sabia fazer outra coisa na vida”, disse.

Herculano Amorim conta que não percebia o real motivo de ser atacado tantas vezes. Levou algum tempo a perceber. A explica-



EDUARDO PEDRO

Empresário recorda com mágoa o assassinato dos seus trabalhadores e os prejuízos

ção tardou, mas chegou. Afinal, a área de concessão da empresa Abílio Amorim ficava próxima da base onde estava o comando da FLEC. À medida que a floresta era desbravada, a descoberta da base era inevitável.

Por isso sofreu tantos ataques: “sem que tivéssemos noção disso à medida que desbravávamos o caminho, íamos em direcção ao santuário da FLEC e isso acarretou-nos elevados custos”.

de glória

res, anteriormente desempenhou as funções de prospector. Passo a passo galgou terreno na empresa. Mas foi preciso suportar sacrifícios. Foi maltratado pelos homens armados que actuavam no Maiombe e presenciou a queima de viaturas.

Lembra que os homens armados eram os donos e senhores do Maiombe. Tudo o que era feito, carecia das ordens deles: “às vezes ficávamos semanas sem trabalhar. Permanecer aqui onde estamos agora era quase um milagre ficar vivo. E entrar no Maiombe um privilégio ao alcance de poucos. Graças a Deus o quadro mudou e estamos livres e prontos para prestar o nosso contributo ao desenvolvimento dos pais”.

José Luenha tem 43 anos. É operador da máquina que carrega os troncos nos camiões. À semelhança da maior parte dos colegas de profissão, também esteve na mira das quadrilhas, mas a sorte sempre o acompanhou. Conta que o último assalto ocorreu há cinco anos, na área de Catabuanga.

Dois colegas, ambos operadores de moto serra, foram barbaramente assassinados por aqueles que diziam estar a “libertar” Cabinda. As palavras saem embargadas pela comoção ao narrar a tragédia. Nesse dia mudou de actividade e só muito recentemente regressou quando teve a certeza de que já não corre perigo de vida.

“Naquele dia tive de preservar a minha vida e prometi a mim mesmo que só regressava quando houvesse garantias de segurança”, disse. José Luenha considera o trabalho difícil mas compensador, na medida que lhe permite garantir o sustento dos seus sete filhos.



Processo de transformação

Nem tudo corre na perfeição na exploração da madeira, um negócio que exige investimentos avultados. Vitorino Assis Lelo, encarregado da empresa, refere que as constantes avarias nas máquinas acabam por criar dificuldades na produção. Ora são as correias que reventam ora os dínamos que queimam. A qualidade da madeira é sempre tida em conta. A menga-menga e a tacula são as mais procuradas. Conhecedor dos

meandros da produção, Vitorino Assis Lelo considera que o processo de transformação de madeira é feito de dificuldades, sobretudo no tempo das chuvas uma vez que o terreno da floresta do Maiombe condiciona a movimentação de pessoas e viaturas. “Mesmo com as dificuldades temos tido boa produção e recebidos muitos pedidos. Oxalá os nossos serviços sejam cada vez mais solicitados”, disse.



ANTÓNIO SOARES



Centenas de crianças do município do Belize frequentam a nova escola construída no âmbito do Programa de Investimentos Públicos para dar às populações mais isoladas condições de vida dignas e com qualidade

BELIZE NA ROTA DO PROGRESSO

Estrada do Alto Sundi marca nova era para as populações

Está em construção a nova rede de distribuição de água

ALBERTO COELHO | Cabinda

Belize é um dos quatro municípios da província de Cabinda e está na linha divisória entre o Congo Brazzaville e o Congo Democrático. É uma região rica em madeira e a maioria da população dedica-se à agricultura. Ascendeu à categoria de vila a 29 de Setembro de 1956. Hoje dá passos significativos rumo ao desenvolvimento com a execução de projectos que tiveram um impacto muito positivo no nível de vida da população.

O seu administrador, José Kubaia, disse à nossa reportagem que no quadro do Programa dos Investimentos Públicos (PIP) foram financiados 17 projectos, oito dos quais estão em execução nas áreas da educação, saúde, vias de acesso, produção e distribuição de água e energia eléctrica. Está igualmente em execução a construção de 200 casas na vila, que devem ficar concluídas até final do ano.

Belize tem 17 mil habitantes que se dedicam ao trabalho do campo, o que levou a Administração Municipal a dar uma atenção especial aos projectos agrícolas. Está a ser criado no município um banco de sementes para fornecer aos camponeses durante todo o ano. Ainda no sector agrícola foram já adquiridas alfaías agrícolas e fertilizantes para apoiar os camponeses.

A administração está a incentivar os agricultores e camponeses a enquadrarem-se em cooperativas ou associações de modo a melhorarem a produção e contribuírem com o seu trabalho no combate à pobreza.

Em Ngandacango e Zala de Cima, estão a ser construídas escolas e postos de saúde. Na vila, o Hospital Municipal está a ser ampliado.

Educação e saúde

José Kubaia assegurou que no município do Belize todas as crianças estão no sistema de ensino: “este é um grande feito na nossa terra, porque em poucos anos de paz conse-

guimos pôr todas as crianças na escola, em excelentes condições. A única excepção é no Alto Sundi onde as aulas são dadas em capelas e salas improvisadas. Mas com a abertura da estrada, em breve, vamos também construir as escolas necessárias e outras infra-estruturas indispensáveis ao bem-estar da população.”

José Kubaia disse que o município precisa de construir mais 22 escolas para o ensino primário, duas escolas para o segundo ciclo e um instituto médio polivalente: “vamos responder a este desafio e fazer do Belize um município onde os problemas da educação ficam resolvidos durante muitas décadas”.

Outra preocupação do administrador Kubaia é a falta de mais opções de formação no ensino médio. Por enquanto só existe formação de professores e o ensino das ciências sociais (PUNIV). “Desejamos no município um instituto médio polivalente para ajudar os jovens a inserirem-se com facilidade no mercado de emprego.” Quanto à saúde, o município conta com sete postos,

dois centros médicos e o Hospital Municipal do Belize. No quadro da municipalização dos serviços estão a ser construídas mais infra-estruturas sanitárias nas localidades de Ngandacango e no Alto Sundi. A assistência médica e medicamentosa está garantida e foram distribuídos meios de transporte aos enfermeiros para possibilitar a assistência médica às populações que se encontram fora das localidades.

Energia e água

José Kubaia tem consciência que a saúde e a educação são áreas sensíveis que não podem ser esquecidas por isso, “temos que continuar a construir escolas e postos médicos naquelas localidades onde não existem.” Revelou que na vila está em curso a construção de uma nova rede de distribuição e uma estação de tratamento de água com capacidade de 900 mil litros/hora para abastecer 4.500 pessoas. Está igualmente



ANTÓNIO SOARES

Administrador José Kubaia anunciou importantes projectos industriais e agrícolas

em curso a rede de abastecimento de água nas aldeias de Caio Nguembo e Kisóqui e ainda este ano arrancam no Alto Sundi os projectos de Maluango Nzau e Pângala na regedoria de Ngandacango.

Em 2011, foi inaugurado o sistema de Mongoconde que está a abastecer de água potável 13 aldeias da comuna de Luáli no âmbito do Projecto Água para Todos.” Quanto à produção e distribuição

de energia eléctrica, o município é abastecido por sete grupos geradores e uma mini hídrica que abastece de energia as populações de Sanga Planíce.

Estrada do Alto Sundi

Depois de 30 anos de isolamento por falta de acessibilidade, as populações do Alto Sundi, comuna de Miconge, começam a circular livremente com a abertura da via de acesso que liga aquela localidade à aldeia do Bulu.

São 87 quilómetros de estrada em terra batida abertos pela empresa Menga Engenharia que estão a permitir a livre circulação das 2.700 pessoas que vivem na região. Com a abertura da via, começaram as obras de construção de equipamentos sociais indispensáveis para permitir que a população viva condignamente.

“Graças à criação da via, a população de Alto Sundi assiste à construção de escolas, postos de saúde e, brevemente, começam as obras do Projecto Água para Todos”, anunciou o administrador municipal do Belize.

A abertura da via marca uma era de progresso para a população do Alto Sundi que considera a estrada como o maior ganho dos últimos anos, uma vez que vai permitir unir a região ao território da província, o que facilita o escoamento dos produtos agrícolas.



RAFAEL TATI

As estradas foram reparadas e o acesso às aldeias mais isoladas é feito com facilidade o que permite o escoamento de produtos

CACONGO TERRA DE ACOLHIMENTO

A velha vila de Lândana é o postal da região

Novo hospital está em construção e a rede viária foi reabilitada em todo o município

ADALBERTO CEITA | Cabinda

O município de Cacongo, na província de Cabinda, nos últimos dois anos mudou a sua imagem devido às obras que levaram às populações mais escolas, centros de saúde e melhores estradas. O programa de modernização é vasto e inclui acções em vários domínios da vida social. Os custos são assumidos pela Administração Municipal, no quadro do Programa Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza. A velha vila de Lândana é o centro urbano mais importante da região.

Desde o início do Programa Municipal Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza que a vida no município de Cacongo passou a ser encarada pelos habitantes, com optimismo e esperança no futuro.

O administrador João Macaia Tati descreve entusiasmado os projectos sociais que estão a mudar as comunas de Massabi, Dinge e Cacongo onde vivem, no conjunto, 30 mil habitantes.

“Parece mentira, mas há cinco anos quase não tínhamos uma infra-estrutura social digna desse nome e hoje temos tudo”.

João Macaia Tati elogiou a persistência e amor pela terra demonstrados pelos municípios que mesmo diante de muitas dificuldades tiveram a paciência de esperar pela chegada do progresso.

“O país acabava de sair de uma guerra e por insuficiência de recursos financeiros o Executivo teve necessidade de definir prioridades e nós fomos penalizados”, disse.

O quadro começou a ser alterado timidamente e posteriormente ganhou um forte impulso com o Programa Municipal Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza. A administração de Cacongo tem em marcha a construção e reabilitação de diversas infra-estruturas e dos planos de acção para 2012 foram escolhidas 24 obras. A prioridade recaiu para os sectores da saúde e da educação.

A reabilitação de escolas que ficaram afectadas pelas chuvas no início do ano, está na lista das realizações do município. A educação tem tido uma atenção especial.

Na sede do município está em construção uma escola com 24 salas. Se tudo correr como previsto, dentro de dois meses centenas de



A rede sanitária e hospitalar está em expansão e centros de saúde nas aldeias estão a ser reabilitados ou nascem novas estruturas



Administrador municipal de Cacongo João Macaia Tati está feliz com o progresso

crianças têm excelentes condições para estudar.

“Muitas crianças que estudam em capelas vão passar a ter um espaço concebido do ponto de vista pedagógico para uma aprendizagem condigna”, garante João Macaia Tati. Em Cacongo houve grandes avanços no domínio da rede viária. O administrador destaca que a província está bem servida

por ter uma ligação a nível das estradas nacionais a 100 por cento.

A partir da cidade de Cabinda os acessos às comunas de Miconge, Necuto, Massabi e Luali são excelentes. Na sua maioria estão devidamente reabilitadas.

“A nível das vias estão a ser reparadas estradas secundárias e terciárias através de um programa que começou há dois anos”, realça o

administrador de Cacongo. A construção de estradas tem custo elevado e as vias recebem obras de melhorias em função dos recursos financeiros que são disponibilizados. João Macaia Tati destaca que foi possível reabilitar a via do Dinge para Massabi, numa extensão de 23 quilómetros, e foi reaberto o troço Socoto-Leles, fechado há mais de 20 anos.

A paz e a estabilidade que se vive na província, são responsáveis pelos grandes avanços na rede viária. A população do interior do município acaba de sair do isolamento.

Saúde e habitação

O atendimento nos serviços de saúde melhorou muito, mas há ainda deficiências. Os postos de saúde de Sócutu e Cochiloango estavam em estado crítico e estão a ser reabilitados. Se tudo correr como previsto, em breve voltam a prestar ao público, cuidados médicos. Para reforçar o sector da saúde está também em construção um hospital.

“As obras destas duas unidades de saúde incluem casas destinadas aos enfermeiros e encontram-se quase prontas”, garante João Macaia Tati. Muitos pacientes vão diariamente aos postos.

Em curso estão ainda dois projectos habitacionais. Um condomínio de 140 habitações fica pronto em Agosto próximo e um outro de 200 vivendas de média renda está em fase de acabamentos.

Abastecimento de água

Para fazer face às necessidades de consumo, na sede municipal estão a ser desenvolvidos trabalhos para aumentar a capacidade de produção de água.

Além da construção do sistema de captação e tratamento na aldeia de Cochiloango, a prioridade recai também para a recuperação e ampliação do antigo poço com ligação ao sistema de Mpuli, que fornecia água no período colonial. Cacongo tem igualmente em marcha a construção das redes de abastecimento de água nos bairros Primeiro de Maio e 4 de Fevereiro, na Vila de Lândana. Estas obras servem para melhorar as condições de produção e de distribuição de água a 8.200 habitantes do município.

“Na Vila de Lândana a tubagem antiga não resistiu ao tempo e está a ser substituída por outra de plástico”, realçou João Macaia tati.

Regresso à terra

Por diversas razões, muitas pessoas abandonaram a região natal em direcção a outros pontos da província, do país e em alguns casos rumaram em busca de tranquilidade nos países vizinhos.

Tudo isso agora pertence ao passado. Centenas de pessoas estão de regresso à terra animadas pelo clima de paz e estabilidade que caracteriza a província de Cabinda.

O administrador João Macaia Tati lembra que o regresso de angolanos refugiados nos dois Congos ao município de Cacongo é bem-vindo e tem sido feito com o aval do Alto Comissariado das Nações Unidas, organismo que tem o controlo dos refugiados.

O repatriamento tem igualmente o apoio das diversas estruturas governamentais angolanas que intervem no processo.

O município tem sabido dar a resposta devida em função de cada caso apresentado. “Através do Ministério da Assistência e Reinserção Social e outras instituições fazemos a triagem para apurar se essas pessoas são angolanas”, disse o administrador de Cacongo.



A velha vila de Lândana foi durante décadas um importante porto madeireiro



Bairro social com 200 habitações está em fase de acabamentos e nascem no município de Cacongo novos centros habitacionais

BUCO ZAU É A CAPITAL DO MAIOMBE

Pólo Universitário está em construção acelerada

Projecto para exploração e fabrico de fosfatos arranca em força no próximo ano

BERNARDO CAPITA | Cabinda

O município madeireiro do Buco Zau, situado 120 quilómetros a norte de Cabinda, regista nos últimos anos um desenvolvimento social e económico notável, mercê dos programas sociais executados pelo Executivo para reduzir as assimetrias e visando o bem-estar das populações.

Com o programa de reconstrução nacional, Buco Zau beneficiou de vários projectos sociais desde escolas, hospitais, uma rede viária eficaz, sistemas de captação e tratamento de água e incentivos ao sector agro-pecuário.

Os camponeses de Buco Zau receberam ferramentas agrícolas, sementes, adubos e viaturas para transporte dos produtos do campo para as zonas de maior consumo.

Dois grandes projectos sociais foram executados nos últimos dois anos: o Hospital Municipal de Buco Zau e o Hospital Alzira da Fonseca. As duas unidades de saúde estão devidamente apetrechadas com equipamentos de alta tecnologia que permitem diagnosticar qualquer doença, outrora só possível em Cabinda.

A administradora municipal de Buco Zau, Marta Lelo, disse à reportagem do Jornal de Angola, que o desenvolvimento económico está ao serviço do bem-estar social das populações. Marta Lelo afirma que “estou muito orgulhosa” porque as grandes obras “foram lançadas desde que sou administradora o que revela que temos trabalhado em prol do bem-estar das populações”.

A administradora de Buco Zau lembrou que “estamos a construir escolas, hospitais, centros médicos, casas para professores e habitações sociais na perspectiva de melhorar a vida dos munícipes”.

O Programa de Combate à Pobreza também caminha satisfatoriamente. A administradora revelou que estão em execução vários projectos com destaque para a



Administradora Marta Lelo patrocinou projectos sociais



Com a floresta do Maiombe no horizonte nasce no município mais um bairro com dezenas de habitações de baixa renda

construção de 250 casas sociais, escolas, postos médicos, residências para professores e enfermeiros.

Estão em construção outras 150 casas sendo 75 na aldeia de Catabuangas e as restantes na localidade de Lites, para garantir o retorno das populações às suas zonas de origem. A administradora Marta Lelo considera este lote de casas, um dos ganhos mais importantes para as populações das áreas mais isoladas do município de Buco Zau.

Regresso das populações

A administradora Marta Lelo afirmou que o desenvolvimento do município de voltou a auto-estima das populações e levou a que muitos cidadãos que outrora abandonaram as suas terras em busca de melhores condições de vida noutros pontos da

provincia, estejam a regressar.

“O município está transformado, para melhor. Quando cheguei a Buco Zau havia falta de tudo e hoje a realidade é outra” disse Marta Lelo. Apesar de haver ainda muita coisa por fazer no município, o que está feito melhorou muito a vida quotidiana das populações.

A construção do pólo universitário, cujas obras estão avançadas, constitui para a administradora Marta Lelo, uma das grandes realizações do Executivo no Buco Zau “porque vai dar possibilidade aos jovens de continuarem com os seus estudos no município sem terem que se deslocar para Cabinda onde muitos não possuem condições para pagar a sua estada”.

O que deixa a administradora de Buco Zau particularmente preocupada é a situação de energia eléctrica,

pois o município é abastecido por grupos geradores o que é oneroso, em virtude das grandes quantidades de combustível que consomem.

Um pouco de história

A designação de “Buco Zau” provém do dialecto kiyombe, nome do antigo rei da tribo Matchionzo, que se chamava Mambuco N'zau. A região era um paraíso para os elefantes, n'zau no dialecto local. Os portugueses aportuguesaram a expressão para Buco Zau.

O município está na floresta do Maiombe, que é a segunda e mais densa do mundo depois da floresta do Amazonas, no Brasil. Situa-se a 120 quilómetros da cidade de Cabinda e é limitado a Norte pelo município do Belize, a Este pela República Democrática do Congo, a Oeste pela

República Popular do Congo e ao Sul pelo município de Cacongo.

A população dedica-se sobretudo à agricultura de subsistência e à caça. As culturas mais importantes são o café, banana, mandioca, batata inhame, dendém, feijão e frutas.

O município madeireiro de Buco Zau tem 40 mil habitantes predominantemente do grupo etnolinguístico bakongo. Possui também valiosos recursos minerais como ouro, betume, pedra calcária, magnésio, ferro, diamantes e fosfatos cujos resultados de prospecção foram apresentados recentemente ao governo da provincia pela empresa “Mongo Tando”.

Os trabalhos de exploração começaram no próximo ano e com uma produção anual de 800 mil toneladas de fosfatos que podem render anualmente 112 milhões de dólares.

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO

As mulheres de Cabinda na vanguarda da adesão

LEONOR MABIALA | Cabinda

Maria Erdiona tem 32 anos e é mãe de quatro filhos. Antes de frequentar as aulas de alfabetização não sabia ler nem escrever o seu nome. Agora exhibe, orgulhosa, o Bilhete de Identidade com a sua assinatura. Com o que aprendeu consegue orientar os filhos nas actividades escolares e vai continuar a estudar até finalizar o ensino médio.

Madalena Bumba tem 30 anos e cinco filhos. Um belo dia conheceu um alfabetizador que a convenceu a ir às suas aulas. Foi inscrever-se para romper a barreira da vergonha que sentia quando os sobrinhos zombavam dela por ser analfabeta.

“É importante estudar, os alfabetizadores estão sempre de braços abertos e disponíveis para acolher todos aqueles que querem aprender”, disse Madalena Bumba. António dos Santos tem 27 anos e anda nas aulas de alfabetização em Cabinda porque “nunca é tarde para aprender”. A alfabetizadora Ressamo Rosa diz que a

grande dificuldade dos adultos é vencerem o receio de aderir às aulas de alfabetização por isso aconselha todos os que não sabem ler nem escrever a deixar de lado os preconceitos: “aproveitem porque

a provincia de Cabinda oferece muitas oportunidades de alfabetização”. As aulas de alfabetização são gratuitas e o programa nos actuais moldes vai até 2015: “por isso, os que não sabem ler e escrever não

esperem mais, porque só estão adiando o seu crescimento intelectual”. Este ano, na provincia de Cabinda, estão matriculados nas aulas de alfabetização 7.871 adultos, disse o coordenador provincial do Programa de



As mulheres de Cabinda responderam em força aos desafios do programa de alfabetização que visa erradicar o analfabetismo

Alfabetização e Aceleração Escolar, Alexandre Lanzi. Deste número, 4.873 são mulheres.

Alexandre Lanzi informou que o Programa de Alfabetização e Aceleração Escolar (PAAE) é dirigido essencialmente aos adultos, jovens e adolescentes com atraso escolar, com idade mínima de 12 anos. Foi concebido pelo Executivo e tem como principal objectivo a erradicação do analfabetismo até 2015.

“Ao terminarem a primeira fase de alfabetização, os alunos seguem para a aceleração escolar que corresponde à conclusão da terceira e quarta classe.

Para a concretização do programa, a secretaria provincial da Educação Ciência e Tecnologia tem promovido acções de formação de alfabetizadores, seminários de qualificação e actividades de sensibilização da sociedade para a importância de saber ler e escrever.

Na provincia de Cabinda, o programa é assegurado por 288 alfabetizadores distribuídos pelos quatro municípios e conta com o apoio dos parceiros sociais, igrejas, partidos políticos e associações de camponeses. Alexandre Lanzi revelou que as mulheres de Cabinda são as que mais aderem às aulas de alfabetização, na sua maioria inseridas na OMA e nas igrejas.

NOVAS CENTRALIDADES

Milhares de famílias têm um lar à espera

Os primeiros apartamentos são entregues aos proprietários ainda este ano

JOAQUIM SUAMI | Cabinda

A nova urbanização do Chibodo, com duas mil habitações, vai ter infra-estruturas de apoio modernas e funcionais. O projecto é da Sonangol Imobiliária e está enquadrado no Programa Nacional de Habitação

O secretário provincial do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente, Paulo Luvambano, informou que na outra centralidade do Chibodo, onde estão a ser construídos mil apartamentos e 60 moradias, as habitações vão ser colocadas à disposição dos proprietários até ao fim do mês.

Paulo Luvambano acrescentou que para além das centralidades do Chibodo, estão igualmente adiantados os trabalhos de urbanização da Vila Esperança, um bairro com 100 moradias que dentro de três meses vão tornar realidade o sonho de casa própria para outras tantas famílias de Cabinda. A aldeia do Chibodo é uma urbanização moderna com todas as infra-estruturas. Mas até ao final do ano, Cabinda vai ter mais centenas de casas sociais em Cata Buanga e Lites, em Buco Zau e no Tenda, município do Cacongo.

Paulo Luvambano disse que para além dos projectos do Executivo, o Governo Provincial de Cabinda, no âmbito do Programa de Investimento Público (PIP), vai construir 600 casas sociais nos municípios de Belize, Buco Zau e Cacongo. Neste momento estão a ser feitos trabalhos de terraplanagem no espaço das urbanizações. “No município do Cacongo, onde o terreno é regular, já estamos a construir casas”, disse.

No município do Cacongo está a ser urbanizada a aldeia de Tenda. O projecto inclui a construção de 140 habitações. Algumas já estão em fase de conclusão. No município de Buco Zau, aldeia Cata Buanga, estão a ser construídas 70 casas sociais e no Lites 80. Muitas estão concluídas, à espera dos moradores.

Paulo Luvambano disse que a construção de casas sociais nos municípios de Belize, Buco Zau e Cacongo está a ser feita no âmbito dos projectos do Governo Provin-



A urbanização do Chibodo e a Vila Esperança são centralidades com milhares de fogos habitacionais que em breve vão alojar famílias de Cabinda em excelentes condições

cial, de apoio ao Programa Nacional de Habitação.

Modalidades de compra

Os interessados nas novas habitações podem adquiri-las por compra directa a pronto pagamento ou através de uma renda resolúvel.

Outra maneira de adquirir a casa é através do crédito bancário.

Os interessados devem apresentar toda a documentação exigida pelo banco. Um fundo habitacional do Estado serve de avalista para facilitar a aquisição de habitação própria. As 400 habitações do complexo de Cabassango e Buco Ngoio

estão a ser usadas para dar resposta à procura de habitação em Cabinda. A secretaria provincial do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente está a elaborar projectos para urbanização do Labo, no Mbundo, e no Caio Nguembo, município de Buco Zau.

Distribuição de lotes

Desde 2008 a 2012, a Administração Municipal de Cabinda, em parceria com a empresa Profiurb, concedeu aos municípios 8.500 lotes para construção autodirigida. O programa visa facilitar às populações a construção da sua própria

habitação. Os lotes são infra-estruturados pela Estado. A distribuição de lotes surge no âmbito da construção autodirigida, que é também um elemento importante no Programa Nacional da Habitação. Este ano, na zona do Chibodo, foram distribuídos dois mil lotes para autoconstrução dirigida.

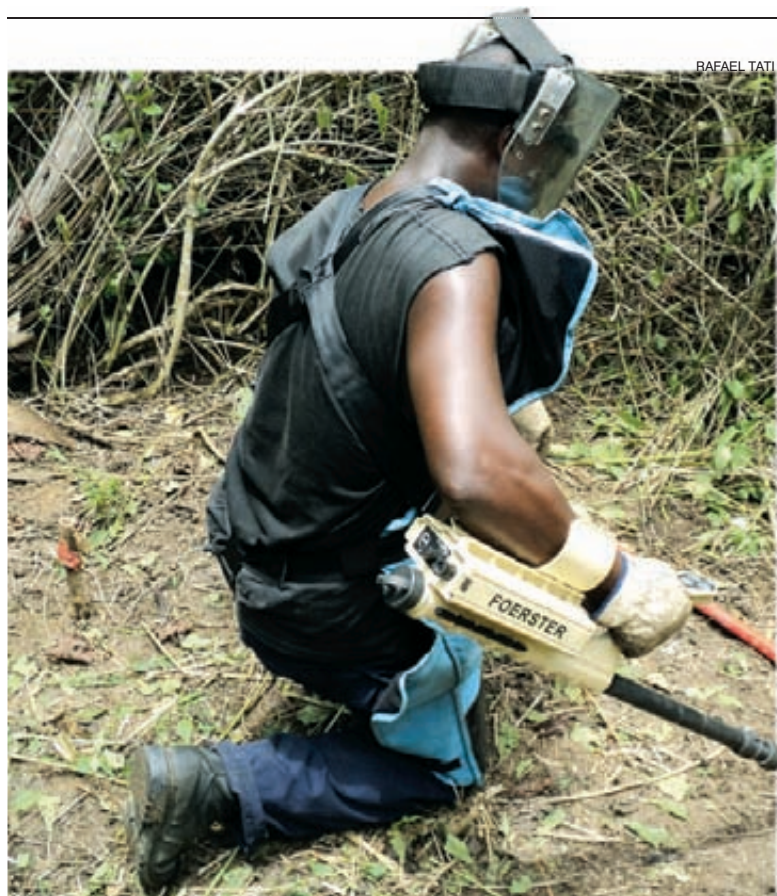
O programa vai também para os municípios de Belize, Buco Zau e Cacongo. “Este programa também está a avançar nos municípios. A concessão do lote vai ser acompanhada com uma planta fornecida pela Administração Municipal para evitar casas sem qualidade nas novas urbanizações”, concluiu.

RAFAEL TATI

RAFAEL TATI



Secretário provincial Paulo Luvambano



RAFAEL TATI

DESMINAGEM EM CABINDA

Nascem bairros e lavras nas zonas livres de minas

ANDRÉ GUTO | Cabinda

O Instituto Nacional de Desminagem em Cabinda removeu de 2007 até Junho deste ano 37 engenhos explosivos. Francisco Alfredo Gomes Luemba, responsável provincial da instituição, pormenorizou que 17 engenhos foram removidos no município do Belize, na picada de Mongo Conde, 16 no Caio Guembe, um no Mantjeno e três em Massabi, ambos do município de Cacongo. Foram igualmente removidas quatro minas no município de Cabinda, sendo duas do tipo anti-pessoal e outras duas anti-tanque.

Os trabalhos de localização das áreas suspeitas de minas foram iniciados em 2006 e ainda decorrem devido ao mau estado das estradas do interior da província: “quando começá-

mos a efectuar o levantamento das áreas suspeitas de minas encontramos muitas dificuldades porque naquela altura algumas estradas estavam totalmente esburacadas e as pontes destruídas, o que impossibilitava o avanço das nossas viaturas” disse Francisco Luemba.

Os técnicos do Instituto Nacional de Desminagem em Cabinda trabalham actualmente em 37 áreas minadas. O levantamento continua ser efectuado para se chegar a um número exacto das localidades onde é preciso actuar.

Os municípios de Cabinda, Cacongo e Belize são os que têm mais minas para remover. Cabinda tem 2,9 milhões de metros quadrados completamente limpos e que foram entregues ao Governo Provincial para executar projectos sociais. Francisco Alfredo Gomes frisou que a desminagem é feita em fun-

ção das necessidades do governo.

“O Instituto Nacional de Desminagem é uma empresa pública que depende das políticas definidas pelas autoridades, por isso nunca fazemos nada sem sermos orientados. Agora estamos a preparar no município de Cacongo, Chimbedica, um terreno onde o Governo Provincial vai construir um bairro para alojar angolanos repatriados dos Congos e posteriormente vamos fazer a verificação das reservas fundiárias existentes na província”, disse Francisco Gomes.

Os atrasos que se têm verificado na desminagem têm a ver com a demora no envio dos meios de trabalho para a província de Cabinda, sobretudo viaturas, tendas e detectores, instrumentos indispensáveis para a desminagem.

Actualmente, a actividade de desminagem é assegurada por 30 trabalhadores dos quais 29 são técnicos. Francisco Gomes apelou à população para colaborar com as equipas de desminagem, dando informações das áreas suspeitas nas suas localidades, “porque só assim os técnicos de desminagem podem fazer um bom trabalho de localização”.

As equipas de desminagem transformam campos minados em lugares seguros para viver

OBRAS ESTRUTURAIS MELHORAM QUALIDADE

Município de Cabinda segue rumo ao progresso

Cidade oferece aos jovens espaços públicos de qualidade

ADALBERTO CEITA | Cabinda

Com uma população de 300 mil habitantes, o município de Cabinda tem vindo a conquistar progressos significativos com a construção de infra-estruturas que mudaram para melhor a vida dos seus habitantes. O Programa Municipal Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza está em pleno funcionamento, sobretudo na periferia.

Adriano de Jesus caminha em direcção ao Largo da Paz para um encontro com os amigos, depois de um dia de actividade escolar. É um hábito diário só possível, graças ao clima de paz e estabilidade que a província vive.

Muitos jovens de Cabinda têm gosto pelas praças e outros espaços públicos da cidade. Além do Largo da Paz existem outros espaços citadinos do agrado da juventude.

Francisco Tando, administrador municipal, diz maravilhas do Programa Municipal Integrado de Desenvolvimento Rural e Combate à Pobreza. Desde a sua criação tem vindo a dar um maior impulso na construção e reabilitação de infra-estruturas que estavam votadas ao abandono.

“Ao abrigo do programa, no ano passado cumprimos à risca o plano de obras previsto. Só que este ano, as obras estão a andar mais devagar devido a atrasos verificados na entrega dos fundos financeiros”, lamenta Francisco Tando.

O administrador municipal diz que em Cabinda “não existem projectos prioritários uma vez que todos eles são importantes para garantir o bem-estar da população”.

Mas ele quer que a população dê o seu contributo, porque para gerir bem a cidade não basta dinheiro: “os habitantes de Cabinda têm que ajudar com um comportamento cívico responsável e protegendo os bens públicos, que afinal são de todos nós”.

Nicolau Mombo está convicto que tem de ser assim. Nasceu, cresceu e nunca saiu de Cabinda. Apesar de criticar alguns problemas que a cidade tem “e que são de fácil solução” dá o seu “voto de confiança” ao Executivo porque “Cabinda nunca esteve tão bem e fica cada dia melhor”. Este filho da cidade afirma que só pode criticar, “quem

acredita no futuro e conhece a história da província”. Funcionário público, Nicolau considera que há grandes avanços nos vários domínios da vida social e aponta a central térmica do Malembo “como um grande presente a todos os habitantes da cidade de Cabinda”.

Terminaram os “apagões”

Os problemas no fornecimento de energia eléctrica que nos últimos dois anos foram a principal causa da insatisfação dos habitantes do município de Cabinda estão definitivamente ultrapassados com a entrada em funcionamento da central térmica do Malembo. A infra-estrutura conta com duas turbinas e cada uma tem a capacidade de produzir 35 mil megawatts de energia eléctrica.

O aumento do fornecimento de energia facilita os investimentos em curso no sector da indústria, cria novos postos de trabalho e aumenta o número de consumidores no município e áreas vizinhas.

Joana Macelo integra o vasto número de pessoas que passou a ter luz em casa sem falhas. Ela vive na cidade e diz que já estava farta dos constantes “apagões”. As noites agora são mais agradáveis e o risco de assaltos a coberto da escuridão baixaram. “Aguardamos todos que o restabelecimento seja definitivo porque ninguém deseja regressar aos tempos das velas e dos geradores”, disse Joana Macelo.

Cuidados primários de saúde

O acesso aos cuidados primários de saúde melhorou muito em Cabinda e na periferia da cidade. Recentemente entrou em funcionamento um centro de saúde na comuna de Tando Zinze.

Reabilitado, ampliado e equipado com mobiliário moderno, está apto a atender mais de quatro mil pessoas que residem em seis aldeias próximas.

O administrador Francisco Tando afirma que as condições logísticas foram criadas para que nada falte ao pessoal médico, enfermeiros e auxiliares.

O objectivo, diz, consiste em melhorar os serviços de saúde junto das comunidades, reduzindo a mortalidade infantil. Enfermeiro

com uma folha de serviço reconhecida em Tando Zinze, Símbio Gimi elogia as melhorias em termos de infra-estruturas que a comuna tem vindo a registar.

“Tivemos épocas em que faltava tudo para podermos desempenhar a nossa função e muitas vidas se perderam. Agora temos boas condições e ganhamos a confiança dos pacientes”, realça o enfermeiro Símbio Gimi.

O Programa Água para Todos é uma realidade em Cabinda e neste momento estão em curso sete projectos que visam o melhoramento do abastecimento nas aldeias localizadas na parte sul da cidade de Cabinda. “Esse ano, quando terminarmos o Programa de Combate à Pobreza já teremos resolvidos pro-



O administrador municipal Francisco Tando aposta numa cidade para a juventude



Nas principais praças de Cabinda surgem elementos decorativos que as tornam locais agradáveis para o convívio e lazer

blemas que hoje afectam mais de 60 mil cidadãos”, disse o administrador Francisco Tando.

Circulação automóvel

Em função da sua localização geográfica, o município de Cabinda tem a particularidade de receber projectos de âmbito nacional, provincial e municipal. Francisco Tando reconhece a vantagem desta si-

tução. Devido a este contributo, a rede viária que serve os bairros melhorou muitos e dentro de dias começa um programa do governo da província para melhorar a circulação automóvel. O programa tem a participação do Ministério do Urbanismo e Construção e abrange as vias secundárias e terciárias.

“A execução das obras de melhoramento, terraplanagem e asfaltagem de algumas vias vai contribuir

para a fluidez do trânsito automóvel em Cabinda”, disse o administrador municipal. O sector do ensino carece de salas sobretudo, na periferia. O administrador anunciou que para atenuar as dificuldades estão em construção mais duas escolas nas comunas do Malembo e na aldeia do Chinga. Juntas perfazem 11 salas, o que permite introduzir mais centenas de crianças no sistema público de ensino.



O centro da cidade de Cabinda apresenta espaços ajardinados e a limpeza é garantida pelos serviços da Administração Municipal



Os jovens têm nos espaços públicos da cidade os seus pontos de encontro e de recreio

MUNICIPALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

Cuidados de Saúde para todos em primeiro lugar

Médicos e enfermeiros trabalham mais próximos das comunidades da periferia

LEONOR MABIALA |

O Programa Integrado de Municipalização dos Serviços de Saúde deu um novo impulso à assistência médica às populações e ao abastecimento de medicamentos e outros fármacos nos postos médicos nos quatro municípios da província de Cabinda.

O secretário provincial da Saúde, Carlos Zeca, garante que o programa permite levar os cuidados primários de saúde às populações mais isoladas e facilita o abastecimento de medicamentos, reagentes, material gastável de uso hospitalar e instrumentos de trabalho para as parteras tradicionais.

O programa está a apoiar as Administrações Municipais na compra de bens alimentícios para os técnicos que trabalham nos municípios e o melhoramento das condições de trabalho de atendimento do público.

Com os fundos do programa têm sido reabilitados ou construídos postos de saúde nas áreas mais isoladas, o que contribui para a melhoria da qualidade de assistência e aumento da oferta dos serviços de saúde às populações.

O programa de municipalização da saúde está implantado nos quatro municípios da província: Cabinda, Caçongo, Buco Zau e Belize. Todas as comunas têm agora cuidados de saúde melhorados, sobretudo no Alto Sunde, que esteve isolado devido à guerra.

O sucesso do programa de municipalização da saúde está nas estradas secundárias e terciárias que desde o ano passado estão a ser reparadas, o que permite a chegada dos cuidados primários de saúde, sobretudo as campanhas de vacinação e de desparasitação de crianças.

No Alto Sunde, Belize, dois postos médicos estão em construção no âmbito do programa de municipalização dos serviços de saúde.

Principais benefícios

Carlos Zeca, médico obstetra, referiu que a expansão da rede sanitária das sedes municipais para as comunas, permitiu encurtar as longas distâncias que a população percorria para ter assistência médica e medicamentosa.

Outro benefício está ligado ao fácil fornecimento de medicamentos às aldeias mais longínquas da província e ao sucesso das campanhas de vacinação e desparasitação das crianças, nas aldeias mais isoladas do interior da província de Cabinda.

A municipalização dos serviços de saúde em Cabinda está a aproximar os profissionais do sector às comunidades porque há uma intervenção directa dos administradores nas acções de planificação com os responsáveis da saúde.

Equipamentos de saúde

Até 2002 a província tinha uma rede sanitária constituída por 53 hospitais, centros e postos de saúde. Após a conquista da paz e até final de 2011, o sector ficou com 92 unidades. A maior parte dos equipamentos está concentrada no município de Cabinda, que conta com um hospital provincial, dois municipais e muitos centros e postos médicos na periferia da cidade.

Este ano abre a unidade de doenças infecto-contagiosas, construída em Santa Catarina, o centro médico de Ganda Cango, além de postos de



A província de Cabinda está bem servida de hospitais e centros de saúde com a capital provincial a responder de uma forma eficaz às necessidades dos doentes e do ensino médico



Centros de saúde na periferia e dos municípios têm capacidade para internar doentes

saúde nos municípios de Buco Zau e Belize. No município de Caçongo, Carlos Zeca referiu que estão em curso a execução das obras do hospital municipal com uma capacidade para 120 camas, para responder às actuais necessidades relativas ao crescimento populacional.

“O sector provincial de Saúde está bem servido, o nível de atendimento dos pacientes melhorou consideravelmente. O Governo Provincial está a colocar à disposição dos profissionais da saúde as condições indispensáveis para funcionarem”, disse Carlos Zeca.

Novo hospital geral

“A periferia já funciona em óptimas condições, como resultado da política de descentralização”, disse o secretário provincial da Saúde. A província dentro de algum tempo é reforçada com um novo hospital geral e um centro de hemodiálise. A sua construção está inserida, no programa da Direcção Nacional do Ministério da Saúde.

O hospital geral vai ser construído na localidade de Buco Ngoio e tem 350 camas. Carlos Zeca referiu

que a nova unidade hospitalar tem um serviço de psiquiatria até agora inexistente nas unidades hospitalares da província.

A unidade de hemodiálise vai ser erguida na zona adjacente ao Hospital 28 de Agosto. A sua construção visa acabar as constantes deslocações a Luanda de pacientes que padecem de insuficiência renal.

O município de Cabinda tem três hospitais municipais e um provincial, além de um número considerável de postos e centros médicos. Os municípios de Caçongo, Buco Zau e Belize têm um hospital municipal.

Assistência à criança

Na província de Cabinda a expansão e melhoria da qualidade da assistência materna e infantil permitiu diminuição significativa da mortalidade.

Há uma maior articulação e organização dos serviços ligados à distribuição regular de fármacos, melhorias na execução dos programas de combate e controlo à malária, tuberculose e Sida em toda a província. Apesar das melhorias alcançadas, o secretário provincial



O secretário provincial da Saúde garante que nos próximos tempos a cobertura é total

da Saúde revelou que a malária continua a causar vítimas mortais, sobretudo crianças: “a malária continua ser a principal causa de mortalidade porque a província está situada numa zona endémica, com condições favoráveis à reprodução de mosquito vector da doença, associada também à falta de higiene devido à acumulação de lixo e existência de charcos perto das casas”.

No primeiro trimestre deste ano foram notificados 6.220 casos de malária que resultaram em 42 óbitos. Mas há uma boa notícia. O índice de infecção de malária no seio das populações baixou significativamente, devido à intensificação de medidas profiláticas, como a distribuição gratuita de mosquiteiros tratados com insecticida às mulheres grávidas e crianças.

Uma equipa técnica cubana paralelamente desenvolve em toda a província de Cabinda a luta anti larval para exterminar os mosquitos que causam a doença.

Hospital Regional

O Hospital Alzira da Fonseca funciona com o objectivo de des-

congestionar o fluxo de pacientes que acorrem ao hospital central. É uma unidade com 110 camas e tem maternidade, pediatria, medicina geral, cirurgia, oftalmologia, estomatologia e urologia. Esta unidade hospitalar recebe doentes de Belize e de Buco Zau.

A unidade hospitalar está equipada com tecnologia moderna e tem óptimas condições de trabalho para os técnicos. O corpo clínico do Hospital Alzira Fonseca está a funcionar com 21 médicos de várias especialidades.

O reforço do pessoal médico na região norte da província de Cabinda teve como propósito garantir uma assistência mais personalizada à população.

Em termos de recursos humanos, o sector da Saúde na província de Cabinda dispõe de 2.573 funcionários. Deste número, 132 são médicos, 1.334 enfermeiros, 375 técnicos de diagnóstico terapêutico e 158 administrativos.

Está a decorrer um concurso público para o recrutamento de mais médicos e enfermeiros para preenchimento de vagas nas novas unidades sanitárias.

RAFAEL TATI



ESTÁDIOS E PAVILHÕES COM QUALIDADE

Cabinda trabalha para ser em breve o maior centro desportivo de Angola

Campo de futebol com relva sintética e um pavilhão polidesportivo no Belize

JOAQUIM SUAMI | Cabinda

O Executivo está apostado na construção de equipamentos desportivos para tornar a região no principal pólo de desenvolvimento do desporto em Angola, disse o secretário provincial da Juventude e Desportos, Óscar Dilo.

O Governo Provincial tem vários projectos em curso, alguns na fase de conclusão, como o centro de estágios de Mbaca, que vai ser uma referência a nível nacional e continental. Em marcha acelerada está também a reabilitação completa do Estádio Municipal do Tafe, que já tinha beneficiado de melhoramentos para o CAN'2010. O campo do Chibodo está a receber nesta altura relva sintética e em breve fica à disposição dos praticantes de futebol.

O secretário provincial dos Desportos anunciou a construção de um campo de futebol com relva sintética e um pavilhão polidesportivo no município do Belize, à semelhança do que já foi feito no Bucou Zau.

Para além dos projectos do Governo Provincial, o Ministério da Juventude e Desportos, no âmbito do "Programa Despontar", está a construir campos de futebol para massificar a modalidade em todos os municípios e comunas da província de Cabinda.

Estádios e pavilhões

O Estádio Nacional do Chiazi tem capacidade para 20 mil espectadores e foi construído para o CAN Angola'2010. Estão em pleno funcio-

namento os pavilhões do Tafe, do Sporting de Cabinda, do Lombolombo, do Jika, do Comandante Dangereux, do Barão Puna e de Cabassango, todos construídos no quadro da realização dos campeonatos africanos de basquetebol e andebol.

Óscar Dilo realçou que o maior problema da província tem a ver com a manutenção das infra-estruturas desportivas já existentes, por falta de verbas. Mas existe um estudo do Ministério da Juventude e Desportos que uma vez aprovado garante a manutenção das infra-estruturas desportivas.

Mas enquanto não se resolve o problema, O Governo Provincial de Cabinda vai continuar a traba-

lhar na manutenção dos equipamentos para que o desporto local se desenvolva sem problemas

Apoio aos clubes

O secretário provincial da Juventude e Desportos garantiu que o governo de Cabinda está a trabalhar para apoiar financeiramente os clubes e as associações desportivas, com vista ao desenvolvimento do desporto.

"Estamos prontos a dar apoio financeiro aos clubes porque essa é uma forma de desenvolver o desporto na província de Cabinda. As nossas equipas têm de competir condignamente nas provas nacio-

nais, porque esta região sempre esteve presente em todas as provas do país", disse Óscar Dilo.

Os maiores problemas estão no desporto federado que exigem verbas muito mais elevadas do que as que são necessárias para o desporto amador. "Os nossos clubes continuem a depender do Governo Provincial e enquanto for assim, a crise vai sempre persistir.

O governo está apostado na construção de infra-estruturas económicas e sociais, por isso, o desporto passa para segundo plano. Mas vamos encontrar soluções que permitam suprimir as dificuldades que os clubes e as associações atravessam na concretização dos seus planos", disse.

À procura de talentos

O projecto de massificação desportiva criado em 1999 pelo Governo Provincial de Cabinda está a ser revisto para ser mais abrangente. De momento forma apenas atletas na modalidade de basquetebol. Óscar Dilo disse que o objectivo agora é enquadrar no projecto as cinco principais modalidades mais praticadas em Cabinda: andebol, atletismo, basquetebol, boxe e futebol.

"Estamos a estudar em que modalidades o projecto vai ser revitalizado mas por falta de verbas estamos com dificuldades. O dinheiro que temos não é suficiente para avançarmos com o alargamento do projecto, porque temos que pensar na formação dos técnicos e monitores que vão trabalhar na massificação dos atletas", disse.



O desporto adaptado mobiliza centenas de atletas

Encontro provincial

O governo está a trabalhar na criação de condições essenciais para a realização, este ano, do primeiro encontro provincial dos desportos. Óscar Dilo disse que a secretaria da Juventude e Desportos tem estado a trabalhar com vários sectores da província para que o encontro seja importante para projectar a actividade desportiva na província.

"A realização do encontro provincial dos desportos é uma matéria que temos vindo a tratar, a princípio esta marcado para este ano, mas temos que encontrar o momento próprio, porque vamos receber muita gente da família desportiva do país e do exterior para nos transmitir experiências no campo desportivo, por isso, temos que estudar bem a realização do encontro. Temos estado a ouvir muitas opiniões. Mas primeiro devemos definir as principais metas que vão permitir o desenvolvimento do desporto na região", concluiu.

A secretaria provincial da Juventude e Desportos vai trabalhar estreitamente com o sector da Educação, no âmbito do programa do desporto escolar, que também permite a formação de jovens em várias modalidades, com o objectivo de garantir futuros talentos.



Nos torneios de futebol as mulheres de Cabinda mostram que têm grande qualidade

RAFAEL TATI



A província tem condições em termos de infra-estruturas que permitem às equipas disputar o Campeonato Nacional de Futebol Girabola

RAFAEL TATI



O atletismo sobretudo nas disciplinas de fundo e meio fundo tem muitos atletas a praticar



RAFAEL TATI



RAFAEL TATI

A juventude de Cabinda tem excelentes condições para a prática desportiva



RAFAEL TATI

Festivais ginnodesportivos têm a participação de milhares de crianças e jovens

DESPORTO AMADOR

Empolgantes jogos de futebol animam os bairros de Cabinda

Polga é defesa dos Invejosos e Cara Doce goleador do Jika

ADALBERTO CEITA | Cabinda

O desporto amador em Cabinda tem nos jogos de futebol entre bairros a sua expressão mais popular. Aos fins-de-semana, centenas de jovens entram em competição e todos ganham, porque o objectivo é conviver e fazer exercício físico.

A vontade é muita, a habilidade ainda mais, mas a falta de equipamentos é um quebra-cabeças para os organizadores, responsáveis das equipas e atletas. Mas mesmo com as dificuldades existentes, todos conseguem dar largas ao seu talento. Nos campos pelados de Cabinda estão a nascer grandes estrelas de futebol.

Alfredo Gomes anda há dois anos a jogar pela equipa do seu bairro. É o defesa central do Futebol Clube Simbila e ninguém o supera em desportivismo e entrega ao jogo. Todos os fins-de-semana faz as delícias dos adeptos no campo de futebol do PM, no bairro do Cabassango.

É no areal que brilha com a bola nos pés. Com passes a longa distância bem medidos e jogadas defensivas perfeitas, ajudou a sua equipa a vencer o Futebol Clube do Tande.

O futebol ganhou também um lugar de destaque na vida de Miguel Fernando, que actua como guarda-redes do Futebol Clube do Simbila.

“Há três anos que estou neste ritmo e não penso desistir tão cedo, porque tenho este compromisso com a baliza e o desporto” disse na brincadeira.

A principal preocupação do jovem guarda-redes é ter de jogar em campos pelados. Quando tem de sair aos pés dos adversários ou fazer um mergulho mais arrojado, o chão duro provoca-lhe feridas. Mas o gosto pela modalidade acaba por falar mais alto que tudo o resto. “Gostávamos de jogar num campo relvado, com redes nas balizas, marcações e medidas regulamentares”, disse o guardião Miguel Fernando.



EDUARDO PEDRO

Os torneios de futebol popular entre os bairros da cidade de Cabinda revelam os craques

A alegria e a boa disposição são as marcas nos jogos dos clubes amadores de futebol. Nkanga Temuena, capitão e um dos responsáveis pela criação da equipa de futebol do Simbila, diz que a carência de equipamentos dificulta a evolução dos atletas, mas a vontade de praticar desporto supera tudo.

“O nosso grupo de trabalho é composto por 14 jogadores que defendem o projecto de manter a equipa de pé e para isso contamos com o apoio da empresa que a equipa tem como nome”, disse.

Novos talentos

O campeonato disputado no bairro Jika, no campo de futebol do Tchizo, é frequentado por dirigentes desportivos dos clubes federados, que andam à procura de jovens promissores.

O futebol tem contribuído para melhorar a imagem da comunidade. O bairro Jika costuma ser palco de delinquência juvenil e o desporto nos bairros ajuda a retirar os jovens da criminalidade.

O secretário Provincial da Juventude e Desportos em Cabinda, Óscar Dilo, aponta nomes de jovens saídos dos campos de futebol dos bairros de Cabinda e que agora desenvolvem o seu talento no Girabola. Castro joga no Inter Clube de Luanda, Mamalé no ASA e Zeca no Sporting de Cabinda.

Num domingo com temperatura amena, centenas de adeptos enchiam o campo do Tchizo para ver jogar o Inter do Jika, os “Leopardos”, contra o Futebol Clube do Pio, um grande dérbi local. A liderança do campeonato estava em jogo. Os “Leopardos” do bairro Jika comandavam.

O jogo começou a alta velocidade. Os jogadores do Pio iam aguentando os ataques adversários. Mas as “feras” adversárias eram muito fortes e ganharam o jogo por 3-0. Os adeptos fizeram a festa.

O campeonato existe desde 2007. Começou com 12 equipas e tem hoje a participação de 16. Cada uma tem a obrigação de pagar um valor simbólico de participação.

O presidente da comissão organizadora, João Rodrigues, revela

que os clubes são oriundos do bairro Comandante Jika, particularmente da aldeia do Tchizo. “Muitos são jovens com grande talento que podem fazer carreira no futebol nacional e internacional”, disse.

Mais campos de futebol

O secretário Provincial da Juventude e Desporto em Cabinda, Óscar Dilo, considera favorável o quadro do desporto amador em Cabinda. Enquanto as outras modalidades desportam timidamente, o futebol está bem organizado nos bairros. “O campeonato do gira-bairro tem o apoio do Governo Provincial”, disse.

A nível dos bairros existem vários campeonatos e as equipas mais evoluídas têm lugar assegurado no gira-bairro. Os campeonatos dos bairros Comandante Gika e Amílcar Cabral são os mais competitivos.

Óscar Dilo disse que, na medida possível, tem prestado o auxílio necessário aos clubes de bairro. Os equipamentos e outros materiais indispensáveis à prática da modalidade, têm o suporte do Governo Provincial.

Para que o futebol nos bairros continue pujante, os campos do Benfica, do Chueca, Jika e Mbunoko estão sempre disponíveis. O cenário pode mudar para melhor com o “Projecto Desportar” que abrange a construção de 21 campos distribuídos por todos os municípios e comunas. São recintos desportivos que estão a ser construídos para beneficiar as comunidades e alguns já estão concluídos.

Óscar Dilo elogia o esforço dos organizadores dos campeonatos de futebol realizados nos bairros e realça que são maratonas de jogos que criam um ambiente salutar e ocupam a juventude. Mas as outras modalidades não estão esquecidas e é nas escolas que estão em maior evidência.

“Ao contrário do futebol, as outras modalidades amadoras exigem a construção de pavilhões polidesportivos e temos vindo a trabalhar para desenvolver também essas modalidades nos bairros”, disse.

Craque “Cara Doce”

Foi registado com o nome de Francisco Suami, mas no futebol adoptou o nome de “Cara Doce”. Começou a dar os primeiros pontapés nas ruas do bairro e hoje representa o Inter do Jika, equipa onde há três anos é uma das peças fundamentais em campo. Os adeptos cha-

mam-lhe “Cara Doce” e joga na posição de ponta de lança. Com 16 golos apontados, foi o melhor marcador do campeonato em 2010, ao serviço do Inter do Gika, clube com o qual conseguiu conquistar por duas vezes o título de campeão do bairro.

O jovem futebolista diz que os títulos não caem do céu, são necessárias muitas horas de treino e nos jogos é preciso dar luta aos adversários: “no futebol amador é preciso correr mais e jogar melhor do que no Girabola”, garante “Cara Doce”.

Devido às dificuldades impostas pelos defesas, os avançados têm cada vez mais trabalho em campo: “o Polga, defesa da equipa dos Invejosos Futebol Clube, é um verdadeiro carrasco dos pontas de lança. Por isso gosto de jogar contra ele”. Cara Doce é nome de artista de novela. Mas há um Polga que foi campeão do mundo pela selecção do Brasil.

“Sem dúvida que o Polga é um adversário muito seguro daquilo que faz, dá trabalho aos avançados, até porque com ele em campo ainda não tive a felicidade de marcar um golo sequer”, reconhece.

Como todos os futebolistas “Cara Doce” tem sonhos e objectivos. A nível nacional ambiciona representar o Petro de Luanda. Mas essa é apenas a primeira etapa. Porque a seguir quer protagonizar uma transferência milionária para o Barcelona e mostrar ao Messi como se trata bem a bola em Cabinda.



EDUARDO PEDRO

Francisco Suami o craque do Inter do Gika

PROJECTO AGRÍCOLA INOVADOR NO YABI

Antigos combatentes constroem na aldeia
Nascem centenas de hectares com pomares e hortas sem

ADALBERTO CEITA | Cabinda

A aldeia do Yabi, nos arredores da cidade de Cabinda, vive grandes mudanças. Nas suas planícies está a nascer um projecto agrícola que dentro de um ano vai produzir em grande escala banana, abacaxi e citrinos. As plantações têm dois aspectos diferentes de todas as outras que nascem no país: a fruta é “biológica”, portanto isenta de nutrientes químicos, insecticidas e pesticidas.

E o mentor do projecto é o engenheiro agrónomo Sebastião Yongo, que foi alto dirigente da FLEC. Os trabalhadores são todos antigos combatentes da organização e seus familiares.

A aldeia do Yabi vive dias de paz e felicidade. Dezenas de trabalhadores dão o seu melhor num projecto agrícola ambicioso que quando estiver em velocidade de cruzeiro vai inundar os mercados provinciais e nacionais de fruta biológica.

Os tratores trabalham sem descanso na preparação da terra para o cultivo de 50 hectares. Sebastião Yongo acompanha os trabalhos porque para ele, “é preciso eliminar do solo, tudo o que possa impedir o crescimento harmonioso das plantas. Como não usamos pesticidas nem herbicidas, temos de prestar a melhor atenção a esta fase de preparação dos terrenos”.

Aos poucos, começa a ganhar forma um projecto agrícola idealizado pelo engenheiro agrónomo Sebastião Yongo, que durante muitos anos foi o oficial de ligação entre o topo e as bases militares da FLEC. Recebia directamente instruções de Nzita Tiago e acompanhava a sua execução.

Em Março de 2012, foi capturado pelas Forças Armadas Angolanas. Agora reside na cidade de Cabinda e está apostado em dar instruções aos seus antigos companheiros, mas agora são diferentes. A paz exige o empenho de todos na produção. É as terras do Yabi têm “condições excelentes” para alimentar a cidade de Cabinda, toda a província e os principais mercados do país. Sebastião Yongo ensina as técnicas e é incansável na direcção dos trabalhos.

Os antigos combatentes da FLEC fazem tudo para recuperar o tempo perdido e estão ansiosos por ver resultados do seu trabalho. Mas



Os tratores começaram já a preparar os primeiros hectares onde está a nascer o projecto de agricultura biológica que numa primeira fase vai dar trabalho a algumas dezenas de habitantes da aldeia.

na agricultura é preciso paciência porque os ciclos da natureza não têm pressa. As plantas estão a nascer em viveiros segundo técnicas que só Sebastião Yongo conhece.

Além do trabalho que tem vindo a ser realizado pelas máquinas, a qualidade dos produtos hortícolas que crescem na horta experimental mesmo ao lado, dão indicadores de que a terra é fértil. Cada passo dado

é acompanhado ao detalhe e é visível uma particular atenção com a preparação do bananal.

Ao olhar para o que está a desenvolver, Sebastião Yongo diz que lamenta “todos os anos que perdi a sementeira a guerra, a dor e o sofrimento”. Sementes de qualidade já existem. Motobombas para irrigação e as tubagens, estão no terreno e em breve são instaladas. O Yabi é rico em água.

Sebastião Yongo e os trabalhadores que o acompanham nesta empreitada prometem responder com produção agrícola em grandes quantidades. “Estamos em paz e é esta a contribuição que posso dar para o desenvolvimento do meu país”, diz Arão Muanda, que trocou as matas do Maiombe pela aldeia onde agora vive tranquilo, com os olhos postos no futuro.

Novos horizontes

Antigo combatente da FLEC, Arão Muanda, 28 anos, vive no Yabi há mais de quatro anos, depois que de voluntariamente abandonar aquela organização. Faz parte do grupo de trabalhadores seleccionados para participar no projecto agrícola.

Os poucos conhecimentos que tem de agricultura, adquiriu-os por força da necessidade de matar a fome nos períodos difíceis que passou na floresta do Maiombe. O mentor do projecto explica que o número reduzido de pessoas seleccionadas nesta primeira fase, é uma medida de precaução.

A agricultura que está a ser desenvolvida é mecanizada. Muita gente pode atrapalhar e podem surgir acidentes. Cada passo tem de ser devidamente analisado. Logo que comecem a surgir os primeiros fru-

tos, é preciso arranjar muitos mais braços para trabalhar. “Por enquanto, as pessoas que temos são suficientes, mas à medida que a produção aumentar vamos empregar mais de mil pessoas”, garante o engenheiro agrónomo Sebastião Yongo. O Yabi não é apenas a aldeia da paz. É também o futuro de centenas de pessoas que nunca antes tinham visto os horizontes abrir-se. Afonso Bumba também foi seleccionado. Apesar de no início manifestar total desconhecimento do trabalho que é feito no campo, tem uma vontade indomável de aprender e dar o seu contributo. “Esse projecto tem tudo para ser a solução que aguardávamos, para darmos outro rumo às nossas vidas”, disse.



Arão Muanda é um dos trabalhadores seleccionados para o projecto agrícola



No Yabi os habitantes estão a ser mobilizados para a produção agrícola.

da paz um mundo de felicidade

produtos químicos



ANTÓNIO SOARES

Aldeia habitada por antigos combatentes da FLEC que depuseram as armas e agora lutam pela paz



ROGÉRIO TUTI

Produção intensiva de hortícolas e frutícolas além de estufas de plantas ornamentais

Estufas para as plantas

Para dar consistência à produção, o projecto agrícola que está a ser desenvolvido na aldeia do Yabi vai contar com três estufas. Visivelmente animado com a missão que tem pele frente, o engenheiro Sebastião Yongo explica que a primeira estufa serve para a multiplicação das plantas.

A segunda estufa está projectada para crescimento das plantas, enquanto a terceira serve para desenvolver as plantas excedentes para serem vendidas ao público: “produzir e vender plantas é uma forma de rentabilizarmos este projecto”, disse Sebastião Yongo. Com a criação das estufas evitam-se também os gastos com a compra de plantas, porque a reprodução é local.

“Numa fase seguinte não vamos necessitar de comprar sementes, porque as nossas plantas vão ser multiplicadas. Inclusive vou montar um pequeno laboratório para produção in vitro e melhorar a capacidade de produção das fruteiras”,

refere Sebastião Yongo. A outra novidade é que a agricultura a ser desenvolvida está isenta de adubos ou outro qualquer elemento químico, que geralmente são utilizados para aumentar os níveis de produção. A prioridade é dada à componente “biológica” e a água é um factor indispensável.

Engenheiro agrónomo Sebastião Yongo é o dinamizador do projecto agrícola

ROGÉRIO TUTI



ROGÉRIO TUTI



A aldeia do Yabi já tem hortas familiares e em breve arranca o ambicioso projecto de agricultura biológica com produção de frutas

ROGÉRIO TUTI



As terras do vale do Yabi são férteis e os agricultores têm muita água para as suas plantações de hortícolas ananazes e bananas

ROGÉRIO TUTI

Ensinamentos de agronomia

A agricultura em curso no Yabi não difere muito daquilo que é feito em países desenvolvidos e ainda por cima com a vantagem dos trabalhadores empenhados no projecto receberem formação gratuita de como lidar com as espécies vegetais.

Sebastião Yongo diz que está disponível para dar formação em agronomia a quem se manifestar interessado, mesmo a pessoas que não pertencem ao projecto e possam estar interessadas em aprender as técnicas da produção biológica. Pelos estudos que efectuou, Sebastião Yongo con-

cluiu que os solos da província de Cabinda têm grande potencial agrícola, que dispensa produtos como os adubos para melhorar a produção. É preciso “explorar a terra com inteligência e dar oportunidade de emprego aos jovens”, afirmou Afonso Bumba nas últimas semanas aprendeu muito sobre agricultura. Ele não tem dúvidas: “a aldeia do Yabi está condenada a ser um paraíso para todos nós e a grande fornecedora de frutas e hortícolas à província”. Para estes homens e mulheres, a guerra teve um fim feliz.



Afonso Bumba

PROFISSÕES EM EXTINÇÃO

Artesãos resistem ao tempo e à concorrência

Esculturas em madeira são procuradas pelos turistas mas rendem pouco para os artistas

ADALBERTO CEITA | Cabinda

Cabinda sempre foi terra de alfaiates. Ontem “pedalavam” nas suas máquinas Singer, Oliva ou Necchi e das suas mãos saíam os trajes tradicionais que tornavam ainda mais belas as mulheres da província. Hoje poucos restam e todos se queixam da falta de clientes.

Os sapateiros vivem os mesmos problemas e já poucos clientes lhes encomendam alpercatas de borraça, sandálias de cabedal ou sapatos à medida. Estão em vias de extinção. A falta de matéria-prima (solas, cabedais e saltos) e de clientes estão entre as principais queixas.

Os mestres artesãos que transformam um pedaço de pau-preto ou pau-rosa numa bela escultura queixam-se que os jovens não querem aprender a sua arte. Quando a actual geração desaparecer, Angola perde um património invejável porque não há nada igual ao artesanato em madeira da província de Cabinda.

Os artesãos em vias de extinção têm um ponto em comum: uma grande vontade de trabalhar e estão prontos a dar tudo para manter viva a arte que um dia aprenderam. Mais difícil é manter viva a esperança em dias melhores.

Quando há 27 anos decidiu abraçar a profissão de sapateiro, Alexandre Poabo estava longe de imaginar o mar de dificuldades que o futuro lhe reservava e só mesmo a força de vontade ainda o mantém na profissão. Para ele, não tem sido fácil contornar as dificuldades porque falta quase tudo para trabalhar.

Faça chuva ou sol, o mestre continua a ser presença assídua na Rua do Duque de Chiaze, no Largo do Ambiente, local onde tem montada a bancada e aguarda pacientemente pelos clientes.

Alexandre Poabo tem feito tudo para continuar a “remendar” os sapatos e resistir à modernidade que lentamente lhe tem vindo a roubar o gosto pela arte. “É duro continuar nesta profissão porque me falta a matéria-prima desde a sola aos pregos ou à cola.

Quando estes materiais aparecem, os preços são elevados”, disse. O material de trabalho também escasseia. E aos poucos desaparecem os ajudantes: “vejo com tristeza os aprendizes partir, mas nada posso fazer porque os clientes já não recorrem aos préstimos dos sapateiros.

Alexandre Poabo viveu muitas crises ao longo da vida mas sempre sobreviveu. Agora teme que a profissão esteja no fim: “há muitos clientes que trazem os sapatos para arranjar e nunca mais voltam, porque arranjaram no mercado calça-



Cabinda é terra de artesãos em madeira mas o artista Augusto Zau diz que o negócio rende pouco porque os clientes desapareceram ou se aparecem reclamam dos preços elevados



O alfaiata Damas Mavungo aos comandos da sua velha máquina de costura Singer

do novo mais barato do que aquilo que eu levo para arranjar os seus sapatos velhos”. Para ele só há uma solução: “o governo tem de proteger os artesãos, caso contrário a profissão de sapateiro pode afundar definitivamente”.

Clientela exigente

Com os alfaiates a história é diferente. Os clientes estão a voltar aos poucos, mas são cada vez mais exigentes. Damas Mavungo, alfaiate há 15 anos, revela que entrou na profissão através de um programa

de ensino profissional quando esteve refugiado na região do Futi, República Democrática do Congo. “Na época não dava importância à arte, mas hoje vejo com outros olhos o curso me deu bases para ser o profissional que sou”, reconhece.

Clientes e trabalho não faltam a Damas Mavungo. Quem entra no quintal da Rua do Duque de Chiaze, onde habitualmente trabalha, fica surpreendido com a quantidade de encomendas que tem para aprontar. Ele chega a receber dez pedidos por dia. As mulheres são as melhores clientes do alfaiate. Ves-



José Mainza Raposo faz da escultura em madeira a sua vida mas tem poucos clientes

tidos tradicionais e fatos sociais estão entre as preferências das clientes. A velha máquina de costura que o acompanha há anos começou a falhar. Trabalhar sempre também cansa, até uma máquina.

De tão velha, agora funciona aos soluços. Depois de épocas de glória, a Singer de Damas Mavungo pede insistentemente a sua substituição por uma máquina nova. Mas o mestre alfaiate não tem dinheiro para isso. E recusa pôr fim à intimidade que mantém ao longo dos anos com ela. Mesmo aos soluços, a Singer tem que continuar a trabalhar.

Riqueza cultural

A cultura popular em Cabinda está à vista de todos. O Largo da Paróquia Pedro Bengé é uma grande montra do artesanato da região. Peças como a mulher ou o soba de Cabinda, o rei Bakuba, e a máscara de Bakama podem ser compradas a preços que estão ao alcance do bolso de qualquer pessoa. As peças ficam semanas expostas porque não há clientes para comprá-las. Os artesãos ficam felizes quando chegam turistas estrangeiros porque esses nunca vão embora sem levarem uma peça em madeira de Cabinda.

Damas Mavungo tem jovens aprendizes a trabalhar com ele. Todos estão interessados em conhecer os segredos da profissão.

A vontade de manter viva a arte do corte e costura acaba por lhe dar paciência para ensinar. “Enquanto houver clientes, vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para não deixar a profissão”, disse.

Pouco valorizados

Augusto Zau é artesão de madeiras preciosas. O que mais mágoa lhe causa é o pouco interesse da população em relação aos produtos que põe à venda.

A profissão, diz, passa por tempos difíceis e se não houvesse uma associação a defender os interesses dos artesãos, muitos já tinham desistido. A associação tem feito tudo em benefício da classe e com a união de todos, Augusto Zau acredita que as coisas podem melhorar.

José Raposo, um mestre a trabalhar a madeira, disse que se até hoje não desistiu foi por não ter encontrado outra ocupação.

A profissão que aprendeu ainda criança hoje de pouco lhe serve. Gasta muito dinheiro na compra das melhores madeiras para esculpir as suas peças, mas depois os clientes não valorizam o trabalho.



Alexandre Poabo garante que vai continuar a trabalhar na sua oficina até ficar sem forças



Filipe Muemba diz que a situação é tão má que muitos clientes nem levantam a obra

A CULTURA TEM FUTURO

Centro Chiloango abre as portas à escola de música

Cabinda forma orquestra constituída por crianças

ALBERTO COELHO | Cabinda

O Governo de Cabinda vai arrancar ainda este ano com a reabilitação e ampliação do museu provincial e o Centro Cultural Chiloango. Estão igualmente agendadas acções de promoção e fomento da criatividade artística através da realização de festivais de dança, música e teatro e edição de discos e livros, a promoção de feiras do artesanato e do livro, exposições e promoção de concursos de artesanato.

O governo está a vedar monumentos e sítios históricos tais como o local de concentração e embarcação de escravos de Chinfuca, o local onde foram assinados os tratados de Simulambuco e Chicamba, o cemitério dos nobres, os túmulos de Mangoio, Mpuela Luemba e Lussongo, e a construção de casas de cultura em todos os municípios da província.

Actualmente, a secretaria provincial da Cultura tem registados 41 grupos de dança, 15 de teatro, 36 promotores de espectáculos, 14 grupos de música tradicional e 24 de música moderna.

O Secretário da Cultura em Cabinda disse que a realidade do sector é preocupante e requer uma contribuição consciente de todos os agentes culturais para o retirar do marasmo em que se encontra. Euclides Barros da Lomba diz que “a realidade é assustadora e requer que todos contribuamos de maneira consciente e responsável para identificarmos as formas e as soluções. O nosso empenho deve constituir motivo de orgulho para toda a nação e gerações futuras”.

O marasmo do sector data desde os anos em que a secretaria funcionou como um simples departamento da Direcção Provincial de Educação. Euclides da Lomba enumerou como principais dificuldades o avançado estado de abandono das estruturas e a gritante falta de conservação do património cultural, a falta de quadros com formação artística e profissionais das diferentes manifestações da vida cultural, a falta de políticas e definições concretas de protecção e conservação dos principais monumentos e sítios históricos da província.

Apontou ainda a falta de continuidade e acompanhamento da vida cultural nos municípios do interior por falta de representações locais. A falta de programas específicos de formação artística e de aproximação com as estruturas de formação artística de Luanda, como a Academia de Música e outras estruturas similares dentro e fora do país, são igualmente questões a ter em conta.

Apoio aos artistas

Euclides da Lomba disse que a actividade artística na província ainda não garante a integração e a aceitação social o que causa desavenças e más interpretações sobre

o papel da secretaria da Cultura, já que está incapacitada de assistir e apoiar os músicos que andam na caça ao patrocínio como forma de sobrevivência.

A maior parte dos artistas atravessa dificuldades de ordem social e financeira o que os leva a enveredar para outras actividades de modo a garantir o sustento das suas famílias. Num passado recente, o go-

verno da província apoiou a gravação de CD de artistas locais que na sua maioria não corresponderam às expectativas criadas, tendo havido desvio da maior parte dos valores atribuídos para outros fins.

O director da Cultura disse que actualmente as actividades culturais se limitam à animação em efemérides específicas, porque “ainda não se pensou em profissionalizar a activi-

dade artística”. Isso reduz ao mesmo nível “as poucas iniciativas de criação, representação e apresentação, misturando profissionais, amadores e curiosos num mesmo pacote”.

Centro Chiloango

Os agentes culturais apresentam como dificuldades no desempenho das suas actividades a falta de condições financeiras, meios de transporte e espaços para promoverem espectáculos.

A vice-governadora de Cabinda, Matilde Barros da Lomba, lamenta o estado deplorável em que se encontra o Centro Cultural Chiloango. A sua reabilitação foi muito dispendiosa, até porque está apetrechado com equipamentos de ponta. Mas apesar dos investimentos avultados, não está a cumprir o objecto social para que foi criado.

O centro encontra-se praticamente num estado de abandono, o tecto falso está a cair de podre, algumas portas já não fecham e parte do equipamento instalado, foi saqueado. A vice-governadora garantiu que as obras de reabilitação do centro arrancam em breve na medi-

da em que a sua empreitada está incluída no Programa de Investimentos Públicos do presente ano.

Matilde da Lomba anunciou que após a reabilitação do Centro Cultural Chiloango é instalada a escola de música e a formação de uma orquestra infanto-juvenil para formar crianças em canto e no manejo de instrumentos de percussão, sopro e cordas. Também, arranca a formação em artes do palco.

“Apoiar projectos individuais é difícil, porque os actuais moldes de execução financeira não permitem. A Secretaria da Cultura é o órgão do governo onde os agentes culturais devem apresentar os seus projectos para que no âmbito do orçamento atribuído e dentro das normas de execução financeira previstas se possam resolver determinadas situações”, disse Matilde da Lomba.

A vice-governadora de Cabinda afirmou que os agentes da cultura não podem continuar à espera que o Governo Provincial resolva os seus problemas. As associações culturais devem ter iniciativas próprias promovendo espectáculos e buscando parcerias e patrocínios com investidores e empresas privadas.



O Centro Cultural Chiloango é uma preciosidade mas está completamente abandonada apesar dos fortes investimentos do Estado na sua reconstrução e nos equipamentos de ponta



Uma estrutura fundamental para as artes e o divertimento está à espera de melhores dias



RESPOSTA EFICAZ DO EXECUTIVO

Explosão da população escolar em Cabinda obriga à construção permanente de escolas

No próximo ano lectivo área do Lombe integra todas as crianças no ensino

LEONOR MABIALA | Cabinda

A província de Cabinda tem um défice de 350 salas, o que está a dificultar o ingresso de mais crianças no sistema de ensino, disse a secretária provincial da Educação Ciência e Tecnologia, Berta Marciano. Neste momento estão seis escolas em construção, com 80 salas.

Quando estiverem a funcionar, ainda este ano, centenas de alunos entram no sistema público de ensino. A área do Lombe, periferia da cidade de Cabinda, é a que regista mais crianças fora da escola.

Este ano lectivo, a secretaria provincial da Educação Ciência e Tecnologia em Cabinda matriculou 169.343 alunos inseridos em instituições públicas e privadas de ensino primário do primeiro e segundo ciclo.

No município de Cabinda estão a ser construídas novas escolas em Santa Catarina, Imanha e Luvassa. Os alunos estão a frequentar o ensino público nas escolas de Formação de Professores e Saidy Mingas. No Alto Sunde, Belize, também ainda há falta de escolas. Mas já decorrem as obras de construção de uma escola primária com três salas.

Berta Marciano disse que após a conclusão das obras nas novas escolas o sector que dirige vai conhecer melhorias. Actualmente, Cabinda tem 267 estabelecimentos de ensino correspondentes, a 1.394 salas.

Aproveitamento escolar

Sobre a qualidade de ensino, a secretária provincial disse que existem factores que devem ser melhorados para atingir o nível desejado. Defende que é preciso promover ainda mais a superação pedagógica dos professores, “suprir as carências de material didáctico e evoluir nos aspectos que têm a ver



Berta Marciano revelou os impressionantes números da educação na província de Cabinda

com aquilo que o professor ensina e a forma como o aluno aprende”.

Para a melhoria significativa da qualidade do ensino em Cabinda, a secretaria provincial da Educação tem realizado acções de formação e superação dos professores e gestores

das escolas, dentro e fora do país, distribuição de batas e manuais escolares, apetrechamento das escolas com mobiliário moderno e funcional. Estas acções têm permitido que a taxa de aproveitamento escolar seja satisfatória.



A grande riqueza de Angola está nas crianças que aprendem na escola a construir o futuro

O programa da reforma educativa em Cabinda está a ser aplicado desde 2004. Já foram cumpridas a fase de preparação de materiais, a experimentação e a generalização do ensino até à sexta classe.

Berta Marciano disse que no próximo ano lectivo, vai ser feita uma avaliação do grau de efectivação da reforma educativa e apurar quais são os aspectos que devem ser melhorados. Os resultados alcançados em Cabinda são animadores apesar da insuficiência de manuais e salas.

Outras debilidades da reforma educativa apontadas têm a ver com o incumprimento por parte dos professores na avaliação dos alunos de forma sistemática ou diária conforme rege o programa.

A monodocência é um elemento básico da reforma. Os professores têm muitas dificuldades para leccionar todas as disciplinas desde a iniciação até à sexta classe. Berta Marciano afirmou que muitos problemas decorrem da falta de criatividade e espírito de sacrifício por parte de alguns docentes, que recusam interiorizar os princípios estabelecidos e resistem aos seminários de superação pedagógica, que visam dotá-los de ferramentas para enfrentarem esse desafio.

“Apesar dos seminários de superação pedagógica promovidos em Cabinda ainda existem muitas debilidades, visto que os professores não querem aceitar a monodocência”, afirmou Berta Marciano.

Eliminar a monodocência é a solução? A secretária provincial da Educação responde sem hesitar: “isso era um retrocesso e um enorme fracasso. Esta inovação introduzida no sistema de ensino é importantíssima”. Por isso, defendeu que para superar as dificuldades “é preciso continuar a trabalhar, corrigir os erros existentes, vencer todos obstáculos inerentes à reforma educativa. Cuba passou por uma experiência

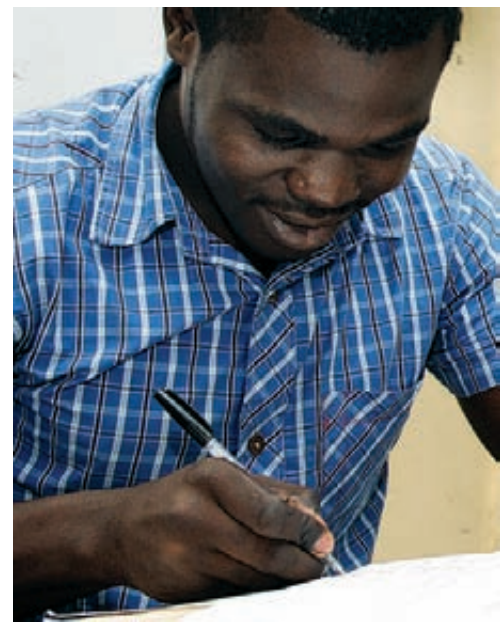
idêntica, conseguiu superar tudo e hoje tem um ensino de qualidade”. A secretária provincial da Educação de Cabinda pediu a todos os professores que sejam “verdadeiros educadores de forma que a sua imagem se reflecta nos alunos como um modelo a seguir”.

E definiu o que para ela é um docente: “deve ser competente para dirigir o processo de ensino e aprendizagem, sem intenções de obter proveito da actividade que exerce em detrimento dos objectivos estabelecidos pelo Ministério Educação”.

Construção de escolas

Em termos de perspectivas para o sector, Berta Marciano disse que a grande aposta é a construção de novas escolas e a criação de uma base de dados informatizada para o controlo dos recursos humanos: “só assim sabemos exactamente o número de professores ao serviço e os alunos matriculados”.

No próximo mês de Outubro abre na província de Cabinda um concurso público para admissão de novos professores. A secretaria provincial da Educação continua a ter problemas devido à chegada tardia de manuais escolares. Outro problema é a falta de pessoal auxiliar que garanta a segurança de alunos, professores e instalações: “temos de evitar a todo o custo o vandalismo das infra-estruturas”.



Bunda e Lourenço dos Santos estão no ensino superior e j

ENSINO SUPERIOR

Cresce o número de estudantes nas Universidades de Cabinda

ADALBERTO CEITA | Cabinda

O futuro dos jovens de Cabinda está garantido e o optimismo acabou de vez com a incerteza. As Universidades públicas e privadas da província garantem estudos superiores em todas as áreas e quando os estudantes terminam os seus cursos têm as portas abertas do mercado de emprego.

Antes de começar a era da paz, o ensino superior na província era um privilégio só para alguns. Hoje a Universidade 11 de Novembro, herdeira da Universidade Agostinho Neto, forma milhares de alunos de todas as classes sociais.

O jovem universitário José Tati esperou para conseguir uma vaga no Ensino Superior.

Quando acabou o ensino secundário ficou fora da Universidade Agostinho Neto porque nessa altura existiam poucos professores, poucos cursos e poucas vagas. Aos 31 anos, José Tati assume que é um dos beneficiados da expansão do ensino superior na cidade de Cabinda. E reconhece que a actual situação só é possível porque Angola vive em paz.

Milhares de jovens da província de Cabinda viram os seus horizontes alargados com a expansão do ensino superior. José Tati é estudante do terceiro ano do curso de Gestão de Empresas na Universidade Lusíada. Este não é o curso que sempre desejou, mas isso não muda o seu optimismo e está ansioso por concluir os estudos e começar a trabalhar. As empresas petrolíferas são habitualmente o destino dos técnicos formados na Universidade Lusíada.

“A entrada em funcionamento da Universidade Lusíada e da Universidade Privada de Angola veio alargar o leque de opções aos estudantes”, diz Sara Faro, que frequenta o segundo ano de Relações Internacionais, na Universidade Lusíada.

Sara Faro reconhece o “grande desenvolvimento no ensino superior em Cabinda” e diz que as “mudanças profundas” podem ser testemunhadas por todos: “aumentou o número de docentes, de estudantes, as opções de formação superior e a própria qualidade de ensino”.

A estudante universitária elogia a componente prática no ensino superior em Cabinda. Fala das viagens para o exterior do país, que são realizadas para fomentar a troca de

experiências com jovens estudantes e instituições de outros países.

Lourenço dos Santos entrou este ano para o Ensino Superior e tem à sua frente um novo desafio, concluir o curso de Gestão de Empresas: “os jovens de Cabinda hoje podem considerar-se com muita sorte em relação às gerações de estudantes de há dez anos”.

Mais mulheres

Luzia Alexandre, Isabel Rocha e Rosa Grilho são três jovens estudantes que frequentam o primeiro ano do curso de Direito na Universidade 11 de Novembro e que têm na licenciatura o objectivo prioritário das suas vidas.

“Estou a frequentar o curso que sempre sonhei tirar e sinto-me moti-

este ano lectivo conseguiu entrar no Ensino Superior.

Isabel Rocha sonha alto. Quer garantir o futuro e os objectivos vão além da licenciatura: “quero tirar o mestrado e depois o doutoramento. Espero fazer toda a minha carreira académica em Cabinda e torço para que quando acabar a licenciatura já tenham aberto os mestrados e os doutoramentos. Dada a dinâmica do Ensino Superior na província, isso é possível. E eu vou conseguir”.

A escassez de vagas nas universidades no passado matou o sonho do irmão mais velho de António Tando. As oportunidades agora são outras e ele quer aproveitar. Acredita no desenvolvimento do país e no futuro dos jovens. “Se quisermos enfrentar os desafios do futuro te-



Luzia Alexandre estuda Direito o curso com que sempre sonhou e quer ser advogada

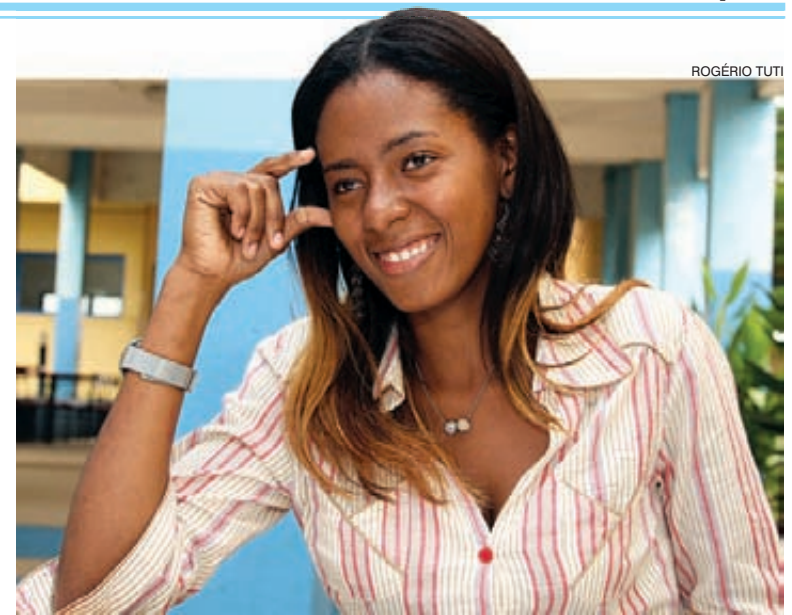
vada para acabar a formação no tempo previsto e trabalhar como advogada”, disse à nossa reportagem Luzia Alexandre. A receita passa por uma aplicação séria aos estudos.

De dois em dois dias, as três amigas e colegas tiram três horas para reverem em conjunto a matéria dada nas aulas e tirarem dúvidas. Mas, as afinidades entre as três colegas não se limitam a este detalhe. As mulheres estão em maioria nas faculdades da Universidade 11 de Novembro. Nem é preciso consultar as estatísticas. Basta esperar pela saída das aulas para se perceber que a grande maioria dos estudantes é constituída por mulheres.

Rosa Grilho considera que esta situação revela um novo conceito de vida por parte da mulher angolana, que opta pela formação em vez do casamento: “cada coisa a seu tempo e é salutar que as mulheres apostem muito mais no lado académico do que no casamento”, disse sorridente.

Garantir o futuro

Luzia Alexandre e Rosa Grilho entraram na universidade logo depois de terem concluído o ensino médio. Mas Isabel Rocha teve de ficar um ano em casa. Na primeira tentativa não conseguiu entrar na Universidade 11 de Novembro. Lembra que foi uma experiência difícil mas que lhe deu mais força para vencer. Ela sabe que para arranjar um emprego é preciso ter uma formação sólida e estar preparada. Estudou muito e



Sara Faro reconhece que em Cabinda o Ensino Superior deu um “salto” de gigante



Isabel Rocha está a fazer uma licenciatura mas sonha alto e quer ir até ao doutoramento



Rosa Grilho aposta na formação superior e diz que o casamento só deve vir depois do curso

académicos. A abertura de novas instituições de ensino superior veio trazer a concorrência, o que se reflecte na melhoria da qualidade dos cursos. “Infelizmente, não temos ainda cursos de Física e a Química, que são muito procurados pelos jovens”, disse. A mesma opinião é partilhada por Lídia Carlos que lembra os elevados custos de tirar um curso superior fora da província. Por isso defende que as Universidades de Cabinda devam oferecer todas as licenciaturas.



... e já pensam no dia em que vão ter um posto de trabalho



O parque escolar de Cabinda é moderno e as antigas escolas de todos os níveis foram remodeladas ou estão em reconstrução

ROGÉRIO TUTI



A empresa tem em Cabinda instalações modernas e parte significativa da produção de cerveja é exportada para a República Democrática do Congo e para o Congo Brazzaville

CUCA DE CABINDA

A nossa cerveja é internacional

De Cabassango saem diariamente milhares de grades para os países vizinhos

BERNARDO CAPITA | Cabinda

O parque industrial de Cabinda tem uma “jóia da coroa” que é a fábrica de cervejas Cuca. Esta marca, desejada em todo o mundo pelos bons apreciadores de cerveja, nasceu nos anos 50, em Luanda. Tornou-se tão famosa que hoje dá o nome a um dos mais populares bairros da capital.

Desde então tem conquistado milhões de adeptos e já chegou à Europa. A primeira expansão foi para o Huambo, nos anos 60. A unidade fabril produzia para todo o Centro e Sul de Angola, incluindo o comércio fronteiriço nos “marcos” que separam Angola da Namíbia. Desde 2008 está no Bairro de Cabassango. Boa parte da produção vai para os países vizinhos. A nossa cerveja do norte é internacional.

A Cuca em Cabinda é fabricada pela CERBAB, uma empresa bem-sucedida, de capitais angolanos e franceses. A gestão e os “segredos” técnicos são garantidos por empresários franceses com uma longa experiência no ramo.

A unidade fabril de Cabassango tem duas linhas de enchimento das marcas Cuca, Doppel e Tchizo, uma cerveja fabulosa que guarda os sabores únicos da província de Cabinda. Por enquanto, a fábrica tem 239 trabalhadores e produz mensalmente 250 mil grades, a que correspondem 20 mil toneladas de puro malte e “grit’s” de milho, uma farinha de milho especial importada da África do Sul, França e Bélgica.

O director de produção é Fabrício Orlando Zau Macaia, um técnico angolano de grande competência na arte de fazer cerveja. Porque os cervejeiros são verdadeiros artistas do gosto e dos sabores.

O mercado nacional e internacional exige cada vez mais a cerveja produzida em Cabassango. “A direcção da fábrica decidiu montar até finais deste ano uma nova linha de enchimento para elevar os ní-

veis de produção, de forma a corresponder à procura, que cresce dia após dia”, disse Fabrício Orlando Zau Macaia.

Paralelamente ao projecto de montagem da nova linha de enchimento de cerveja, uma outra vai ser igualmente instalada para assegurar a produção de refrigerantes.

“Pretendemos num futuro breve concretizar a montagem das duas linhas de enchimento uma para cerveja e outra para refrigerantes, para reforçar a produção mas também para garantirmos mais postos de trabalho aos jovens da província que têm formação técnica”, disse à nossa reportagem Fabrício Orlando Zau Macaia.

Fino é Cuca

O responsável de produção da Cuca em Cabinda, não tem dúvidas: “a enorme procura do produto que se regista no mercado provincial e nos países vizinhos é resultado da sua excelente qualidade, já que a nossa unidade fabril cumpre todos os padrões universalmente

institucionalizados para a produção da cerveja”.

Os consumidores de Cabinda também não têm dúvidas e nos bares, esplanadas ou restaurantes da cidade, nove de cada dez clientes bebem Cuca. A estrela da companhia é a cerveja de barril, o inigualável “fino”. Como dizem os apreciadores, “fino é Cuca”.

Fabrício Orlando Zau Macaia assegurou que a marca de cerveja mais vendida é a Cuca, representando 80 por cento da facturação, a Doppel representa 20 por cento e a Tchizo dez por cento, o que é um bom nível para uma cerveja especial, dirigida a um segmento de mercado mais exclusivo.

Além do mercado provincial, a Cuca, a Doppel e a Tchizo vão todos os dias para a República Democrática do Congo e República Popular do Congo onde estão a conquistar o mercado. A CERBAB conseguiu inverter uma tendência de décadas: Cabinda importava cerveja dos países vizinhos e agora exporta, cada vez maiores quantidades. A nossa cerveja de Cabinda é a mais in-

ternacional das cervejas angolanas.

A grade da Cuca é vendida na fábrica por 1.050 kwanzas. Bom preço e excelente cerveja. Por isso há cada vez mais clientes.

Estrutura técnica

A fábrica tem uma área com as cubas de preparação do mosto, outra de fermentação, a adega, e uma terceira de filtração. A partir desta área a cerveja vai para as linhas de enchimento. Um instrumento importante é o laboratório, que analisa a qualidade da cerveja em todas as fases de fabrico.

Um sector indispensável é o centro de tratamento de água. Os especialistas sabem que só há uma boa cerveja, se existir excelente água. Cabinda neste aspecto está na vanguarda. Nos anos 60 o mercado nacional era “inundado” pela óptima água de Subantando, que se batia de igual para igual com a de Santa Isabel (Ndalatando) Nossa Senhora do Monte (Lubango) Alto Hama (Huambo) e as famosas águas do Seles, no Kwanza-Sul.

O centro de tratamento de água da Cuca de Cabinda representa um investimento muito elevado. Fabrício Orlando Zau Macaia frisou que a água é extraída de dois furos artesanais com 250 metros de profundidade. Existem dois reservatórios com a capacidade de 350 mil hectolitros equipados com filtros de areia e carvão incluindo equipamentos de processamento químico e de leitura da quantidade de cálcio e do ph (potência hidrogénio).

Técnicos de Cabinda

A fábrica reforçou os seus quadros com jovens recentemente formados no Instituto Politécnico de Cabinda. Entre os trabalhadores que pela primeira vez conseguiram o seu emprego na Cuca estão António Assunção, de 27 anos, e Dinora Fernandes, de 25 anos, ambos operadores da área de fermentação e filtração.

Falaram à nossa reportagem, com entusiasmo, da sua actividade diária na fábrica. Quando começaram, pouco ou nada sabiam das técnicas cervejeiras. Mas hoje são técnicos de elevado nível profissional.

António Assunção confessa que o salário “dá para o começo da vida apesar do homem ser por excelência um ser insaciável”.

Dinora Fernandes trabalha na fábrica há quatro anos: “estou muito feliz por ter um emprego mas sobretudo porque gosto muito do trabalho que faço. Todos os dias tento ser melhor operadora na área de fermentação e filtração.”

Dimensão social

A fábrica de cerveja Cuca de Cabinda tem um centro social que presta dois serviços muito importantes aos trabalhadores e seus familiares. A unidade fabril tem um posto médico e um refeitório.

O posto médico tem ao serviço sete enfermeiros e um médico. Os trabalhadores e seus familiares mais próximos têm consultas diárias e o posto de socorros funciona permanentemente para acudir a qualquer vítima de acidentes ou doenças súbitas no local de trabalho.

O refeitório funciona sem interrupção, porque a Cuca de Cabinda trabalha por turnos em produção contínua. As refeições são confeccionadas com produtos seleccionados e de primeira qualidade. Quanto aos preços, são simbólicos. “Pretendemos com estas iniciativas proporcionar aos nossos empregados boas condições sociais, para podermos depois exigir maior empenho da sua parte” disse à nossa reportagem Fabrício Orlando Zau Macaia.

Além da assistência médica e das refeições a preços simbólicos, os trabalhadores da Cuca de Cabinda ainda têm subsídios de turno e outras prestações sociais. A Cuca de Cabinda é uma empresa exemplar. E a cerveja que fabrica, é a mais internacional de Angola.

ROGÉRIO TUTI



A unidade industrial criou centenas de postos de trabalho e está em grande expansão

ROGÉRIO TUTI



As linhas de enchimento estão a atingir a sua capacidade máxima de produção

PÓLO DO FÚTILA

Cabinda quer ser gigante na produção industrial

A província na primeira fase abre as portas às empresas que fabricam chapa de zinco e tintas

ALBERTO COELHO | Cabinda

O Pólo Industrial de Fútila aranca em breve, informou o secretário provincial da Indústria, Ndubo Paulo. Fica implantado numa extensão de 2.342 hectares, na planície de Malembo, 30 quilómetros a norte da cidade de Cabinda.

A primeira fase foi projectada em 112 hectares e além dos lotes industriais tem arruamentos, centrais de produção de energia eléctrica, estações de captação e tratamento de água potável, saneamento básico e edifícios administrativos de apoio às empresas.

O projecto inicialmente concebido foi ampliado para responder às exigências dos investidores, que

dado o ambiente de paz que se vive na província, procuram espaços para implantar as empresas, a fim de aproveitarem as oportunidades de negócios que Angola hoje oferece.

Os investidores querem instalar as suas empresas no pólo industrial do Fútila para beneficiarem da estabilidade monetária, do ambiente de paz e as garantias oferecidas pelo governo da província, que proporcionam grande segurança aos investimentos.

Ndubo Paulo disse ao *Jornal de Angola* que o Pólo Industrial do Fútila vai proporcionar na primeira fase dois mil postos de trabalho directos e quatro mil indirectos: “é muito importante para a população de Cabinda em termos sociais, por isso o projecto sofreu uma actuali-

zação e o valor do investimento, inicialmente previsto para 36 milhões de dólares, foi duplicado para 68 milhões de dólares tendo em conta as perspectivas que se desenharam para província de Cabinda”. Para concretizar o projecto foi criado um gabinete técnico.

O Chefe do Executivo, José Eduardo dos Santos, aprovou já a proposta de orçamento para a execução das obras. Numa primeira fase, o pólo vai receber empresas do sector de construção civil, como fábricas de tintas, de chapas de zinco e cerâmicas.

“Temos enfrentado dificuldades em manter funcional o nosso parque industrial na medida em que grande parte da matéria-prima utilizada é proveniente do exterior o

que tem provocado a paralisação de várias unidades. Com o pólo do Fútila, as matérias-primas são fabricadas em Cabinda”, disse Ndubo Paulo.

Para além de concentrar fábricas que produzem para o mercado interno, Ndubo Paulo apontou como mais-valia do pólo do Fútila a redução de bens importados, a criação de competitividade no mercado interno e a multiplicação de postos de trabalho. “O Pólo Industrial do Fútila é uma aposta importante do Executivo na diversificação da economia nacional e também quebra o mito de que Cabinda só pode produzir petróleo e madeira.

O objectivo é mostrarmos que temos mais coisas que podem ser exploradas”, disse Ndubo Paulo.

Os parques municipais

O Governo Provincial de Cabinda vai instalar nas comunidades rurais pequenas indústrias de transformação para aproveitar os excedentes de produção da população camponesa.

O sector da Indústria está a trabalhar com as quatro Administrações Municipais e a secretaria do Urbanismo, Construção e Ambiente para a instalação de pequenas unidades industriais que podem responder muito rapidamente à procura interna. Para isso, cada município vai ter pólos industriais, infra-estruturas e urbanizados.

“O objectivo é colocarmos estruturas industriais junto das comunidades para absorver os excedentes de produção”, disse Ndubo Paulo. E anunciou que no âmbito deste projecto está a ser instalada uma fábrica de produção de farinha de trigo, que vai empregar 100 trabalhadores, e uma outra fábrica de óleo de palma e de amendoim.

Está igualmente a ser instalada uma unidade que vai produzir quatro mil toneladas de sabão e cinco toneladas de sabonete por dia utilizando matéria-prima local. Em Tandompala vai nascer uma salga de peixe com capacidade para produzir duas mil toneladas de peixe seco diárias e vai empregar 150 trabalhadores.

ANTÓNIO SOARES



Cerâmica de Sassa Zau

“Temos 21 projectos industriais em perspectiva e pensamos que com o melhoramento da produção de energia eléctrica e a paz que se vive na província, Cabinda pode vir a ser nos próximos tempos um gigante no sector industrial”, disse o secretário provincial da Indústria.

Em relação aos materiais de construção civil, Ndubo Paulo salienta a recuperação da cerâmica de Sassa Zau inoperante há mais de 25 anos, e que agora começou a produzir tijolos e telhas. Actualmente, a cerâmica está a produzir 20 mil tijolos por dia. Mas a produção pode atingir os 50 mil tijolos diários, logo que entre em funcionamento o maior forno de queima instalado naquela unidade fabril, que emprega actualmente 70 trabalhadores. “Também tivemos o privilégio de

ter neste período de paz e estabilidade o relançamento da indústria transformadora de apoio ao segmento da panificação.

Está em fase de conclusão uma moagem de farinha de trigo, que em breve vai lançar no mercado interno quatro mil sacos de farinha por dia e emprega numa primeira fase mais de 100 trabalhadores. A moagem também produz farelo para o consumo do gado bovino e suíno.

“Estamos a acompanhar o surgimento de unidades privadas, algumas em parcerias com o sector público, que estão a criar um grande pólo industrial na planície de Malembo.

Estão a nascer naquela zona unidades de produção de bens e equipamentos para a construção civil”, disse o secretário provincial da Indústria.



A fábrica de cerâmica está em plena produção e abastece sem interrupções os mercados provinciais de telhas e tijolos

ANTÓNIO SOARES

HOSPITAL CENTRAL DE CABINDA

Crianças têm enfermarias e atendimento exclusivo

Banco de urgência está permanentemente “entupido”

BERNARDO CAPITA | Cabinda

O Hospital Central de Cabinda resolveu o problema de internamento de crianças, após a entrada ao serviço de dois novos pavilhões para a pediatria. Mas precisa de mais espaço para internamento de outros doentes.

As obras de reabilitação e ampliação das enfermarias de medicina geral e da maternidade reduziram o número de camas e há cada vez mais gente com acesso aos cuidados de saúde no interior, o que leva a que muitos sejam transferidos para o maior hospital da província.

Francisco Moreira Rodrigues, director-geral do Hospital Central de Cabinda, referiu que com as obras em curso na medicina geral e na maternidade, foram perdidas 100 camas das 220 da unidade hospitalar, “situação que tem estado a dificultar o funcionamento da maior unidade sanitária da província”.

O serviço de maternidade, enquanto duram as obras, foi transferido para o Hospital 1º de Maio. A construção de dois pavilhões pediátricos pelo governo, veio resolver os problemas de internamento de crianças: “antigamente ficavam duas ou três numa única cama”.

Francisco Rodrigues Moreira afirmou que faltam médicos especialistas, porque saíram, após o final do contrato, os médicos coreanos. Mas há um problema que só se resolve com muita informação e educação para a saúde.

As urgências do hospital estão “entupidadas” com casos sem gravidade e que devem ser resolvidos na rede de cuidados primários, centros de saúde e postos médicos. As patologias mais tratadas no Hospital Central de Cabinda são a malária, hipertensão arterial, diabetes, traumatismos, doenças respiratórias e diarreias agudas.

“Os casos de hipertensão arterial nos jovens são preocupantes, por isso recomendo a realização de estudos para se determinarem as causas que provocam a doença entre gente tão jovem”, disse o director-geral do Hospital Central de Cabinda.

“As doenças cardiovasculares atingem geralmente adultos com uma idade superior a 40 anos mas, infelizmente, hoje, temos jovens com esses problemas”, lamentou Francisco Moreira, para quem o estilo de vida e de alimentação são os prováveis factores causadores da doença.

O director-geral do hospital considerou o stress e o consumo excessivo de alimentos geneticamente alterados como outras causas, capazes de influenciar as doenças cardiovasculares entre os jovens.

Assistência medicamentosa

O director do Hospital Central de Cabinda, Francisco Moreira Rodrigues, desmentiu aqueles que afirmam que não existem medicamentos na unidade hospitalar e que o seu corpo clínico apenas se limita a passar receitas cujos medicamentos são comprados pelos doentes nas farmácias privadas.

“É verdade que os médicos do Hospital Central de Cabinda passam receitas cujos medicamentos são adquiridos fora do hospital, mas não é porque temos falta de



O director-geral do hospital Francisco Rodrigues Moreira preocupado com o espaço

medicamentos, é uma questão de gestão e de justiça. A direcção do hospital definiu a sua política de funcionamento e optou por fornecer medicamentos hospitalares aos casos da urgência e aos que são internados com doenças graves”.

Quanto aos doentes ambulatórios e aos que se encontram internados há mais de 15 dias e apresentam um quadro clínico estável, “o hospital pede a sua participacão

Moreira revelou que as inovações introduzidas permitiram criar três bancos de urgência, o cirúrgico, o pediátrico e o de medicina para adultos. As três urgências têm médicos em serviço permanente.

Os casos não urgentes são canalizados para os centros de saúde e postos médicos espalhados pela cidade de Cabinda e pelos municípios.

Mas a medida não teve êxito porque “houve resistência por parte da



O serviço de pediatria responde com eficiência à procura dos doentes e é o mais moderno sector do hospital central de Cabinda

ção na compra de medicamentos. Isso apenas acontece com aqueles doentes que podem pagar. Assim ficamos com medicamentos para aqueles que não podem”.

Francisco Moreira Rodrigues acrescentou que “não é possível ao hospital, oferecer medicamentos a toda a população de Cabinda. Apenas a assistência e os internamentos são gratuitos para todos”. Mas quem tem capacidade “paga os medicamentos, desde que esteja numa situação de ambulatório”

Novos métodos de atendimento

A direcção do Hospital Central de Cabinda estabeleceu desde o início deste ano, novos métodos de atendimento com o objectivo de reduzir o elevado fluxo de pacientes que se regista diariamente no banco de urgência. Francisco Rodri-

população. As pessoas não estão muito habituadas a ir aos centros médicos da periferia onde o governo criou infra-estruturas com o objectivo de reduzir o fluxo de pacientes ao Hospital Central”.

Francisco Rodrigues Moreira revela que 70 por cento dos casos que dão entrada no banco de urgência do Hospital Central não apresentam um quadro clínico preocupante pelo que deviam ser tratados nos centros médicos.

“O nosso lema, este ano, é melhorar as condições de atendimento, levando mais pacientes para as consultas externas e reduzindo as falsas urgências no Hospital Central de Cabinda. Assim libertamos recursos para atender os casos verdadeiramente urgentes”.

Para conseguir este objectivo, Francisco Rodrigues Moreira considera imprescindível o apoio da



As crianças têm um atendimento privilegiado no Hospital Central de Cabinda

população: “as comunidades precisam de saber que o Hospital Central de Cabinda é uma unidade de referência e está vocacionada para atender casos de doenças graves ou emergências, não é o local certo para tratamento de doenças sem gravidade ou para dispensar os cuidados primários de saúde”. O direc-

tor-geral do Hospital Central de Cabinda garante que apesar das dificuldades, o atendimento aos doentes melhorou muito, devido ao empenho dos médicos, técnicos de saúde e funcionários, mas especialmente dos enfermeiros, motivados pela entrada em vigor da nova carreira de enfermagem.



Os técnicos trabalham com competência



As crianças têm na unidade hospitalar um espaço exclusivo e com técnicos especializados



ENERGIA ELÉCTRICA

Turbinas a gás iluminam Cabinda desde as cidades às aldeias isoladas

Produção reforçada com energias limpas na próxima década

BERNARDO CAPITA | Cabinda

O fornecimento de energia eléctrica a Cabinda, bairros periféricos e ao município de Cacongo regista melhoras significativas, mercê dos investimentos feitos pelo Executivo no sector de energia, nomeadamente na área de produção e na da rede de transporte e distribuição na alta e média tensão.

As obras no sector energético da província de Cabinda estão a acabar com o défice no fornecimento de electricidade às populações.

O projecto começou a ser executado há cinco anos, pela empresa ISOLUX. Na primeira fase foi feita a substituição total da rede de transporte de alta tensão a partir da central térmica do Malongo até à subestação do Palácio e a Cacongo. Concluída esta fase, seguiu-se a substituição da rede de distribuição

de média tensão (domiciliaria). Está em conclusão nos bairros periféricos da cidade de Cabinda.

A obra emblemática do Executivo em Cabinda, no sector energético, é a instalação de duas turbinas a gás de 35 megawatts cada, na nova central térmica do Malembo, 30 quilómetros a norte de Cabinda.

A nova central térmica tem uma produção global de 70 megawatts o que eliminou o défice de produção que a província registava. Hoje há excedentes, porque as necessidades dos consumidores não passam os 52 megawatts.

Electrificação de Cabinda

Paralelamente aos dois “mega projectos” do Executivo na província de Cabinda, arrancou este ano e vai ser desenvolvido nos próximos nove anos, o Plano de Electrificação

de Cabinda, orçado em mil milhões de dólares. Toda a província fica com acesso a energia eléctrica, desde os grandes centros urbanos às mais pequenas bualas.

O plano já foi apresentado publicamente ao Governo Provincial e ao Conselho de Auscultação e Concertação Social, pelo Secretário de Estado da Energia, Joaquim Ventura. Aquele membro do Executivo garantiu que o plano tem como objectivo cobrir todas as sedes dos municípios, as zonas mais longínquas do interior e perímetros agro-industriais.

Joaquim Ventura disse que o Executivo vai até 2021 abastecer de energia eléctrica em qualidade e quantidade, “todas as sedes municipais, aldeias e as comunidades mais recônditas, a 100 por cento”. As principais fontes de produção de energia eléctrica “são as duas

turbinas a gás de 70 megawatts instaladas na nova central térmica de Malembo” disse.

O secretário de Estado informou que face ao crescimento social e industrial da província de Cabinda, em 2021 a produção de energia deve atingir os 213 megawatts pelo que “até lá, vamos ter de duplicar a potência das fontes de produção”.

Consolidação do plano

O plano prevê que a segunda fase, a ser desenvolvida até 2015, abasteça as zonas mais isoladas, onde nunca houve energia eléctrica. A consolidação do plano de electrificação da província, depende muito da realização de um estudo para determinar as possíveis fontes de energia a serem utilizadas naquelas localidades, hídricas, eólicas e fotovoltaicas: “vamos fazer estudos para determinar se optamos pela construção de mini hídricas, instalação de painéis fotovoltaicos e centrais eólicas, na produção de electricidade”.

As fontes limpas de produção de energia são as mais aconselháveis “por serem menos dispendiosas e causarem menos danos ao ambiente”, disse o secretário de Estado da Energia. Os fundos públicos para o início dos projectos inseridos no Plano de Electrificação da Província de Cabinda “já estão cabimentados e falta apenas a aprovação do Executivo”.

O programa inclui a construção de subestações nos bairros Luvassa Norte, Povo Grande e Tchizo, além de outros equipamentos junto às zonas actualmente abastecidas por grupos geradores isolados.

Também está previsto aumentar as saídas de linhas de transporte a partir da subestação do Palácio e

instalar alguns postos de transformação adicionais na periferia da sede do Governo Provincial, na baixa da cidade de Cabinda e no Museu Regional para garantir os fornecimentos e melhorar o escoamento de energia eléctrica para algumas localidades.

O plano director contempla igualmente extensões e interligações dos postos de transformação para no caso de avariarem não serem afectadas as áreas às quais fornecem energia eléctrica.

O secretário de Estado anunciou que vão ser instaladas, na segunda fase, linhas de 30 quilowatts nas localidades com mais habitantes, casos das aldeias de Subantando, Santa Catarina, Fortaleza, Yema e Yabi. “É preocupação do Executivo iluminar as casas e as vilas para aumentar a segurança das populações”, referiu Joaquim Ventura.

Outras fontes de produção

O secretário de Estado sublinhou que, além das duas turbinas a gás e das fontes hídricas, eólicas e fotovoltaicas previstas para a produção de energia na província de Cabinda, a barragem do Inga, em Matadi, República Democrática do Congo, continua a ser encarada como uma alternativa.

Responsáveis do sector de energia de Angola e da RDC negociam, há mais de cinco anos, a possibilidade da província de Cabinda receber energia eléctrica a partir da barragem do Inga. “É a alternativa que continuamos a estudar”, disse o secretário de Estado.

Joaquim Ventura revelou que o sector da Energia está a desenvolver o sistema de pré-pagamento para evitar que só alguns consumidores paguem as facturas.

A aplicação do sistema “permite arrecadar receitas para suportar encargos com a manutenção e mais investimentos”, disse o secretário de Estado.

Para o êxito deste e de outros programas que o sector da Energia vai realizar na província de Cabinda, disse, são imprescindíveis acções de formação especializadas, destinadas a jovens: “o nosso programa tem uma componente muito grande de formação, vamos formar jovens da província para garantirem a continuidade do trabalho”.



A central térmica de Cabinda está a responder às necessidades dos consumidores e resolveu o problema dos “apagões”

EDUARDO PEDRO



EMPRESA PETROLÍFERA CHEVRON

Um legado duradouro

Há mais de 75 anos que a Chevron (Cabinda Gulf Oil Company) desempenha um papel de relevo no sector energético de Angola. Através dos seus projectos, dos seus parceiros e das suas companhias legadas, incluindo a Gulf Oil Company e a Texaco, a companhia petrolífera ajudou Angola a tornar-se num dos principais produtores de petróleo no mundo.

A Chevron detém participações em quatro concessões petrolíferas em Angola, duas das quais operam ao longo da costa de Cabinda: o Bloco 0, em parceria com a Sonangol EP, Total Petroleum Angola Ltd e ENI Production BV e o Bloco 14, em parceria com a Sonangol P&P, Total Petroleum Angola Ltd, ENI Production BV e Galp-Exploração e Produção. Por outro lado, a companhia possui uma participação no projecto Angola Liquefied Natural Gas (Angola LNG), cuja fábrica visa aproveitar o gás natural liquefeito.

A relação da Chevron com Angola começou quando os produtos da Texaco entraram no mercado angolano nos anos 30 do século passado. Em 1958, a Cabinda Gulf Oil Company Limited, unidade operacional totalmente detida pela Chevron em Angola, sondou então o seu primeiro poço em terra em Cabinda. Pouco tempo depois, a primeira descoberta na zona costeira de Cabinda pela CABGOC, ocorrida em 1966, levou à delimitação do Bloco 0 do Campo do Malongo.

Em 2011, a Chevron produziu em média 527.000 barris de líquidos por dia. Hoje, passados mais de 40 anos desde o início da operação petrolífera no offshore, atingiram-se marcos históricos notáveis, como os 4 mil milhões de barris produzidos no Bloco 0, no qual se destaca o campo de Takula, responsável por

mais de um quarto da produção deste bloco. Na última década, a Chevron e os seus parceiros investiram cerca de 33 mil milhões de dólares em Angola, cobrindo investimentos no Bloco 0, no Bloco 14 e no Angola LNG. Desse montante, aproximadamente 12 mil milhões de dólares correspondem ao valor investido pelos fundos próprios da Chevron.

A complexidade das operações da Chevron impõe certos riscos na sua gestão diária, nomeadamente ao nível da segurança industrial e da protecção ambiental.

A Chevron investe na prevenção de incidentes e de danos ambientais e na resposta para mitigar os impactos quando incidentes ocorrem. Antes de tudo, a segurança das pessoas e das comunidades onde opera está em primeiro lugar.

Diariamente são efectuados voos de reconhecimento às suas operações para identificar qualquer ocorrência, existência de alguma mancha de óleo na água ou de algum animal marinho afectado pelas operações. Além disso, a Chevron tem equipas altamente treinadas para dar resposta a qualquer tipo de incidente e usa tecnologia de ponta para dar resposta a incidentes como derrames.

Os incidentes de derrames nas operações da Chevron são raros, atestando os seus esforços de excelência operacional. Quando há derrames que resultem das actividades da Chevron ou de outrem, a política da companhia é utilizar toda a tecnologia e meios disponíveis para identificar e combater todos os efeitos negativos para o ambiente e as comunidades costeiras, desde a utilização de barreiras de contenção ao uso de dispersantes, obedecendo a padrões internacionalmente estabelecidos. A Chevron possui um laboratório forense que ajuda a

identificar a origem dos derrames, seja proveniente ou não das suas operações. Esse laboratório é integralmente composto por técnicos angolanos e é pioneiro na Chevron ao nível mundial.

A Chevron é a maior empregadora multinacional da indústria petrolífera angolana, com 3.130 empregados angolanos, correspondentes a 88 por cento da força de trabalho (nove em cada dez funcionários) são angolanos, sendo que em Angola os empregados nacionais ocupam 76 por cento dos cargos profissionais e de supervisão e metade do Conselho de Administração da empresa é composto por angolanos. Na província de Cabinda a CABGOC é a maior empregadora do sector privado e um dos principais impulsionadores do desenvolvimento da economia local. Diariamente, mais de seis mil trabalhadores, entre empregados e contratados, laboram no Campo de Malongo.

Uma parceria histórica

A ligação da Chevron a Angola e ao seu povo é umbilical. Uma parceria histórica e sólida, fruto da forte tradição de contribuir positivamente para o bem-estar social das populações e de trabalhar seguindo os mais elevados padrões de excelência em termos de segurança, fiabilidade e eficiência.

Ao mesmo tempo que ajuda Angola a desenvolver o seu sector energético, a companhia desenvolve e apoia programas sociais e de responsabilidade corporativa, os quais contribuem positivamente para o bem-estar social e o desenvolvimento económico da população. Em colaboração com a Sonangol, o governo, os membros da comunidade e os promotores dos programas, a Chevron alinha as suas es-

tratégias de responsabilidade social com a agenda nacional, a fim de melhorar a vida dos angolanos de hoje e das gerações vindouras.

Ao longo das últimas décadas, a Chevron e os seus parceiros investiram mais de 180 milhões de dólares em programas de apoio à saúde, educação e economia de Angola. Nos últimos três anos, mais de 10 milhões de beneficiários receberam algum tipo de assistência ou impacto por parte dos programas sociais da Chevron e parceiros.

Construir vidas saudáveis

A Chevron está a fazer um esforço para reduzir as principais causas de mortalidade e morbilidade em Angola, especialmente entre mulheres e crianças. Ao longo dos últimos 15 anos, a empresa construiu e apetrechou 10 centros de saúde em Cabinda, num investimento total superior a 15 milhões de dólares cobrindo uma vasta área geográfica que abrange Futila, Malembo, Iabi, Massabi, Lucula Zenze e Mandarin.

Em 2011, a Chevron e parceiros no Bloco 0 financiaram a construção do Centro de Saúde Materno-Infantil da cidade de Cabinda. Orçado em oito milhões de dólares, o centro proporciona diagnóstico e tratamento de alta qualidade contra a malária, diarreia aguda e doenças respiratórias, entre outras, a menores de cinco anos.

Inaugurado em 2011, o novo Centro de Saúde de Lucula Zenze resulta de um projecto de três milhões de dólares financiado pela Chevron e suas afiliadas do Bloco 0 e Bloco 14 e o Governo Provincial de Cabinda. Beneficiando mais de 3.000 pessoas, o centro aumenta o acesso aos serviços de saúde na Comuna de Tando Zinze. O Posto de Saúde de Mandarin, com

Desenvolvimento

Os programas da Chevron e seus parceiros, visando o engajamento comunitário em todo o território, são considerados pelos seus responsáveis como investimentos estratégicos no futuro do país. Visam melhorar o acesso aos recursos que vão ao encontro das necessidades básicas humanas, ajudando a proporcionar educação de qualidade e oferecendo apoio ao fortalecimento de meios de subsistência sustentáveis, mediante o desenvolvimento da agricultura, da pesca e das pequenas e médias empresas.

um financiamento de 495.000 dólares por parte da Chevron e suas afiliadas do Bloco 0, foi também inaugurado em 2011. Com capacidade para assistir 2.000 pessoas, o posto serve os membros das comunidades piscatórias de Tchifi, Mandarin, Thimbingo, Tungo e Thississa, próximas da base de operações da CABGOC, no Malongo. O projecto demonstra o compromisso da companhia em aumentar os padrões de vida dos pescadores e suas famílias.

A Chevron tem prestado apoio sistemático ao Banco de Sangue de Cabinda há quase 20 anos. O investimento anual de 350.000 dólares visa garantir serviços de transfusão de sangue seguros na província de Cabinda, através do fornecimento de todos os consumíveis, equipamento e desenvolvimento de capacidades dos trabalhadores de saúde. Mais de 230.000 transfusões seguras foram efectuadas nos últimos 20 anos. Hoje, a Chevron e os seus parceiros no Bloco 0 apoiam os bancos de sangue na Maternidade 1º de Maio, Hospital Central,

ARQUIVO CHEVRON



Centro Médico de Chinga, Cacongo, Belize e Buco Zau. Os bancos de sangue de Cabinda e Cacongo serviram de modelos para o desenvolvimento de um programa de capacitação em toda a nação angolana, em parceria com o Ministério da Saúde, a Safe Blood Foundation for Africa e o Centro dos EUA para o Controlo de Doenças.

O programa estabelece uma parceria para melhorar o actual programa de sangue seguro na província de Cabinda e aumentar as iniciativas de capacitação em todo o país. Estes esforços têm ajudado o Programa Nacional de Sangue Seguro a atingir os padrões e recomendações da Organização Mun-

Aumentar o acesso à educação de qualidade

O compromisso da Chevron no âmbito da educação é ambicioso. Desde a construção de novas escolas e de centros de recursos educativos à formação de professores e desenvolvimento de capacidades e bolsas de estudos, a Chevron e parceiros entendem que a educação é o fundamento do sucesso. Nas duas últimas décadas, foram investidos mais de 40 milhões de dólares no sector da educação em Angola. Desse montante, mais de metade corresponde a investimentos em Cabinda. Nesse mesmo período, foram construídas ou recuperadas mais de 260 salas de aulas em Angola, mais de 130 das quais na província de Cabinda cobrindo povoações como Futila, Lucula Zenze, Tando Zinze, Lândana, Cacongo, Iabe e a cidade de Cabinda.

Em 2012, a Chevron e os seus parceiros do Bloco 0 patrocinaram a construção de uma escola na comunidade do Buco Zau. Orçada em 3,6 milhões de dólares, a escola serve mais de 1.400 estudantes distribuídos em três turnos diários. As instalações possuem 13 salas de aula equipadas com mobiliário e outros apetrechos como gabinetes administrativos, biblioteca, cantina, pátio de recreio e área de serviços.

A Chevron e parceiros têm apoiado o programa pedagógico “Aprenda Brincando”, desde o ano de 2000. Este programa radiofónico de carácter interactivo, realizado em parceria com a Direcção Provincial da Educação de Cabinda e a Rádio Cabinda, promove a aprendizagem fora do ambiente tradicional da sala de aulas, através de debates radiofónicos interactivos interescolares sobre temas variados. Mais de 10.000 alunos participaram no programa desde o seu início. Em 2011, cerca de 1.280 es-

tudantes participaram no programa, incluindo alunos do primeiro e segundo ciclos, representando 34 escolas numa dimensão ao nível da província de Cabinda.

Um dos estandartes dos projectos sociais dedicados à criança angolana é o Concurso de Escrita, lançado em 2010. O programa promove as capacidades de redacção e leitura entre as crianças que frequentam as escolas primárias do Estado. O concurso destina-se a estudantes do quarto ao sexto ano, que devem redigir um pequeno texto, e aos do primeiro ao terceiro ano, cujo despiece é a leitura em voz alta. A inclusão de alunos mais novos estimula as crianças a escreverem bem desde o início da sua escolaridade. Em 2010, quatro escolas em Cabinda participaram no

programa. Em 2011, o concurso foi realizado em 10 escolas primárias públicas das províncias de Cabinda (com quatro escolas), Huambo e Luanda, nele tendo participado cerca de 2.500 crianças (600 das quais da província de Cabinda).

Ao longo dos últimos anos, a CABGOC e seus parceiros tem incentivado a frequência de licenciaturas pelos estudantes da província de Cabinda, nomeadamente, pela criação de condições estruturais nas universidades (fornecimento de livros e computadores para as bibliotecas e laboratórios de informática) e a atribuição de bolsas de estudo locais.

Desde 2009, aproximadamente 170 estudantes beneficiaram de bolsas de estudo na Universidade Privada de Angola (UPRA) e na

Universidade Lusíadas de Angola (ULA). No ano passado, a CABGOC investiu 310.000 dólares na Biblioteca Municipal de Cabinda. A mais antiga referência cultural da província foi reaberta em Outubro de 2011, no Dia Mundial da Herança Audiovisual promovido pela UNESCO.

A CABGOC ofereceu à biblioteca mais de 2.300 títulos e equipamento diverso. A biblioteca serve cerca de 300.000 membros da comunidade e estudantes.

Ainda no quadro dos esforços em prol da melhoria da qualidade do ensino, entre 2011 e 2012 a Chevron e parceiros do Bloco 0 ofereceram 650 livros à Universidade 11 de Novembro e mais de 5.000 livros a várias escolas do ensino primário da província de Cabinda.



Estes são os alunos vencedores do concurso anual organizado pela petrolífera Chevron destinado ao ensino primário

dial de Saúde (OMS), no âmbito dos rastreios de sangue em África. Em 2011 foram realizadas mais de 17.500 transfusões de sangue seguro na província de Cabinda. Deu-se formação sobre a utilização correcta do sangue a 35 profissionais de saúde de 11 províncias de Angola, designadamente, Luanda, Bengo, Cabinda, Benguela, Malange, Bié, Kuando-Kubango, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire. Receberam acções de formação sobre rastreio e transfusões de sangue cerca de 50 técnicos de laboratório e enfermeiros. A Chevron

apoia os esforços do Governo de Angola no combate à malária, com a sua contribuição de cinco milhões de dólares para o Fundo Global, de 2008 a 2011.

Na província de Cabinda o apoio da Chevron permitiu já o tratamento de 136.842 crianças com idade inferior a cinco anos, com uma terapia à base de Artemisina (ACT) e 36.278 mães grávidas com o Tratamento Preventivo Intermitente (IPT). Mais de 144.000 mosquiteiros foram distribuídos em Cabinda entre 2009 e 2011. A Chevron esforça-se por ajudar na luta mundial

para pôr termo ao VIH/SIDA, à tuberculose e à malária. Reforçando o enfoque na área da saúde e de prevenção de doenças, a companhia firmou uma parceria com a cantora Yola Semedo para a promoção dos programas de consciencialização e iniciativas em todo o país.

Em 2011 e 2012, milhares de pessoas participaram em campanhas de sensibilização na luta contra a malária na província de Cabinda nos Centros de Saúde Lombo-Lombo e 4 de Fevereiro, durante os quais foram oferecidos milhares de redes mosquiteiras e equipamento de diagnóstico. A Chevron mantém o compromisso de apoiar os esforços do Governo no combate ao VIH/SIDA e de prestar ajuda às pessoas infectadas pela pandemia através da disponibilização de fundos, campanhas de sensibilização, voluntariado e donativos de consumíveis e outros bens.

Em 2011, a Chevron colaborou com o TPA2 no concurso televisivo de música “Angola Encanta”, visando aumentar a consciência sobre prevenção do VIH/SIDA. Juntamente com a embaixadora social da Chevron, a cantora Yola Semedo, os jovens concorrentes e respectivos professores envolveram-se no programa de prevenção do VIH/SIDA da companhia, participando em eventos e partilhando mensagens de prevenção e histórias pessoais sobre sensibilização e boas práticas contra o VIH/SIDA.

Em Cabinda, a Chevron trabalha também no sentido de impedir a transmissão do VIH de mãe para filho, através do apoio ao programa de corte vertical do VIH/SIDA e apoio ao Centro de Aconselhamento e Testagem Voluntária Irmãs Maria Imaculada, em Cabinda. O

centro recebe um apoio anual de 140.000 dólares do Bloco 0, o que permite a mais de 200 bebés de mães seropositivas receber todos os anos suplementos de leite duas vezes por mês. Este apoio já auxiliou 1.600 crianças desde 2004 e constitui uma mais-valia na prevenção da transmissão do VIH através da amamentação e contribui para a saúde nutricional das crianças de mães seropositivas.

O combate à tuberculose tem sido também foco de atenção para a Chevron. Na província de Cabinda, em 2011, a Chevron ofereceu medicamentos e equipamentos de laboratório e de radiologia para o diagnóstico e tratamento de tuberculose. Desde 2001 que o contributo da Chevron e parceiros no Bloco 0 é responsável por todo o apoio que recebe o programa de diagnóstico e tratamento da tuberculose.

Em 2011, a Chevron assinou um acordo com o Baylor College of Medicine International Pediatrics AIDS Initiative do Texas Children’s Hospital (unidade hospitalar norte-americana) e com a República de Angola, a fim de desenvolver o primeiro programa ao nível nacional de rastreio e tratamento da anemia falciforme.

No primeiro ano de execução em Luanda, o programa fez o rastreio a mais de 15.000 crianças e identificou mais de 220 casos de portadores da doença. Estas crianças têm a oportunidade de receber medicamentos e tratamento que potencialmente lhes podem salvar a vida e mitigar os efeitos da doença.

O programa vai ser expandido à província de Cabinda até ao final de 2012, representando um aumento exponencial na qualidade dos serviços de saúde.



A empresa garante a todos os seus trabalhadores nas instalações do Malongo assistência médica especializada

PROGRAMAS ESPECIAIS

Apoio à economia

Através dos seus programas agrícolas, a Chevron trabalha com os parceiros para promover uma produção mais sustentável e facilitar as relações de negócios entre os produtores, fornecedores, bancos, transformadores e distribuidores de colheitas para o comércio.

Os programas oferecem assistência técnica a milhares de agricultores organizados, ajudando a aumentar a produção. O apoio ao sector das pescas da província de Cabinda, no Projecto Tuende tu Vuba, iniciativa criada para a melhoria da situação social e económica de pescadores locais e suas famílias em 2010.

O empreendimento visa fundamentalmente reduzir os custos operacionais da actividade pesqueira, melhorar a rentabilidade económica e estabelecer melhores relações entre a Chevron e as comunidades piscatórias. O programa permite à Chevron manter um diálogo regular com os pescadores, reavaliando e ajustando-se continuamente às necessidades e prioridades dos membros das associações piscatórias. Como resultado dessa aproximação, os pescadores e a Chevron tornaram-se melhores parceiros.

O programa facilita o acesso ao crédito, equipamento de pesca e o apoio às necessidades operacionais dos pescadores, tais como combustível e gelo. Foi instalada no Lombo-Lombo uma bomba de combustível, propriedade de pescadores e de gestão privada, na sequência de um processo de contratação aberto à concorrência. Os pescadores dispõem agora de acesso ao combustível mais fácil e seguro, o que lhes permite pescar além das tradicionais áreas de águas rasas e melhorar as suas capturas e lucros.

Em 2012, foi instituído um sistema de crédito com o Banco de Poupança e Crédito (BPC). Cerca de 480 mulheres peixeiras receberam empréstimos num total de aproximadamente 500.000 dólares. De igual modo, 128 membros da associação de pescadores do norte de Cabinda (AVOPESC) receberam um total de 160.000 dólares em créditos do BPC.

O programa Tuende tu Vuba estabeleceu ainda uma oficina, propriedade de pescadores e de gestão privada, para reparação rápida dos

motores dos barcos de pesca. A oficina garante que haja competência local para a reparação de motores de barcos a preços acessíveis, dado que são mecânicos qualificados a gerir o local como uma microempresa. Disposto deste estabelecimento, os pescadores poupam até 30 por cento dos custos das reparações e de outros produtos indispensáveis à pesca. O programa já abrangiu 3.500 beneficiários.

De 2003-2010, o projecto Aliança para o Desenvolvimento Agro-Empresarial de Cabinda (CADA), patrocinado pela Chevron e associadas do Bloco 0, deu assistência técnica a cerca de 554 agricultores e ajudou na adopção de técnicas agrícolas melhoradas.



Yola Semedo no combate à malária

Estes esforços criaram mais de 290 postos de trabalho e fornecimento regular de 200 toneladas métricas de legumes verdes para o Campo de Malongo e o mercado geral de Cabinda. O projecto transferiu os seus recursos humanos e equipamento para a Cooperativa Kuvata, gerida por agricultores. Entre 2001 e 2006, o projecto de fomento da produção de mandioca em Cabinda beneficiou mais de 3.000 famílias, gerando um aumento da produção em mais de 30 por cento. Cerca de 900.000 dólares foram investidos neste programa.



Richard Cohagan director-geral da Chevron

Em 2004, a Chevron e outros sócios criaram o Novo Banco, uma instituição de microfinanciamento destinada a estimular o desenvolvimento da actividade empresarial em Angola. Com a designação actual de Banco BAI Microfinanças (BMF), a Chevron detém uma participação de 7,02 por cento na instituição.

O BMF possui um activo líquido de 117,2 milhões de dólares e conta com 33 mil clientes activos. Relativamente ao desenvolvimento de negócios, em 2011 o crédito a clientes apresentou um saldo de 60,3 milhões de dólares, um crescimento de 338 por cento comparativamente a 2010. A maioria dos beneficiários dos empréstimos são empresários de pequenas e médias empresas. O banco possui 15 agências espalhadas por cinco províncias.

No segundo semestre de 2011, sob apoio directo da Chevron, o BMF inaugurou um novo balcão em Cabinda. Durante o primeiro trimestre de operacionalidade, foram abertas um total de 331 contas bancárias, correspondendo a uma taxa de crescimento de 18 por cento comparada com outras agências espalhadas pelo país.

Em termos de depósitos, a agência registou um valor de 528.291 dólares, representando 1,4 por cento da carteira geral de depósitos do Banco, o que reflecte em certa medida o aumento da cultura de poupança no seio da população.

A segurança é prioritária para a Chevron e a companhia está empenhada em garantir que a segurança das comunidades. Reforçando a capacidade operacional e a segurança dos pescadores, em 2010 a Chevron instalou radares, reflectores, GPS e outras ferramentas de navegação em 400 barcos, beneficiando mais de 2.000 pescadores de Cabinda.

A empresa em Números

A Chevron é o maior empregador internacional no sector petrolífero em Angola e principal empregador do sector privado em Cabinda.

527.000
Barris diários de produção total líquida do Bloco 0 e do Bloco 14 em 2011.

1.760
Quilómetros de oleodutos usados nas operações offshore da Chevron em Angola.

675.000
Capacidade diária de barris do Terminal do Malongo.

12
O Tanque 12 no Malongo é o maior tanque de África de armazenamento no solo, com uma capacidade de 1,2 milhões de barris.

3.130
Empregados angolanos na Chevron.

33.000
Angolanos profissionalmente formados pela Chevron em Angola ao longo dos últimos 27 anos.

6.063
Refeições diárias servidas no Malongo.

65 milhões
Horas de trabalho sem lesões que resultassem em dias de ausência do trabalho (DAFWI), representando o maior recorde de segurança (alcançado em Março de 2010) da Chevron em Angola.

21
Anos que o grupo das operações do Terminal do Malongo trabalha em segurança sem o registo de qualquer incidente que resultasse em ausência do trabalho.

76
Porcentagem de angolanos que detêm cargos de supervisão.

88
Porcentagem da força de trabalho que é angolana

1971
Descoberta do campo de Takula.

1968
Primeira produção de petróleo no offshore do Malongo.

2004
A concessão do Bloco 0 é prorrogada até 2030.

2012
Quatro mil milhões de barris produzidos no Bloco 0.

60 milhões
De dólares investidos em projectos comunitários e sociais em Angola ao longo dos últimos três anos.

2009
Primeira produção de petróleo no campo Mafumeira Norte e mil milhões de barris no campo Takula, ambos no Bloco 0, e início da produção de petróleo no campo Tômbua-Lândana, no Bloco 14.

2006
Início da produção de petróleo no campo Benguela-Belize-Lobito-Tomboco (BBLT), no Bloco 14.

Programa de segurança rodoviária

Preocupada com o elevado índice de sinistralidade rodoviária que ceifa muitas vidas humanas, a Chevron alargou em 2009 o seu programa "Chegar em Segurança", inicialmente destinado aos empregados e empreiteiros da Chevron e suas famílias, subsidiando uma campanha nacional de sensibilização sobre segurança rodoviária, em parceria com a Direcção Nacional de Viação e Trânsito (DNVT).

A campanha, inserida no quadro do Programa de Segurança Rodoviária de Angola, centrou-se na importância de prevenir ferimentos e mortes através da aplicação de medidas tais como o uso de cadeiras para crianças e do cinto de segurança, a proibição de conduzir sob o efeito do álcool e de utilizar o telemóvel durante a condução. Em 2011, a Chevron prosseguiu com a campanha oferecendo à Direcção Provincial de Viação e Trânsito de Cabinda (DPVT Cabinda) equipa-

mento de segurança rodoviária avaliado em 150.000 dólares, nomeadamente, dispositivos para medir a taxa de alcoolemia, dispositivos a laser para controlo de velocidade, sinais rodoviários e um radar de controlo de velocidade.

Para reforçar o apoio aos esforços da DPVT de Cabinda em prol da redução de casos de morte causados pelo elevado número de acidentes rodoviários que ainda se registam nas estradas da província, em 2012 a Chevron vai conceder 150.000 dólares adicionais para a aquisição de equipamento de segurança rodoviária e para a realização de campanhas e programas de sensibilização sobre segurança rodoviária.

No âmbito do compromisso assumido para contribuir para os meios de subsistência nas comunidades circundantes da base operacional do Malongo, a CABGOC melhorou o acesso à água potável para mais de

2.200 pessoas vivendo em comunidades costeiras em Mandarim, Tchiafi e Tungo entre 2009 e 2012. Nas mesmas localidades, foram também instalados 71 postes de iluminação a energia solar, beneficiando mais de 2.000 pessoas. A Chevron apoia de forma regular e sustentada várias instituições de caridade e de solidariedade social e outras actividades filantrópicas na província de Cabinda.

Desde 1994, a Chevron e os parceiros disponibilizaram fundos para estas iniciativas superiores a sete milhões de dólares.

Entre os beneficiários regulares destes fundos estão mais de 20 orfanatos e internatos e o Hospital Central de Cabinda.



A Chevron apoia e financia um programa para acabar com a morte nas estradas

Yola Semedo
Cantora



COMBATA A MALÁRIA! JUNTE-SE A NÓS.

A Malária mata, mas pode ser prevenida e é tratável. Evite áreas infestadas por mosquitos e realizar actividades ao ar livre de noite. Use repelentes, cortinas e mosquiteiros tratados com insecticida. Ajude a eliminar os sítios de reprodução temporária de mosquitos, tais como as lixeiras, os charcos, sarjetas, valas, pneus e garrafas vazias abandonadas. Seja um agente activo da prevenção. Ganhe esta luta!



Energia Humana®

ACTIVIDADE EMPRESARIAL

Fundo especial apoia projectos económicos

Ministério das Finanças e Banco Africano de Investimento (BAI) financiam novos negócios

JOAQUIM SUAMI | Cabinda

O Fundo de Investimento para Cabinda (FICA) com um valor global de 30 milhões de dólares, no quadro dos acordos rubricados entre o Governo Provincial, Ministério das Finanças e o Banco Africano de Investimento (BAI), para incentivar actividade empresarial, já financiou 37 projectos de diversos ramos de negócios, com destaque para os sectores do comércio e hotelaria.

O fundo visa garantir aos empresários da província de Cabinda meios financeiros para desenvolverem as suas actividades económicas, sendo 18 milhões para garantias e 12 milhões para bonificação de juros. O BAI financia os projectos no quadro dos programas do Governo Provincial para o crescimento da economia.

O secretário provincial para o Sector Empresarial, Bernardo Machado, referiu que 21 empresas beneficiaram de financiamento e algumas já estão a fazer o reembolso dos valores recebidos, o que vai permitir ao Fundo de Investimento para Cabinda continuar a financiar projectos. A maior parte dos projectos financiados é dos ramos da hotelaria, prestação de serviços, saúde, indústria e pescas.

O governo da província de Cabinda, através da comissão técnica de acompanhamento do fundo, tem estado a sensibilizar os empresários a honrarem os seus compromissos no reembolso dos valores recebidos.

Bernardo Machado disse que para além dos 37 projectos já financiados dos ramos de hotelaria e de prestação de serviços, a comissão técnica de acompanhamento do



Bernardo Machado é o secretário provincial para a actividade empresarial em Cabinda

fundo, tem em carteira 30 candidaturas do sector da agricultura. A aposta do Governo Provincial neste sector deve-se ao facto de ser importante para o crescimento da economia local.

“Estamos a sensibilizar todos os empresários ou pessoas singulares que têm interesse em investir no sector da agricultura para elaborarem os seus projectos de forma a beneficiarem do apoio financeiro, no âmbito do Fundo de Investimento para Cabinda.

Alguns projectos já foram encaminhados para o Banco Africano de Investimento (BAI) para receberem o financiamento e começaram a ser executados de modo a contribuir no combate à pobreza no seio das populações”, referiu Bernardo Machado.

O secretário provincial para o Sector Empresarial referiu que a comissão técnica de acompanha-

mento do Fundo de Investimento para Cabinda tem igualmente alguns projectos agro-pecuários em vias de serem financiados. Acrescentou que os empresários da transformação madeira vão também ser privilegiados.

Processo sem burocracia

Bernardo Machado esclareceu que não existe burocracia na concessão de crédito através do fundo especial. O problema é que muitos agentes económicos têm dificuldades na elaboração de estudos e projectos para adquirem financiamento, o que provoca demora na sua avaliação.

“A elaboração de um projecto requer custos. Em Cabinda não temos estruturas do Estado vocacionados para este efeito, mas internamente, estamos a estudar formas de ajudar os empresários na elaboração dos



Maria Lina Sambo conseguiu financiamento para comprar equipamentos médicos

projectos, como mandam as regras do Fundo Especial para Cabinda”, disse Bernardo Machado.

Empresários satisfeitos

Os primeiros 37 empresários que beneficiaram dos empréstimos do Fundo de Investimento para Cabinda estão satisfeitos com o incentivo do Governo Provincial, porque melhoraram os seus negócios. O fundo está a facilitar aos agentes económicos o desenvolvimento das suas actividades, o que contribuiu para o crescimento da economia na província.

O empresário Hélder Armindo, que exerce a sua actividade no ramo de hotelaria, disse que recebeu 50 mil dólares do Fundo de Investimento para Cabinda, o que lhe permitiu melhorar a cozinha, a sala do restaurante e os serviços de atendimento aos clientes.

“Com o valor recebido, conseguimos melhorar as condições e os nossos serviços estão mais rápidos o que melhorou muito o atendimento aos clientes”, disse.

O empresário Agostinho Chuila, do ramo de hotelaria, também recebeu 50 mil dólares de empréstimo com juros bonificados: “com esse dinheiro consegui ampliar o meu negócio. E comprei um gerador, que está a facilitar os trabalhos”.

O empresário Francisco Webba recebeu um empréstimo de 470 mil dólares o que lhe permitiu melhorar a sala do restaurante, a cozinha e outros serviços.

Maria Lina Sambo, da Clínica CDAC, recebeu 700 mil dólares para compra de equipamentos para o laboratório: “estou muito satisfeita com o apoio, porque o material adquirido permite fazer diagnósticos aos pacientes com muita rapidez e eficiência”.

NOVA LINHA DE ENCHIMENTO ESTÁ A FUNCIONAR

Água Tchiowa conquista o mercado de Cabinda

Fábrica está a engarrafar 150 mil litros por dia e lança novas embalagens

JOAQUIM SUAMI | Cabinda

A nova linha de enchimento da fábrica Água Tchiowa representa um investimento de 20 milhões de kwanzas e tem capacidade para produzir 75 mil litros de água por dia. Este reforço permitiu elevar a produção diária para 150 mil litros, porque o mercado está permanentemente a aumentar, disse ao Jornal de Angola o director-geral da empresa, Samuel Pequeno.

A aquisição da nova linha de enchimento permitiu produzir mais garrafas de 1,5 litros e de 0,33 centilitros. Foi justificada pela muita procura que se regista no mercado local. A administração da empresa assumiu uma nova estratégia: “levar a água Tchiowa aos países vizinhos em grandes quantidades”, disse Samuel Pequeno à nossa reportagem.

A direcção da fábrica de água Tchiowa está satisfeita com a compra do equipamento, porque permitiu satisfazer a procura dos clientes, que têm vindo a aumentar, sobretudo no último ano. No exercício económico de 2011, a fábrica produziu seis milhões de litros de água, em garrafas de 1,5 e 0,33 centilitros, e em garrafas de 18,9 litros e cinco litros.



A linha de enchimento é reforçada com novos equipamentos para aumentar a produção

Comparativamente ao ano de 2010 houve uma autêntica explosão da produção e vendas. “Nesse ano foram engarrafados apenas 110 mil litros, muito longe dos seis milhões de litros engarrafados no ano passado, graças à instalação da nova linha de enchimento”, disse o director-geral da fábrica de água

Tchiowa, que já faz parte da imagem de Cabinda. A aquisição da nova linha de enchimento está a permitir à fábrica de água Tchiowa um crescimento favorável no mercado local, tendo em conta o pouco tempo em que está a produzir.

A grande novidade foi o lançamento no mercado de garrafas de

18,9 litros e de cinco litros. Este passo na produção permitiu responder em força aos consumidores domésticos. “A fábrica labora em três turnos e enche 10.200 garrafas por dia, o que equivale a 150 mil litros de água diariamente”, disse Samuel Pequeno. O sucesso das vendas deve-se à excelente qualidade da água, confirmada por análises laboratoriais de grande rigor em laboratórios com prestígio internacional. O elevado nível atingido leva a empresa a melhorar em cada dia a sua performance.

Para além da qualidade da água Tchiowa, existem outros factores que contribuíram para o crescimento rápido da fábrica. Um deles tem a ver com os contactos directos com os revendedores e com os consumidores finais. Outro factor importante tem a ver com o trabalho eficaz e rigoroso desenvolvido no laboratório, que consiste na pesquisa e na detecção de deficiências que surgem no processo de produção.

Mais investimentos

A empresa que fabrica a água Tchiowa prepara mais investimentos em novas linhas de enchimento, com vista a evitar a escassez do



Director fabril da Tchiowa Samuel Pequeno

produto no mercado local. O principal objectivo é fortalecer a produção e a distribuição no mercado nacional e internacional.

Depois de consolidado o mercado, a empresa vai avançar com outros investimentos para a produção do Sumo Tchiowa: “dado o sucesso obtido até agora pela nossa marca, queremos ir à conquista do mercado de sumos e refrigerantes”, anunciou o director-geral da empresa.

Em termos de recursos, a fábrica tem ao serviço 116 trabalhadores nacionais e quatro expatriados. Com a nova linha de enchimento, a empresa criou mais 15 postos de trabalho.

A unidade fabril proporciona aos seus trabalhadores formação contínua, ministrada pelos técnicos contratados no estrangeiro.

Os equipamentos instalados na fábrica de água Tchiowa, desde o arranque da sua actividade, em 2009, funcionam sem dificuldades, fruto das manutenções constantes que os operadores fazem antes do início de cada turno de produção.

SECRETÁRIO DA CULTURA ACUSA

“Há igrejas que promovem imigração ilegal”

Em Cabinda os estrangeiros ilegais detidos têm instalações com um refeitório e posto médico

ALBERTO COELHO | Cabinda

O secretário da Cultura em Cabinda, Euclides Barros da Lomba, acusou algumas igrejas de estarem a promover e a auxiliar a imigração ilegal na província. A convivência entre a instituição que tutela a Cultura e as igrejas fora da lei tem sido difícil.

Mas como a “regra de ouro” na província de Cabinda é respeitar a liberdade de expressão e de religião, os órgãos do Ministério do Interior evitam ao máximo intervir. Mas Euclides Barros da Lomba afirma que a realidade está à vista: “a maior parte destas igrejas estão intimamente dependentes de outras igrejas e pastores originários da República Democrática do Congo que constantemente incorrem na prática ou apoio à imigração ilegal.”

Em Cabinda existem redes bem estruturadas baseadas nos dois países vizinhos e no interior da província, que intervêm na promoção e auxílio à imigração ilegal: “as sedes dessas igrejas são autênticos albergues de estrangeiros em situação ilegal ostentando a capa de crentes”, afirma Euclides Barros da Lomba.

A direcção da Cultura em Cabinda também está preocupada com os constantes conflitos, que vão ao confronto físico, no seio das igrejas e que envolvem até os pastores, uma situação que afecta os crentes e a sociedade no seu todo.

Euclides da Lomba reconhece que excluindo essas igrejas que não passam de instrumentos de apoio à imigração ilegal, “todas as outras desempenham um importante papel como parceiros do Governo Provincial nas tarefas de divulgação das orientações e obrigações

sociais, sempre que solicitadas e integradas nos planos e acção decorrentes dos novos desafios”.

Para salvaguardar o papel “extremamente positivo das igrejas em Cabinda” mais se justifica acabar com as poucas que estão fora da lei.

Euclides da Lomba reconhece que “as igrejas ajudaram o Governo Provincial nas campanhas de mobilização e participação das populações no processo de registo e actualização eleitoral, na divulgação da Lei Contra a Violência Doméstica, nas campanhas de vacinação e combate às doenças mais frequentes.

São parceiras imprescindíveis e exemplares na forma como participam na vida social e política para o bem-estar da população. Não merecem que algumas promovam a ilegalidade e a subversão”.

A Secretaria da Cultura tem o registo de 51 igrejas legalmente reconhecidas e 160 em vias de legalização. Mas mesmo as que ainda não foram legalizadas, exercem a sua actividade sem qualquer impedimento: “mais uma razão para não abusarem da abertura e compreensão das autoridades provinciais e nacionais”.

Vigilância permanente

O director do Serviço de Migração e Estrangeiros (SME) reconheceu que há uma proliferação de igrejas na província cuja maioria é proveniente da República Democrática do Congo. “É verdade que essas igrejas são oriundas, sobretudo, da RDC onde os cultos são preferidos em língua estrangeira e o pastor nem sequer sabe pronunciar uma palavra em português”. Manuel Gomes disse à nossa reportagem que a permanência ilegal de



RAFAEL TATI

Euclides Barros da Lomba está preocupado com a proliferação de seitas religiosas

estrangeiros na província se deve em grande parte à guarida que lhes é dada pelos seus concidadãos que se encontram há mais tempo no país e muito deles já com a nacionalidade angolana.

“Muitos estrangeiros residentes adquiriram a nacionalidade angolana e são principais receptores e protectores dos seus concidadãos que se encontram em situação ilegal e criam, inclusive, facilidades junto aos órgãos de Justiça para adquirirem documentos e a nacionalidade angolana”.

Manuel Gomes disse que o SME está a trabalhar com os órgãos de Justiça no sentido de estancar esta prática e apurar de que forma muitos estrangeiros na província adquiriram a nacionalidade angolana, se é legal ou fraudulenta: “já temos alguns casos determinados e os ór-

gãos competentes estão a trabalhar para no devido momento apresentarmos os resultados. A nossa vigilância é permanente”.

A província de Cabinda partilha a Norte, Sul, Sudoeste e Este uma vasta fronteira comum com os Congos. O facto de geograficamente estar situada entre estes países tem contribuído para o fluxo migratório de cidadãos estrangeiros para o interior da província. Manuel Gomes diz que a vulnerabilidade das fronteiras permite a entrada ilegal de estrangeiros no território nacional. Contribui também para o descontrolo do fluxo migratório dada a falta de meios apropriados para a protecção da fronteira.

O Executivo está a fazer tudo para criar condições de trabalho às autoridades migratórias na província de Cabinda, que vão contribuir para a

diminuição da entrada ilegal de estrangeiros no território. Manuel Gomes pediu à população da província de Cabinda para encarar a imigração ilegal como uma ameaça à segurança nacional: “quando os angolanos deixarem de arrendar as suas casas ou dar guarida aos estrangeiros ilegais isto vai desencorajar a imigração clandestina para o nosso país”.

Direitos humanos

Manuel Gomes considerou preocupante a situação migratória: “há uma violação sistemática das nossas fronteiras por cidadãos estrangeiros e os números dos que são repatriados por semana levam-nos a concluir que o fenómeno está a aumentar”. Mas apesar de haver tanto estrangeiro em situação ilegal, “todos são tratados com respeito e ninguém se pode queixar de maus-tratos”. De Janeiro de 2011 a Fevereiro de 2012 foram expulsos da província de Cabinda 15.641 estrangeiros que se encontravam em situação ilegal da província. Os estrangeiros ilegais que aguardam repatriamento para os seus países ficam entre 24 e 48 horas no Centro de Detenção de Estrangeiros Ilegais (CDEI), uma infra-estrutura construída de raiz e que tem uma área administrativa, posto médico, duas naves com capacidade para albergar 450 detidos, cozinha, dois refeitórios e casas de banho. “No centro de detenção não falta nada, desde apoio médico à alimentação. Os estrangeiros em situação ilegal vivem nas instalações do SME como nunca viveram nos seus países”.

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Compre o que é "Feito em Angola"
Compre a qualidade do que é nosso!



www.feitoemangola.gov.ao - feitoemangola@minec.gov.ao

Compre o que é "Feito em Angola"
Compre a qualidade do que é nosso!



www.feitoemangola.gov.ao - feitoemangola@minec.gov.ao



ESPECIAL CABINDA
Jornal de Angola

Conselho de Administração

António José Ribeiro (presidente)
Administradores Executivos
Catarina Vieira Dias Cunha
Eduardo Minvu
Filomeno Manaças
Sara Fialho
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
José Alberto Domingos
Administradores Não Executivos
Victor Silva
Mateus Morais de Brito Júnior

Director: José Ribeiro;
Direcção de Arte: Albino Camana
Coordenação: Artur Queiroz
Textos: Artur Queiroz, Adalberto Ceita, Leonor Mabiála, Bernardo Capita, Alberto Coelho e Joaquim Suami
Copy Desk: Artur Queiroz
Fotografia: Rafael Taty, Rogério Tuti, António Soares e Eduardo Pedro
Paginação e Arte: Edições Novembro - E.P.

Publicidade: (+244) 222 337 690 | 222 333 466



Localização Geográfica

Cabinda é uma das 18 províncias de Angola, sendo um enclave limitado ao norte pela República do Congo, a leste e ao sul pela República Democrática do Congo e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Tem uma superfície de 7 283 km² e cerca de 300 000 habitantes.



Electricidade industrial também está nas mãos das mulheres de Cabinda



Maria Imaculada está a fazer o curso soldadura e tem bom aproveitamento



Isabel Sandra já sabe tudo sobre técnicas de Automação Hidráulica

CENTRO PROFISSIONAL DO CAIO

Mulheres aderem a profissões antes exclusivas dos homens

Centenas de técnicos lançados no mercado de trabalho

LEONOR MABIÁLA | Cabinda

Maria Imaculada Malonda, 24 anos, é a única mulher a frequentar o curso de soldadura no Centro de Formação Profissional do Caio. Optou pela profissão de soldadora por influência de pessoas que trabalham na área em várias oficinas da cidade de Cabinda.

Quando lhe dizem que o trabalho é perigoso, ela responde que “o mais importante é a concentração no trabalho e os formadores têm transmitido todos os detalhes para prevenir situações que colocam a nossa vida em risco e a dos outros.” Maria Malonda foi aconselhada pelos ami-

gos e parentes a optar pelo curso de informática ou culinária. Mas ela quer mesmo ser soldadora, “ainda que eu saiba que é uma actividade habitualmente executada por homens”. Malonda aconselha as mulheres a quebrarem os tabus e abraçarem as profissões que são tidas como exclusivas dos homens. Luzia das Dores, de 26 anos, faz no centro de formação do Caio o curso de electricidade industrial.

No princípio teve dificuldades para lidar com os cabos eléctricos e com a ajuda do formador e dos colegas foi combatendo o medo. Com o passar do tempo, Luzia começou a fazer instalações eléctri-

cas. Quando lhe falam no perigo ela diz que aprendeu uma coisa importante: “a concentração é o segredo para evitar situações inesperadas que podem ser perigosas. Concluída a formação, o futuro está garantido porque já tem uma empresa onde vai trabalhar.

Isabel Sandra, de 26 anos, está a especializar-se em indústria hidráulica para um dia trabalhar com máquinas pesadas como guias e manutenção de elevadores.

Sente-se orgulhosa da profissão que está a aprender e sonha com o dia em que vai manejar, sozinha, equipamento pesado, como as guias. Isabel sabe que está a “inva-

dir” uma profissão “só para homens” mas isso ainda lhe dá mais força para continuar até ao fim. Horácio Vumbi Panzo, aluno do curso de electricidade industrial, afirma que o Centro Profissional do Caio “é um mundo de oportunidades para os jovens de Cabinda. E o mais importante, é que para além de conseguirmos a nossa formação sem sair da província, a formação profissional é totalmente gratuita”.

Mais de mil profissionais

O director do Centro de Formação Profissional do Caio, Alberto Yoba, revelou que desde a sua criação já foram formados 1.079 profissionais em vários cursos.

O centro está a preparar profissionalmente os jovens para a sua inserção no mercado de trabalho. Começou a funcionar em 2005 com seis cursos: electricidade predial, informática, mecânica de refrigeração, serralharia civil, canalização e alvenaria.

Tendo em conta a necessidade de diversificar as áreas de formação em função das necessidades do mercado, foram acrescentadas, em 2011, mais três especialidades: pastelaria e culinária, soldadura e hidráulica. O próximo passo é introduzir os cursos profissionais de mecânica industrial e desenho.

O director do centro de Formação Profissional do Caio garantiu à nossa reportagem que a instituição está dotada de todos os equipamentos necessários para abrir os novos cursos e nesta fase estão a ser recrutados os formadores. Logo a seguir arrancam os cursos. A formação profissional em Cabinda tem o apoio do centro de formação da Noruega, KK.

Actualmente, o centro tem dez especialidades e 284 formadores. Os cursos têm durações que variam entre os três e os nove meses. “Os nossos profissionais têm quase sempre garantido o emprego no fim dos cursos”, disse Alberto Yoba.

Este ano, o centro registou 817 inscrições mas apenas ficaram 284, devido à insuficiência de espaço para mais alunos. Entre os requisitos exigidos para concorrer a uma vaga, referiu, é a idade mínima de 14 anos, inscrição e depois um teste de admissão.



Fátima Vumbi Quionga

Construção de Angola

Um país em construção precisa de técnicos qualificados e competentes. A formação profissional dos jovens é essencial para ajudar os jovens a enfrentarem um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Fátima Vumbi Quionga tem 42 anos e é mãe de quatro filhos. Saiu de casa para tirar o curso de pastelaria e culinária. Após a sua formação, vai criar a sua própria empresa: “quero abrir em Cabinda um restaurante voltado para fornecimento de refeições para levar para casa ou para o emprego. Penso que Cabinda está necessitada de um espaço de restauração como esse”.

O formador da área de electricidade, Conde Jorge Xavier, disse à nossa reportagem que o centro de formação profissional tem servido o mercado da província com muitos jovens profissionais, “todos com excelentes capacidades técnicas”.

Fátima Monteiro é formadora há 20 anos na área da pastelaria e culinária: “os alunos demonstram muito interesse em aprender e isso facilita a transmissão dos ensinamentos. “Pedimos a todos pais para encorajarem os seus filhos a terem uma formação profissional”, disse.

Os cursos de pastelaria e culinária permitem aos profissionais criar pequenas empresas ou trabalhar por conta própria, enquanto aguardam pela sua inserção no mercado de trabalho.



Os cursos de culinária no Centro de Formação do Caio são muito procurados por jovens que pretendem montar o seu próprio negócio